

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

PAOLA GOMES PEREIRA

A GEOGRAFIA NO ENSINO MÉDIO E SUA INFLUÊNCIA NA ESCOLHA E
ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE GEÓGRAFOS E PROFESSORES

Porto Alegre
2011

PAOLA GOMES PEREIRA

A GEOGRAFIA NO ENSINO MÉDIO E SUA INFLUÊNCIA NA ESCOLHA E
ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE GEÓGRAFOS E PROFESSORES

Monografia apresentada ao Departamento de
Geografia da Universidade Federal do Rio
grande do Sul para a obtenção do grau de
Bacharel em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos
Castrogiovanni
Co-orientador: Prof. Dr. Nelson Luiz
Sambaqui Gruber

Porto Alegre
2011

TERMO DE APROVAÇÃO

PAOLA GOMES PEREIRA

A GEOGRAFIA NO ENSINO MÉDIO E SUA INFLUÊNCIA NA ESCOLHA E
ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE GEÓGRAFOS E PROFESSORES

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Geografia, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela seguinte banca:

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos Castrogiovanni
Faculdade de Educação, UFRGS

Prof^a. Dra. Ivaine Maria Tonini
Faculdade de Educação, UFRGS

Prof. Dr. Paulo Roberto Rodrigues Soares
Departamento de Geografia, UFRGS

Porto Alegre, 15 de julho de 2011

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que me oportunizou excelentes aulas durante o curso de graduação.

Aos professores do Departamento de Geografia que contribuíram para minha formação acadêmica.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) por oferecer bolsas de estudo que incentivam a pesquisa.

Ao grupo PET/Geografia da UFRGS que logo no início do meu percurso acadêmico possibilitou compreender um pouco melhor a organização da universidade. Aos colegas petianos que através do diálogo permitiram um crescimento pessoal e intelectual de todos. Aos tutores do grupo PET/Geografia Prof^a. Rosa Medeiros e Prof. Nelson Gruber.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por incentivar a cooperação internacional e através de suas ações oferecer a oportunidade de realização de intercâmbio acadêmico.

Aos professores participantes da banca de avaliação do Trabalho de Graduação Prof^a. Ivaine Tonini e Prof. Paulo Soares, que devido as suas aulas ao longo do curso me fizeram considerar importante sua participação nesse momento.

Ao meu orientador de pesquisa de iniciação científica e trabalho de graduação, Prof. Antonio Carlos Castrogiovanni, que foi incansável em contribuir para meu crescimento enquanto professora e pesquisadora.

Aos colegas de curso que participaram de trabalhos, eventos, discussões, conversas e que buscaram o amadurecimento de maneira conjunta.

Aos colegas profissionais e estudantes que participaram das entrevistas e me oportunizaram diálogos interessantíssimos.

Às minhas amigas queridas que sempre me possibilitaram momentos de alegria em tempos de aflição.

À minha família. Minha irmã Laura. Meu pai Paulo. Minha mãe Débora. Que são os grandes responsáveis por minha vontade de estudar e conhecer o mundo. E agradeço principalmente o fato de viver em uma casa onde nos ajudamos e crescemos juntos.

O diabo é que cada um de nós é mesmo uma ilha, e nessa solidão, nessa separação, na dificuldade de comunicação e verdadeira comunhão com os outros, reside quase toda a angústia de existir... Cada homem é uma ilha com seu clima, sua fauna, sua flora e sua história particulares... E a sua erosão... E a comunicação entre as ilhas é das mais precárias, por mais que as aparências sugiram o contrário. São pontes que o vento leva, às vezes apenas sinais semafóricos, mensagens truncadas escritas num código cuja chave ninguém possui. Tenho a impressão de que as ilhas do arquipélago humano sentem dum modo ou de outro a nostalgia do Continente, ao qual anseiam por se unirem.

(Erico Verissimo – O Arquipélago)

RESUMO

O seguinte trabalho tem como objetivo analisar as orientações curriculares para a Geografia no Ensino Médio e a influência das aulas da disciplina na escolha, formação e atuação de profissionais da área. Ao pensarmos a relevância dessas aulas e sua influência para escolha do curso de graduação, nos propomos a tentar entender a decisão de jovens em tornarem-se Geógrafos e Professores de Geografia. A compreensão do Ensino de Geografia a partir da ótica de profissionais que atuam na ciência é algo atraente e que possibilita a apresentação de diferentes visões sobre como esse ensino se relaciona com a formação e a atuação profissional. Para orientar nossos caminhos metodológicos procuramos refletir através de um pensamento complexo. A pesquisa desenvolveu-se em distintos momentos. Primeiramente realizamos uma revisão teórica sobre o Ensino de Geografia e sua presença no Ensino Médio, e sobre o reconhecimento e atribuições profissionais dos Geógrafos. A partir disso, foi elaborado um roteiro para nortear a aplicação de entrevistas qualitativas, orientadas por nossos objetivos. Participaram das entrevistas dez profissionais de Geografia e dez estudantes do curso de graduação. As entrevistas foram individuais, em profundidade, e gravadas para posteriormente ser feita a transcrição. Após a aplicação das entrevistas foram eleitos critérios para que a partir deles fossem analisadas as falas dos sujeitos, buscando em suas expressões possíveis respostas para nossos questionamentos iniciais. Observamos que para muitos desses sujeitos, as aulas de Geografia do EM não estavam presentes enquanto facilitadoras da escolha pelo curso, e nos questionamos como poderiam ter sido melhores. A partir de nossa leitura das falas dos sujeitos, percebemos que a principal possibilidade de significação dessas aulas é a presença de um professor qualificado. Que instigue os alunos a pensar e aplicar a Geografia através de diferentes perspectivas em suas realidades. Trabalho difícil, que exige uma formação acadêmica complexa que permita a esse professor o exercício de pesquisa, aliando a isso uma formação continuada e condições adequadas para execução de seu trabalho.

Palavras-chave: Ensino Médio, Ensino de Geografia, Atuação Profissional

ABSTRACT

The following study aims to analyze the curriculum guidelines for Geography teaching in high school level, and understand the Geography classes' influence for choosing this science as a degree at the university, the training during the university and the performance of professionals. Reflecting about the relevance of geography classes in high school and its influence on the degree's choice for the university, we intend to try to understand the decision of young people in becoming teachers of Geography and Geographers. The understanding of Geography Teaching from the perspective of professionals working with science is something attractive and that enables the presentation of different views on how this relates to education training and professional performance. To guide our methodological approaches we seek to reflect through a complex thought. The research was developed in different parts. In the beginning, we conducted a review in Geography Teaching theory, its presence in high school, and the recognition of the Geographers' professional duties. From there, it was created a guide to the application of qualitative interviews, oriented by our goals. Ten Geography professionals participated in the interviews and ten undergraduate students. The interviews were individual and in depth and it was recorded for later transcription. After choosing the criteria for analyzing the interviews, we try to indentify in the speech of the interviewed people expressions that could possible answers ours early questions. We noticed that for many of these people, Geography classes in high school were not present as facilitators of a choice for keep on studying Geography, and we wondered how these classes could have been better. From our reading of the statements of the interviewed people, we realize that the main possible significance for these classes is the presence of a qualified teacher. That shows students the possibility to think and apply geography through different perspectives into their realities. We understand that it is a difficult job that requires for teachers a complex academic formation, the chance developing research exercise, the possibility of lifelong education and the appropriate conditions for performing their work.

Keywords: High School, Geography Teaching, Professional Acting

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 OBJETIVOS	10
1.1 OBJETIVO GERAL	10
1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	10
2 JUSTIFICATIVA	11
3 CAMINHOS METODOLÓGICOS POSSÍVEIS	13
3.1 COMPLEXIDADE	13
3.2 PERCURSOS INVESTIGATIVOS DA PESQUISA	15
3.3.1 Revisão Bibliográfica	15
3.3.2 Elaboração de Questionários	15
3.3.3 Aplicação das Entrevistas	16
3.3.4 Análise Questionários	16
3.3.5 Elaboração do Texto Final e Apresentação de Resultados	16
4 ORIENTAÇÕES DA PROFISSÃO	17
4.1 A GEOGRAFIA COMO DISCIPLINA ESCOLAR	17
4.2 POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA	19
4.3 O EXERCÍCIO DO PROFISSIONAL GEÓGRAFO	26
5 CONVERSAS GEOGRÁFICAS	30
5.1 ENTREVISTA QUALITATIVA E PERGUNTAS PROPOSTAS	30
6 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	34
6.1 BACHARÉIS	34
6.2 LICENCIADOS	40
6.3 ESTUDANTES	47
6.4 DIÁLOGOS POSSÍVEIS	53
7 CONSIDERAÇÕES...	56
REFERÊNCIAS	59
ANEXOS	62
ANEXO A – Lei 6664 de 26/06/1979 - Dispõe sobre a profissão de geógrafo	62
ANEXO B – Transcrição das entrevistas	65

INTRODUÇÃO

A seguinte pesquisa foi realizada entre os meses de março e julho do ano de dois mil e onze, como proposta de trabalho de graduação do curso de bacharelado em Geografia da Universidade do Rio Grande do Sul.

O projeto de pesquisa buscou investigar o ensino de Geografia no Ensino Médio (EM) constitui-se em três momentos principais: inicialmente com a pesquisa referente às políticas públicas para a educação e depois elaboração e aplicação de entrevistas realizadas na cidade de Porto Alegre no estado do Rio Grande do Sul/Brasil, para então permitir uma análise e posterior redação final do trabalho.

O que nos instigou a desenvolver esse trabalho foi o questionamento que tínhamos em relação aos fatores que influenciam um jovem na hora da escolha por um curso de graduação. Pensávamos se por a Geografia estar presente nos currículos do EM teria uma influência significativa na escolha dos alunos que decidiram tornarem-se Geógrafos e Professores. E se a partir da visão deles seria possível pensar o Ensino de Geografia.

Foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, com a técnica da observação empírica e a busca de informação em fontes secundárias. Pesquisas qualitativas de acordo com Duarte (2002) exigem a realização de entrevistas, quase sempre longas e semi-estruturadas. Nesses casos, a definição de critérios segundo os quais serão selecionados os sujeitos que vão compor o universo de investigação é algo primordial, pois interfere diretamente na qualidade das informações a partir das quais será possível construir a análise e chegar à compreensão provisória do problema delineado.

Foram feitas vinte entrevistas, com cinco professores de Geografia, cinco Geógrafos, cinco estudantes que escolheram a licenciatura como ênfase e cinco que elegeram o bacharelado e que tivessem ingressado na universidade no ano letivo corrente.

Esteve presente em nosso olhar a idéia de que as aulas de Geografia do EM não possuem a obrigatoriedade em formar futuros Geógrafos e Licenciados, e sim que a sua função está comprometida com a formação do cidadão. O nosso objetivo é refletir se essas aulas apresentam aos alunos as possibilidades da Geografia e seu papel na compreensão do espaço. Se enquanto alunos esses sujeitos entrevistados compreenderem a aplicabilidade da ciência geográfica.

1 OBJETIVOS

1.1 OBJETIVO GERAL

Analisar a proposta oficial para o Ensino Médio no Brasil e as orientações curriculares para a disciplina de Geografia, sua influência na escolha, formação e atuação de profissionais da área.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Estudar as políticas públicas atuais de educação no Brasil e a influência de organismos internacionais nessas políticas, através de pesquisa bibliográfica, pois, essas políticas são norteadoras para o ensino no país;
- Retomar a legislação referente à atuação do profissional Geógrafo e as suas atribuições, entender as orientações para essa profissão;
- Analisar a influência das aulas de Geografia no Ensino Médio (EM) na escolha profissional de Licenciados e Bacharéis em Geografia;
- Desenvolver metodologia adequada para perceber a avaliação dos profissionais em relação às suas aulas de Geografia e da sua influência em fazê-los pensar a ciência;
- Avaliar se o ensino de Geografia, através das propostas documentais, favorece a busca pela profissão de geógrafo e professor.

2 JUSTIFICATIVA

A leitura do Ensino de Geografia a partir de profissionais da Geografia é algo instigante e que pode apresentar distintas visões de como esse ensino se relaciona com formação e a atuação profissional. É imprescindível para os alunos que os temas trabalhados na escola sejam significativos, ou seja, é necessário diferenciar o que é informação, o que é conhecimento e o que é sabedoria. De acordo com Castrogiovanni (2007, p. 472 e 473):

Estamos na sociedade da informação, mas a informação não é conhecimento, pois conhecimento é o resultado das informações organizadas... É fácil constatar que há uma degradação do conhecimento pela informação, como consequência há um desfazer da arte de viver no/pelo conhecimento em busca da sabedoria.

Percebemos empiricamente, no entanto, que em muitos momentos isso não acontece nas aulas da disciplina de Geografia. Para que essa visão não seja fragmentada e possibilite uma relação global do ensino propomos observar como as aulas de Geografia no Ensino Médio (EM) são vistas sob a ótica de profissionais da ciência. O objetivo de trabalharmos com profissionais que tenham feito a escolha por esse curso é no sentido de ver se para esses sujeitos as questões trabalhadas no Ensino Médio conseguiram chegar pelo menos no nível do conhecimento. Pois, caso essa construção não tenha sido feita nem pelos alunos que escolheram dar continuidade ao estudo da Geografia, imaginamos o quanto isso não esteja presente para os sujeitos que não fizeram essa escolha.

De acordo com Pontuschka (2005, p.135):

O educador precisa saber realizar a leitura analítica do espaço geográfico e chegar à síntese, criando situações no interior do processo educativo para favorecer as condições necessárias ao entendimento da Geografia como uma ciência que pesquisa o espaço construído pelos homens, vivendo em diferentes tempos, considerando o espaço como resultado do movimento de uma sociedade em suas contradições e nas relações que estabelece com a natureza nos diversos tempos históricos.

Nesse sentido esta pesquisa busca investigar se os professores de Geografia têm conseguido fazer isso. Sabemos que atualmente devido à facilidade do acesso às informações é essencial ao professor ter a competência de realizar essa leitura e proporcionar aos alunos a possibilidade de elaborar a síntese. Ao investigarmos como tal situação esteve presente para

os profissionais da ciência pensamos ter uma oportunidade de avaliar a presença dessa perspectiva na sala de aula.

O que é possível observarmos empiricamente é uma diminuição na procura do curso superior de Geografia em Universidades. No concurso, do ano de dois mil e onze, para ingresso através do vestibular para a Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O curso de Geografia diurno teve 91 inscritos para um total de trinta vagas, tendo como concorrência então a média de 3,03 candidatos por vaga, no curso noturno essa densidade é ainda menor. Assim questiona-se então o porquê da diminuição da procura pelo Curso de Geografia. E o quanto isso influenciará na formação de futuros geógrafos. Complementa-se a isso a diminuição da procura pelos cursos de Licenciatura, inclusive essa temática apareceu como proposta da redação do concurso vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A Geografia como ciência é imprescindível para o planejamento e desenvolvimento de um país, necessita de profissionais qualificados e com formação acadêmica complexa. Em livro publicado Milton Santos pensa a Geografia enquanto metadisciplina:

A idéia da metadisciplina é a seguinte: existem várias disciplinas, a geografia, a sociologia, a antropologia, a economia. Cada disciplina possui um módulo que a identifica e a distingue das demais. O que faz com que uma disciplina se relacione com as demais é o mundo, o mesmo mundo que, no seu movimento, faz com que minha disciplina se transforme... Todas as disciplinas têm sua relação com o mundo. Quando no processo de informá-la, colocamos o mundo dentro de uma disciplina, e dele fazemos a inspiração mãe, temos a metadisciplina. Por isso, o mundo é que permite que se estabeleça um discurso inteligível, um canal de comunicação entre as disciplinas. (SANTOS, 2000, p. 49)

Por existir uma falta de reconhecimento da sociedade em relação à profissão de geógrafo atribui-se a isso uma diminuição na procura por esse curso superior. Dessa maneira por ser uma disciplina presente nos currículos escolares questionamos a distância entre a Geografia trabalhada na escola e a exercida por profissionais da área. Qual seria a melhor maneira da sociedade conhecer a profissão do Geógrafo? Quais são os motivos que influenciam jovens a procurar essa ciência? Essas são algumas das questões apresentadas e que pautaram o desenvolvimento dessa pesquisa.

A pesquisa se torna instigante por propor-se a não “desjuntar” as duas atuações profissionais do graduado em Geografia. Na tentativa de investigá-las e relacioná-las, pensando a partir do ensino da Geografia na escola, as suas implicações no que hoje é esse profissional, que em sua maior parte é quem pensa e teoriza a ciência

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS POSSÍVEIS

3.1 COMPLEXIDADE

Pensando o trabalho de graduação, do curso de bacharelado em Geografia, enquanto um exercício de pesquisa, nos propomos a refletir sobre os caminhos metodológicos possíveis. Com as escolhas feitas enquanto pesquisadores utilizamos, nesse momento, para orientar esse percurso o Paradigma da Complexidade.

Optamos por desenvolver a pesquisa na lente moriniana, com a presença de incertezas e na procura de contextualizar e unir. Para evitar como apresentado por Morin (2001) os problemas na organização do conhecimento que acabam proporcionando a separação, a disjunção e a redução no que o autor denomina o Paradigma da Simplificação. É a partir desse questionamento que essa maneira de pensar, utilizada durante um longo período enfraqueceu a comunicação entre o conhecimento científico e a reflexão filosófica. Tendo a redução do complexo ao simples como a única maneira de atender as necessidades criadas por essa situação. Gerando dessa maneira a hiperespecialização que rasga e retalha o tecido complexo das realidades e que faz pensar que o corte arbitrário realizado sobre o real era o próprio real.

Assim para tentar ir além da simplificação buscaremos através da conversa com o referencial trabalhar metodologicamente na procura de enxergar o nosso objeto no pensamento complexo.

Complexus significa originariamente o que se tece junto O pensamento complexo, portanto, busca distinguir (mas não separar) e ligar. Ao mesmo tempo, impõe-se, como vimos acima, outro problema crucial: tratar a incerteza. Por quê? Porque por toda parte, nas ciências, o dogma de um determinismo universal desabou, enquanto a lógica, chave-mestra da certeza do raciocínio, revelou incertezas na indução, impossibilidades de decisão na dedução e limites no princípio do terceiro incluído. Assim, o objetivo do pensamento complexo é ao mesmo tempo unir (contextualizar e globalizar) e aceitar o desafio da incerteza. (MORIN, 1999, p.31 e 32)

Perpassamos a idéia de que na procura por conhecer, não podemos isolar uma palavra, uma informação; é necessário ligá-la a um contexto e mobilizar o nosso saber, a nossa cultura, para chegar a um conhecimento apropriado e oportuno da mesma (MORIN, 1999).

E na proposta de trabalharmos com a educação temos presente a pré-existência do erro e da ilusão, e a possibilidade da presença em nossos percursos investigativos, pois, como nos

apresenta Morin (2002a) todo conhecimento comporta o risco do erro e da ilusão. Ao pensarmos uma educação do futuro assume-se que ela deve enfrentar o problema de dupla face do erro e da ilusão, dessa maneira o maior erro seria subestimar o problema do erro; a maior ilusão seria subestimar o problema da ilusão. E esse reconhecimento do erro e da ilusão é ainda mais difícil, porque o erro e a ilusão não se reconhecem, em absoluto, como tais.

Para esse trabalho consideramos os princípios da dialógica, da recursão organizacional e o “hologramático”. O princípio da dialógica une dois princípios ou noções que deveriam ser antagônicos e excluir um ao outro, contudo são indissociáveis em uma mesma realidade (MORIN, 1999); ou seja, apesar de duas questões se apresentarem de maneira antagônica não é possível analisá-las sem considerar uma a outra, tornando-as ao mesmo tempo opostas e necessárias.

Para complementar nossas idéias utilizamos o princípio da recursão organizacional (MORIN, 2001) que lembra um processo de remoinho, no qual não se sabe mais o que é a causa e o que é o efeito. No caso da nossa pesquisa, nos propomos a pensar esse sentido. Pois, ao entendermos o mundo de maneira complexa não nos parece possível definir a partir do problema de pesquisa a relação entre a Geografia desenvolvida na universidade e a Geografia escolar enquanto causa e efeito, e sim nesse sentido proposto por Morin de uma recursão organizacional. Somando-se a isso o princípio da dialógica que trará essas duas apresentações da Geografia que ao mesmo tempo são complementares e muitas vezes se encontram tão distantes. Questionamo-nos então, existiria uma Geografia da Universidade e uma Geografia escolar? Parece-nos mais adequado nesse momento pensarmos a Geografia enquanto uma ciência complexa que irá se apresentar de distintas maneiras e será pensada nesse trabalho a partir desse olhar. A idéia recursiva rompe com a linearidade de produto/produtor, causa/efeito, estrutura/superestrutura, uma vez que tudo o que é produzido volta sobre o que o produziu num ciclo auto-organizador e auto-produtor.

E para acompanhar nosso percurso metodológico utilizamos o princípio hologramático (MORIN 2001) que se baseia na idéia de um holograma que em sua menor parte possui a quase-totalidade da informação, não pensando apenas que a parte está no todo, e, no entanto o todo também se apresenta na parte. Proporcionando assim o princípio para pensar nossas entrevistas, nas quais, a conversa com um pequeno grupo (a parte) nos permitirá pensar o todo. Os três princípios são pensados de maneira conjunta e complementar, pois, ao pensarmos o todo na parte a parte no todo, não deixa estar presente o pensamento recursivo,

da não diferenciação de causa e efeito e mais uma vez também inclui a dialógica. Reforçando dessa maneira a importância da procura por desenvolver um pensamento complexo.

3.2 PERCURSOS INVESTIGATIVOS DA PESQUISA

O projeto foi composto por cinco etapas principais, assim planejadas:

3.3.1 Revisão Bibliográfica

Em um primeiro momento foi realizado um levantamento das bibliografias relacionadas às políticas públicas de ensino no Brasil e de outros referenciais considerados pertinentes para os primeiros passos da pesquisa. Pois, para subsidiar os futuros trajetos da pesquisa torna-se essencial uma compreensão dos possíveis diálogos a serem desenvolvidos através de livros e artigos de seus autores.

3.3.2 Elaboração de Questionários

Foram elaborados questionários na procura de realizar uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, com base na observação empírica e busca de informação em fontes secundárias. Pesquisas qualitativas de acordo com Duarte (2002) exigem a realização de entrevistas, quase sempre longas e semi-estruturadas. Nesses casos, a definição de critérios segundo os quais serão selecionados os sujeitos que vão compor o universo de investigação é algo primordial. Pois interfere diretamente na qualidade das informações a partir das quais será possível construir a análise e chegar à compreensão mais ampla do problema delineado.

3.3.3 Aplicação das Entrevistas

Foram pensados quais seriam os sujeitos entrevistados e a maneira através da qual aplicaríamos estes questionários. Com a procura de realizar uma pesquisa qualitativa, optamos por fazer entrevistas individuais semi-direcionadas, com a utilização de um gravador de voz que permitisse ao sujeito expressar-se mais tranquilamente e ao pesquisador ouvi-lo sem ficar focado em anotações ao longo da conversa proposta.

3.3.4 Análise Questionários

Foi realizada uma análise dos questionários aplicados a partir das respostas recebidas e das práticas observadas, relacionando estes ao levantamento bibliográfico, feito inicialmente, para que se torne possível uma avaliação das políticas públicas para a educação nos dois países e sua orientação para a disciplina de Geografia.

3.3.5 Elaboração do Texto Final e Apresentação de Resultados

Foi efetuada a elaboração de um relatório final das atividades no qual serão apresentados os resultados obtidos a partir do referencial teórico proposto, das práticas investigativas desenvolvidas e da análise posterior dos resultados obtidos naquele momento.

4 ORIENTAÇÕES DA PROFISSÃO

4.1 A GEOGRAFIA COMO DISCIPLINA ESCOLAR

Para pensarmos a Geografia enquanto disciplina escolar trabalharemos com Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009), Tonini (2006) e Castrogiovanni (2007b). A Geografia enquanto o que denominamos nesse momento de Geografia Escolar, surge no século XIX e tem suas idéias vinculadas ao que denominamos escola alemã. A intencionalidade da disciplina naquele contexto era de permitir a criação de uma identidade regional e até nacional.

O apelo ao discurso da natureza para a representação do espaço geográfico implicaria sublimar o meio físico como fator determinante na construção da identidade nacional. Por privilegiar a descrição dos fenômenos físicos, cujos discursos foram atravessados pela causalidade natural, a Geografia foi posicionada como dispositivo para fabricação da identidade do povo alemão na escola. (TONINI, 2006, p.31)

A autora ainda nos traz que essa promoção da Geografia enquanto disciplina escolar irá impulsionar a sua oferta como formação especializada de curso superior na universidade. Não que anteriormente não existissem disciplinas de Geografia nas universidades, mas é sim a partir da sua caracterização enquanto componente do currículo escolar que a torna necessária enquanto curso superior. Pensamos nesse momento então que a importância da presença da ciência no Ensino Básico para a sua manutenção no Ensino superior, já está presente nas raízes de sua constituição.

Na França a institucionalização da ciência enquanto disciplina escolar também será caracterizada por um interesse do Estado em pensar seus territórios. A partir de Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009):

A derrota da França na Guerra Franco-Prussiana (1870-71) havia mostrado à classe dominante do país a necessidade de pensar o espaço geográfico, deslegitimar a reflexão alemã e fundamentar o expansionismo francês. A Geografia passou a desenvolver-se com o respaldo do Estado francês, sendo introduzida como disciplina em todas as séries do ensino básico. (p.43 e 44)

É a partir de geógrafos franceses que essas idéias chegaram ao Brasil e nortearam os primeiros pesquisadores brasileiros, no início do século XX. E a Geografia inicia sua presença nos bancos escolares, orientada principalmente por livros didáticos escritos por não geógrafos. Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009) citam a fundação do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo no ano de 1946 e seu papel fundamental no desenvolvimento da ciência geográfica no país e na formação de licenciados para o ensino da disciplina.

Essa Geografia escolar no Brasil será transformada ao longo do tempo influenciada pelas diferentes escolas do pensamento geográfico. E após pensarmos então essa constituição da ciência enquanto disciplina escolar, nos questionamos o que causa a sua permanência na escola até os dias de hoje. Ao falar sobre possíveis práticas para o ensino da Geografia na pós-modernidade Castrogiovanni (2007b) nos traz que a Geografia deve ser trabalhada na escola de forma a instrumentalizar esse aluno do EM para lidar com a espacialidade e suas múltiplas aproximações, ele deve saber operar o espaço. Essa postura lhe permite dar conta da compreensão da vida social refletida sobre os diferentes sujeitos, agentes responsáveis, pelas transformações. Com isso nos parece ficar mais fácil para esse sujeito reconhecer as contradições e os conflitos sociais e avaliar constantemente as formas de apropriação e de organização estabelecidas pelos grupos sociais e, quando desejar, buscar mecanismos de intervenção.

Ao retomar de forma recursiva a Geografia pensada nas universidades e sua apresentação nas escolas, trazemos a idéia de Pontuschka (2005) de que ao construir o referencial teórico a ser transformado e recriado em saber escolar, o professor deve estar ciente de que:

As escolhas devem ser feitas no universo de conhecimentos estudados na universidade e a necessidade de levar em conta a estrutura da própria disciplina, de rever e produzir um outro saber que considere a essência do pensamento geográfico e estudá-lo em sua essência com o público específico de alunos.

Refletindo sobre a necessidade dos professores de EM de construir suas práticas docentes a partir de todas as possibilidades apresentadas, consideramos importante retomar as políticas públicas para o ensino de Geografia no Brasil e os caminhos que elas vão oferecer a esses profissionais no seu fazer.

4.2 POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

Assumimos que atualmente um professor que trabalha com a disciplina de Geografia no Ensino Médio em escolas públicas do Rio Grande do Sul possui como referência três documentos oficiais que propõem parâmetros para a educação no Brasil e no estado: os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), a Matriz de Referência do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e o Referencial Curricular da Secretária de Educação do Rio Grande do Sul (Lições do Rio Grande). A partir da análise e comparação desses documentos buscaremos compreender as aproximações e distanciamentos desses documentos, se suas propostas se encaminham para uma prática de ensino e qual Geografia aparece. A análise e discussão dos documentos oficiais foram pensadas, pois, nos perguntamos: Que documentos há que orientam um professor nos seus fazeres pedagógicos? Esses documentos conversam entre si? Existe um encaminhamento para a prática, ou não? Após a leitura desses documentos foi elaborada uma metodologia para interpretar e ver as aproximações existentes entre os eles (Quadro 1). Para tal análise foram escolhidos como categorias conceitos, conteúdos, habilidades e competências, pois no entender do grupo de pesquisa categorias deveriam estar presentes numa proposta de ensino e aprendizagem para o Ensino Médio (EM).

Nos últimos anos o EM no Brasil tem passado por diversas transformações, iniciadas principalmente a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) do ano de 1996 e repensadas através de outras legislações complementares. Cavalcante e Souza (2010) nos trazem em seu texto a comparação das exigências propostas pela legislação brasileira e de outros países da América Latina. No caso do Brasil a obrigatoriedade está relacionada com a idade, tornando o ensino obrigatório para jovens entre quatorze e dezessete anos, enquanto na Argentina, o que é obrigatório é o ensino secundário. Apesar de essa nova determinação legal ser muitas vezes entendida como uma ampliação do dever do Estado com a educação, as autoras questionam se essa obrigatoriedade trará a universalização do ensino e apresentam a idéia de que o maior desafio é permanência na escola.

Essa nova maneira de pensar o EM no Brasil, torna necessária a criação de parâmetros e diretrizes para essa etapa da vida escolar, e a partir disso é que são desenvolvidos os documentos analisados nesse artigo. Consideramos importante apresentar que no ano de dois

mil e onze foram redigidas as Novas Diretrizes Curriculares para o EM, que buscam dar uma identidade para esse EM e propõem uma maior autonomia das escolas na estruturação de seus programas para essa etapa.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais analisados foram os que são denominados PCN's+, essa é uma publicação do Ministério da Educação (MEC) do ano de 2000. Na sua apresentação é dito que “Estes Parâmetros cumprem o duplo papel de difundir os princípios da reforma curricular e orientar o professor, na busca de novas abordagens e metodologias” (BRASIL, 2000, p.4) sendo a reforma curricular pensada a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) do ano de 1996.

No capítulo referente às bases legais do documento é pontuado:

O Ministério da Educação, por intermédio da Secretaria de Educação Média e Tecnológica, organizou, na atual administração, o projeto de reforma do Ensino Médio como parte de uma política mais geral de desenvolvimento social, que prioriza as ações na área da educação. (BRASIL, 2000, p. 5)

Essa denominada política mais geral de desenvolvimento está vinculada à responsabilidade do Brasil frente a organismos internacionais, que para a autorização de empréstimos econômicos tem como acordo a instauração de políticas públicas para a educação. A partir da Declaração Mundial sobre Educação para Todos proposta pela Organização das Nações Unidas (UNESCO) no ano de 1990, e do seguinte Plano de Ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem, referencia-se a nível mundial orientações para a educação que serão adotadas pelo Brasil através da LDB/ 1996 e do Plano Nacional de Educação (PNE). No texto do Plano de ação para satisfazer as necessidades básicas da educação, conhecido também como Declaração de Jomtien, é trazido que:

Os principais patrocinadores da iniciativa de Educação para Todos (PNUD, UNESCO, UNICEF, Banco Mundial), cada um no âmbito de seu mandato e responsabilidades especiais, e de acordo com a decisão de suas instâncias diretoras, devem ratificar seu compromisso de apoio às áreas prioritárias de ação internacional listadas abaixo, e a adoção de medidas adequadas para a consecução dos objetivos da Educação para Todos. (UNESCO, 1998)

A partir de nossa interpretação cada um desses documentos surge com uma função. Os PCN's de acordo com o próprio texto do documento diz que buscou:

atender a uma reconhecida necessidade de atualização da educação brasileira, tanto para impulsionar uma democratização social e cultural mais efetiva, pela ampliação da parcela da juventude brasileira que completa a

educação básica, como para responder a desafios impostos por processos globais, que têm excluído da vida econômica os trabalhadores não qualificados, por causa da formação exigida de todos os partícipes do sistema de produção e de serviços. (BRASIL, 2000, p. 08)

Observamos nesse momento então que os PCN's procuram além da formação dos alunos para a cidadania, também para a inserção no mercado de trabalho. E observa-se que nessas circunstâncias o documento pensa o EM além de preparatório para o ensino superior ou formação profissionalizante, também como uma etapa que cumpre a necessidade de completar o Ensino Básico.

Nesse cenário surge então a proposta de utilização do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) para o acesso às universidades brasileiras. Esse novo projeto, de acordo com a *website* do MEC, terá “como principais objetivos democratizar as oportunidades de acesso às vagas federais de ensino superior, possibilitar a mobilidade acadêmica e induzir a reestruturação dos currículos do ensino médio.” (BRASIL, 2011) A utilização do ENEM enquanto método de acesso às universidades foi proposta à Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes) e posteriormente a Matriz de Referência do exame foi aprovada pela Andifes e pelo Conselho Nacional de Secretários de Educação.

O ENEM então como forma de acesso à universidade, em nossa leitura é uma maneira de colocar os PCN's em prática. No ano de 2009 é publicada a Matriz de Referência do ENEM que irá referenciar as habilidades de competências necessárias aos alunos para responderem as provas do exame. Ao encaminhar os alunos para a competência, já se observa a conversa com os PCN's no intuito de tornar o sujeito competente na busca pela inserção nos modelos sociais atuais. A aplicação de um Exame Nacional para acesso às importantes universidades retoma também ao país o poder sobre as instituições de ensino.

A elaboração e proposição desses documentos em nossa leitura é uma maneira para o Estado desempenhar controle sobre a população através da educação, com seus parâmetros, orientações e exames que valorizem os objetivos do país frente a outros países e organismos. Já na década de oitenta, o filósofo Francês Louis Althusser propõe analisar os Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE) que seriam certo número de realidades que apresentam-se ao observador de imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas. E Althusser (1983, p. 68) considera a instituição escola como o AIE escolar, demonstrando os diferentes caminhos que o Estado elege na busca por reafirmar seu poder e orientar as pessoas.

No mesmo ano da aprovação da Matriz de Referência do ENEM, o estado do Rio Grande do Sul lança o seu referencial curricular, também conhecido como Lições do Rio Grande. Essa proposta do estado converge com a proposição de outros estados brasileiros de fazer seus referenciais. A partir de nossa leitura, a elaboração de um documento de parâmetro Estadual busca um resgate do Nacional para o local, na tentativa de constituir uma identidade regional.

Os três documentos são estruturados de maneira diferente, a Matriz de Referência do ENEM lista as competências pensadas para área de Ciências Humanas e suas tecnologias e as habilidades necessárias para desenvolvê-las, apenas seus anexos trazem os objetos do conhecimento relacionados às matrizes propostas. Os PCN's + possuem uma parte inicial conceitual que retoma questões teóricas da Geografia e suas categorias de análise, a partir disso faz uma proposta de organização em eixos temáticos com temas e subtemas, não especificando as etapas para serem aplicados. No Referencial Curricular do estado do Rio Grande do Sul, é apresentada inicialmente a disciplina de Geografia e as competências e habilidades para o seu ensino. Em seguida são trazidos os conceitos estruturadores e os conteúdos relacionados a eles, para depois ser feita uma sugestão de blocos de conteúdos por série, esse referencial apresenta propostas da quinta série do Ensino Fundamental à terceira série do Ensino Médio. Ressaltamos que neste momento analisamos apenas as questões referentes às séries do EM.

Em diversos momentos foi possível perceber um alinhamento dos três documentos, como por exemplo, ao pensarem a representação espacial, observa-se na Quadro 1, que os três documentos terão presentes esse conteúdo no seu texto. E que as habilidades requisitadas para esse momento conversam e de certa maneira são complementares. Em relação às competências existe uma distribuição um pouco diferente, enquanto da Matriz de Referência do ENEM as competências estão especificadas e a partir delas são colocadas as habilidades necessárias para o seu desenvolvimento. Nos PCN's+ existe uma parte referente às competências que inclui dentro delas as habilidades, mas de maneira diluída e não explícita. Já nas Lições do Rio Grande há espaço para as competências e sua operacionalização, que em nossa visão se complementam, e permitem a partir delas compreender as habilidades necessárias.

	Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM)	Matriz de Referência ENEM	Referências Curriculares SEC
Conceitos	- Representação e comunicação	- Representação espacial * Projeções cartográficas; leitura de mapas temáticos, físicos e políticos; tecnologias modernas aplicadas à cartografia.	- Cartografia e os elementos que permitem interpretar um mapa.
Habilidades	- Ler, analisar e interpretar os códigos específicos da Geografia (mapas, gráficos, tabelas etc.), - Reconhecer e aplicar o uso das escalas cartográfica e geográfica,	H6 - Interpretar diferentes representações gráficas e cartográficas dos espaços geográficos.	- Ler e interpretar os signos cartográficos.
Competências	- considerando-os como elementos de representação de fatos e fenômenos espaciais e/ou espacializados - como formas de organizar e conhecer a localização distribuição e frequência dos fenômenos naturais e humanos.	Competência de área 2 - Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder.	- Saber utilizar a linguagem cartográfica para obter informações e representar a espacialidade dos fenômenos geográficos; - Fazer o aluno ler diferentes mapas e enxergar seu potencial interpretativo. A apresentação espacial está pautada na leitura de mapas. O aluno deve produzir textos a partir dessas leituras.

Quadro 1 – Exemplo da maneira como um dos conteúdos da Geografia é apresentado nos três documentos.

Elaborado pela autora com base nos documentos citados.

Nos PCN's+ notamos a presença desses conteúdos relacionados à cartografia incluídos na parte em que o documento propõe o eixo temático sobre o mundo em transformação,

associado a temas como geopolítica e economia, demonstrando assim em nossa visão, uma noção crítica da importância das representações cartográficas nas questões políticas. No Referencial Curricular do estado, existe a proposta da presença desse conteúdo na primeira série do EM.

Nos PCN's+ há uma presença mais representativa das questões ambientais, e da denominada área física da Geografia, pensadas dentro do mesmo eixo temático. Enquanto no Referencial Curricular do estado essa área está diluída em outros conteúdos. E ocorre o mesmo quando pensadas as questões agrárias e urbanas, o que em nossa leitura demonstra que os PCN's+ seriam um pouco mais específicos em suas propostas enquanto o Referencial Curricular pensaria os conteúdos de maneira mais indissociável.

Em algumas situações torna-se possível observarmos o aparecimento de determinados temas apenas em um dos documentos, como por exemplo, da Relação do Espaço Sideral com a Terra. Esse tema está claro e presente do Referencial Curricular do estado, enquanto nos outros dois documentos nacionais não encontramos diretamente, no máximo implícito devido à necessidade dele para outro conteúdo. A Matriz de Referência do ENEM, por não trazer a Geografia de maneira específica acaba tendo de forma mais presente questões como democracia, identidade e cultura muitas vezes relacionadas às outras Ciências Humanas.

Tanto nos PCN's+ quanto no Referencial Curricular notamos uma tendência de propor inicialmente temas centrais da ciência, pensando-os de maneira ampla e depois focar em questões do Brasil, e do Rio Grande do Sul no caso do Referencial. O que nos incita a refletir sobre a proposta de, a partir do lugar pensarmos os conteúdos trabalhados em sala de aula, isso, por exemplo, não está implícito nos quadros propostos. Entretanto, é importante para o professor a busca desde o início da relação desses conteúdos com o local, utilizando diferentes escalas geográficas.

Os três documentos analisados apesar de trazerem propostas para orientar os professores no planejamento de suas práticas, pensamos que de uma forma geral não encaminham para o fazer cotidiano do professor, o que reforça a ideia da necessidade da autoria dos professores em suas propostas diárias. Na matriz de referência do ENEM, são elencadas as habilidades e competências inseridas na área de ciências humanas e suas tecnologias, pela própria proposta do ENEM ser interdisciplinar. No entanto, até por não ser sua proposta, essa matriz não irá encaminhar para futuras práticas, ela possui como função principal estabelecer as habilidades e competências necessárias aos alunos para a realização do exame. Cabe ao professor encontrar metodologias para suas práticas docentes que

permitam que seus alunos desenvolvam essas habilidades e competências. Nos questionamos em relação a importância da formação do sujeito cidadão que acaba sendo esquecida devido a uma leitura imediatista dessa Matriz, utilizada por muitos como uma espécie de treinamento para o exame.

Os PCN's+ por, como diz no seu nome, serem parâmetros, têm uma proposta mais ampla do que a matriz de referência do ENEM, mesmo assim, apesar de retomar conceitos estruturantes da Geografia, esclarecer as competências que devem ser trabalhadas nessa disciplina, sua relação com esses conceitos e propor uma organização de eixos temáticos, observamos não ser um documento que encaminhe para a prática. Mais uma vez sendo esse papel do professor, de encontrar metodologias que possam ser aplicadas em suas aulas.

O referencial curricular do estado é o documento onde percebemos uma maior indicação para as práticas, assim como os PCN's+ ele pensa os conceitos estruturantes da ciência e propõem as competências a serem trabalhadas. Trará uma pequena introdução para uma operacionalização metodológica e dentro das sugestões de blocos de conteúdos aparece uma coluna chamada operacionalização, na qual, é realizado um encaminhamento para as práticas. No caso principalmente da organização dos quadros: o conteúdo, as competências, e os conceitos estruturantes e há última coluna propõe essa operacionalização. Por exemplo, no quadro que se refere a proposta para a primeira série do EM, quando em relação ao conteúdo de Paisagens climato-botânica e culturais: formação e ocupação, o documento sugere como possível ação:

Além da leitura de mapas, esse é um bom momento para fazer com que o aluno reflita sobre suas hipóteses relativas à localização e às características que compõem o espaço mundial, pois não se deve abordar a paisagem natural sem investigar a organização demográfica e econômica que esse espaço compõe. (RIO GRANDE DO SUL, 2009, p. 83)

Dessa maneira entendemos os documentos como complementares, pois, mesmo que seja possível encontrarmos determinada coesão conceitual em suas propostas, cada um trará elementos diferenciados em relação aos outros. Em nossa leitura esses documentos só serão importantes se o professor tiver instrumentos para analisá-los e contribuir com sua autoria na procura de propor práticas significativas na formação do aluno enquanto cidadão.

Preocupamos-nos em analisarmos a escola geográfica presente em cada um desses documentos. Em todos os documentos a Geografia encontra-se nas partes relacionadas às Ciências Humanas. Nos PCN's + a base do texto são os conceitos norteadores da Geografia, e já nesse momento conseguimos pensar algumas questões, como por exemplo, na proposta de Paisagem que traz como concepção norteadora o seguinte “Unidade visível do arranjo

espacial, alcançado por nossa visão.”(BRASIL, 2000, p. 56) e nos parece um conceito um tanto quanto simplificado para uma categoria de análise tão importante para a Geografia.

Por ser um texto pensando por diferentes Geógrafos, não é possível perceber a orientação de apenas uma corrente de pensamento, como constata Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009, p.75):

Os autores do PCN de Geografia asseveraram, nos encontros e congressos da área, tem buscado a pluralidade no que diz respeito ao embasamento teórico-metodológico. Essa afirmação é contestada por muitos geógrafos – principalmente por aqueles que se preocupam com o ensino da disciplina – por causa do ecletismo que ela sinalizam corroborado pelo fato de que o documento utiliza, em diferentes momentos, asserções de variadas correntes de pensamento geográfico.

Já na Matriz de Referência do ENEM por ser uma proposta interdisciplinar, como já colocado anteriormente, a Geografia encontra-se diluída, de maneira geral ela encontra-se na parte referente às Ciências Humanas e suas Tecnologias, tendo habilidades e competências pensadas relacionando principalmente com a disciplina de História. No entanto, é possível observar que conteúdos e competências pensados para a Geografia encontram-se também relacionados no capítulo das Ciências da Natureza e suas Tecnologias. E como não são propostos conceitos se torna um pouco mais difícil relacioná-la à alguma escola do pensamento geográfico, mesmo assim nos parece presente uma tendência mais crítica da ciência.

O Referencial Curricular do estado a partir de nossa interpretação é pensado através do ensino da Geografia, esse documento traz elementos que subsidiam o professor para orientar suas práticas a partir do que se propõe para a ciência enquanto disciplina escolar. Explorando significativamente as competências e habilidades para o ensino de Geografia.

Observamos que as mudanças nas diretrizes e orientações para EM no Brasil aconteceram e estão acontecendo maneira rápida e essas mudanças possuem representativa influência no exercício do professor. Assim a complexidade na qual estamos inseridos nos exige a não separação do conhecimento em blocos desconexos e ao mesmo tempo a não generalização de tudo sem que sejam percebidas as especificidades. Encontrar esse equilíbrio exige dedicação e cuidado, pois, a linha entre as possibilidades é muito tênue.

4.3 O EXERCÍCIO DO PROFISSIONAL GEÓGRAFO

A Geografia como ciência imprescindível para o planejamento e desenvolvimento de um país necessita de profissionais qualificados e com formação acadêmica complexa. Por

existir uma falta de reconhecimento da sociedade em relação à profissão de geógrafo existe a necessidade de uma prática profissional de excelência que permita mostrar a outros profissionais as atribuições dos geógrafos e sua possível colaboração para trabalhos técnicos.

Ao refletirmos sobre a relação dos profissionais Geógrafos e o EM de Geografia nos remonta a citação de Sauer (2000) que em um texto escrito em 1956, que disserta sobre a educação do geógrafo. O autor questiona-se:

O geógrafo já nasce em parte geógrafo, em parte é amoldado desde cedo por seu ambiente, chegando bem mais tarde aos nossos cuidados profissionais. Esta é uma condição habitual e característica. Nós estamos recrutando profissionais e precisamos reconhecer bom material em estado bruto. Suspeito que temos dificuldades pouco comuns como caçadores de talentos. Quão comum é a ambição de um jovem em tornar-se geógrafo? É um interesse improvável para se afirmar cedo ou para ser admitido aos companheiros, ou a si mesmo, em idade escolar. Na universidade, como sabemos muito bem, a preferência manifestada e efetiva por cursar disciplinas da geografia (e o sucesso em obter boas notas) é uma indicação pouco significativa de uma promessa futura. O estudante pode ser iludido por contatos temporários e por seu entorno, assim como pelas qualidades atrativas de seu professor. Quando ele é desvinculado destes incentivos pode cair na inatividade, e depois de algum tempo não se ouve mais falar dele. Como podemos descobrir a aptidão, o interesse emergente, a promessa da continuidade de um crescimento autônomo? Esta é nossa primeira preocupação. Se selecionarmos bem, metade do nosso problema estará resolvido. (SAUER, 2000, pg. 137 e 138)

Na citação de Sauer já é possível perceber questionamentos sobre quem escolhe como profissão a Geografia e a clareza e perspectiva necessárias a esse futuro profissional. O professor Roberto Verdum que ministra a disciplina de Estágio Profissional em Geografia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em texto reflexivo sobre as práticas dessa disciplina indica:

Quanto se discute a formação e o papel do geógrafo na sociedade, necessariamente, está se questionando a construção histórica dos referenciais deste profissional e a sua responsabilidade social frente às demandas que se apresentam como fazendo parte de suas atribuições profissionais. Neste sentido, é fundamental questionar nossa formação, o reconhecimento e a atuação profissional. (VERDUM, 2007)

Assim necessita-se pensar a formação dos geógrafos e como alcançar esse reconhecimento social da profissão. A partir de práticas individuais e coletivas ao longo do tempo, organização profissional (através de sindicatos e associações), uma legislação que legitime as práticas e uma fiscalização de seu cumprimento alcança-se um reconhecimento

social. As aulas de Geografia no EM apresentariam as possibilidades do profissional Geógrafo? Não que essa seja a função da disciplina na escola, no entanto nos perguntamos se o exercício profissional do Geógrafo não poderia ajudar a ensinar Geografia? Relacionamos nesse momento com outras disciplinas escolares, que também têm seus profissionais bacharéis atuando e que, no entanto também têm essa atuação pouco reconhecida.

O exercício profissional do Geógrafo é regulamentado pela primeira vez no Brasil através do Decreto Imperial nº3001 de 09 de outubro de 1880 que estabelece os requisitos que devem satisfazer os Engenheiros Civis, *Geographos*, Agrimensores e Bacharéis formados em matemática, é interessante perceber que esse decreto é bastante anterior a criação do primeiro curso de Geografia à nível universitário no Brasil. É importante aos profissionais da Geografia ter a consciência das atribuições da sua profissão, nesse caso, apresentadas na forma da Lei 6.664 de 26 de junho de 1979 que disciplina a profissão de geógrafo. Ao ter o conhecimento do seu lugar enquanto profissional desenvolve-se um trabalho subsidiado por técnicas e conceitos desenvolvidos ao longo do curso de graduação.

Essa legislação (Anexo 1) atribui ao Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (CREA) a fiscalização da atuação profissional do Geógrafo. No artigos 3º é feita a apresentação das competências e atribuições desse profissional:

I - reconhecimentos, levantamentos, estudos e pesquisas de caráter físico-geográfico, biogeográfico, antropogeográfico e geoeconômico e as realizadas nos campos gerais e especiais da Geografia, que se fizerem necessárias:

- a) na delimitação e caracterização de regiões, sub-regiões geográficas naturais e zonas geoeconômicas, para fins de planejamento e organização físico-espacial;
- b) no equacionamento e solução, em escala nacional, regional ou local, de problemas atinentes aos recursos naturais do País;
- c) na interpretação das condições hidrológicas das bacias fluviais;
- d) no zoneamento geo-humano, com vistas aos planejamentos geral e regional;
- e) na pesquisa de mercado e intercâmbio comercial em escala regional e inter-regional;
- f) na caracterização ecológica e etológica da paisagem geográfica e problemas conexos;
- g) na política de povoamento, migração interna, imigração e colonização de regiões novas ou de revalorização de regiões de velho povoamento;
- h) no estudo físico-cultural dos setores geoeconômicos destinados ao planejamento da produção;

i) na estruturação ou reestruturação dos sistemas de circulação;
j) no estudo e planejamento das bases físicas e geoeconômicas dos núcleos urbanos e rurais;

l) no aproveitamento, desenvolvimento e preservação dos recursos naturais;
m) no levantamento e mapeamento destinados à solução dos problemas regionais;

n) na divisão administrativa da União, dos Estados, dos Territórios e dos Municípios.

II - A organização de congressos, comissões, seminários, simpósios e outros tipos de reuniões, destinados ao estudo e à divulgação da Geografia.

Complementamos essas atribuições com o que nos propõe Santos, quando pensa o trabalho do Geógrafo no até então denominado “terceiro mundo”:

De um modo geral, o geógrafo não se acha preparado para efetuar tais generalizações, para delas inferir leis econômicas, demográficas ou sociológicas. Todavia, o que ele pode e deve fazer, a partir de experiências sobre o concreto, é sugerir a revisão de conceitos que lhe pareçam ter perdido o conteúdo do concreto indispensável. O caso dos países subdesenvolvidos, sobretudo o problema de suas cidades, parece típico a esse respeito. (SANTOS, 1978, p.43)

O livro de Aziz Ab’Saber “O que é ser Geógrafo” integra uma série proposta para apresentar determinadas profissões ao público jovem, depois de fazer uma releitura de suas memórias profissionais, ele diz:

O geógrafo tem que estar sempre atento à história em processo, que, em geral, é publicada parcialmente nos jornais do país e do mundo. Assim, pode inserir sua consciência crítica nos mais variados tipos de fatos acontecidos na face da Terra. Na realidade, não existe planejamento regional sem estudos básicos de geografia humana e social. [...] O geógrafo precisa estar sempre bem-informado. Na realidade, precisa de todos os livros, de todos os documentos (cartas topográficas, aerofotos e imagens de satélite) e de todos os fatos da história cotidiana, de todos os espaços de seu país e, possivelmente, do mundo. (AB’SABER, 2007 ,p.145)

Ao analisarmos a proposta de Ab’saber para esses jovens futuros profissionais pensamos: tarefa árdua essa do Geógrafo não?! E ao mesmo tempo por tentar conceber o espaço em suas diversas dimensões, esse profissional tem a dificuldade de ver sua atuação reconhecida em sua complexidade.

5 CONVERSAS GEOGRÁFICAS

5.1 ENTREVISTA QUALITATIVA E PERGUNTAS PROPOSTAS

Na busca por responder nossos objetivos, escolhemos realizar entrevistas qualitativas que se baseiam, como nos traz Duarte (2008), em entrevistas individuais em profundidade, através de uma técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências dos sujeitos para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada. Essa escolha é feita, pois, entre as principais qualidades dessa abordagem está a flexibilidade de permitir ao sujeito eleger os termos da resposta e ao pesquisador ajustar suas perguntas.

Propusemos que as entrevistas fossem realizadas dessa maneira na procura por intensidade nas respostas e não-quantificação ou representação estatística. Nos percursos eleitos para nossa investigação optamos por orientar as entrevistas a partir da metodologia proposta por pensando uma pesquisa qualitativa, com questões semi-estruturadas. Possuindo como modelo um roteiro de questões com uma abordagem em profundidade e com respostas indeterminadas (DUARTE, 2008). O Quadro 2 exemplifica o processo de elaboração das questões, no qual nos perguntamos o que gostaríamos de saber e a maneira que iríamos perguntar isso, gerando assim o roteiro para nossas entrevistas.

O que eu quero saber?	Como vou perguntar?
Influência das aulas de Geografia do Ensino Médio na escolha do Curso de Geografia.	Por que a escolha do curso superior em Geografia? Por que a Licenciatura (Bacharelado)?

Reflexão dos fatores relacionados a escolha do curso superior.	Dos fatores relatados na pergunta anterior, qual deles foi o mais representativo nessa escolha?
Dimensão das aulas de Geografia do EM na escolha do curso.	Qual importância você credita as suas aulas de Geografia no EM para sua escolha de curso superior?
Reflexão das expectativas anteriores ao curso de graduação em Geografia geradas pelas aulas do ensino médio.	Antes de iniciar o curso de superior de Geografia você percebia a ciência de uma maneira diferente a que ela foi apresentada ao longo do curso? Que idéia sobre a ciência você tinham antes que foram transformadas? E as que se mantiveram? Ao que você credita essas idéias anteriores?
Atribuição de importância do ensino de geografia no EM na formação acadêmica dos entrevistados.	Você atribui às aulas de geografia do EM importância nas disciplinas do curso de Geografia, ou não? Por quê?
Proposições para que as aulas do EM despertem uma maior curiosidade para a ciência geográfica.	Minhas aulas de Geografia no EM teriam sido melhores se.... De questões trabalhadas ao longo da universidade, acredito que teria sido importante a

	presença na sala de aula do EM das seguintes...
Significação para os entrevistados das aulas de Geografia do EM como facilitador ou não da escolha pelo curso.	Para você as aulas da disciplina da Geografia no Ensino Médio foram facilitadoras da sua escolha pelo curso, ou não? Por quê?
Presença das aulas da Geografia no EM na práticas profissionais.	O que você lembra do EM que hoje enquanto profissional possa usar?

Quadro 2 – Roteiro para entrevistas qualitativas com Geógrafos e Licenciados em Geografia. Elaborado pela autora.

Nesse processo chamaremos nossos entrevistados de sujeitos. A partir de nossa leitura da obra de Morin (200) o sujeito irá aparecer

na reflexão sobre si mesmo e conforme um modo de conhecimento intersubjetivo, de sujeito a sujeito, que podemos chamar de compreensão. Contrariamente, ele desaparece no conhecimento determinista, objetivista, reducionista sobre o homem e a sociedade. opagou entre elas o princípio determinista e redutor. (p. 118)

A partir da leitura de Morin (2003) entendemos que a primeira definição do sujeito seria o egocentrismo, quando o indivíduo posiciona-se no centro de seu mundo. Um segundo princípio é o de identidade no qual “Eu” continua o mesmo, apesar das modificações internas do “eu” (mudança de caráter, de humor), e do “si mesmo” (modificações físicas devidas à idade). Consideremos também para compor os sujeitos os princípios de exclusão e de inclusão, que estão ligados de forma indissociável. O princípio de inclusão “supõe, para os humanos, a possibilidade de comunicação entre os sujeitos de uma mesma espécie, de uma mesma cultura, de uma mesma sociedade” (p. 119). Morin apresenta que por ser o produto unitário de uma dualidade é que o sujeito traz em si a atração por um outro *ego*. E essa

compreensão permite considerar não apenas um outro sujeito como *ego alter*, mas também um outro eu mesmo, com quem me comunico, simpatizo, comungo.

Para realizar as entrevistas os sujeitos foram escolhidos aleatoriamente a partir da eleição de quatro grupos distintos, o primeiro deles licenciados em Geografia que atuassem como professores da disciplina em escolas de Ensino Fundamental e Médio. O segundo grupo de graduados no bacharelado em Geografia e que atuassem profissionalmente como Geógrafos. Para tornar a pesquisa mais representativa consideramos importante fazer uma breve entrevista com estudantes de licenciatura e bacharelado em Geografia que iniciaram suas atividades no primeiro semestre do ano de dois mil e onze. Para essas entrevistas com estudantes foram feitas apenas as perguntas que se relacionavam às práticas que possuíam até então. As conversas com os sujeitos ocorreram entre os dias vinte e cinco de abril vinte e nove de maio de dois mil e onze, e foram individuais. Na busca por permitir aos sujeitos se expressarem de uma maneira mais espontânea as entrevistas feitas através da fala e do diálogo e armazenadas utilizando um gravador de voz eletrônico. Após, realizamos as transcrições presentes no Anexo 1 desse trabalho.

6 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Como proposta de continuação dos percursos investigativos, orientamos uma maneira para desenvolver a análise das entrevistas. Primeiramente optamos por realizar recortes nas falas dos sujeitos a fim de preservá-los¹. O caminho é exploratório na procura por uma análise do discurso buscando aproximação sob a luz de nossos objetivos. Foram eleitos segmentos a partir de quatro itens que nos interessavam conhecer e feito um cruzamento com as falas dos mesmos.

6.1 BACHARÉIS

No Quadro 3 observamos as falas dos bacharéis em Geografia. Quando questionados em relação à escolha do curso e da ênfase e da influência do seu EM nessa opção, foi possível perceber que a maior parte deles teve essa decisão norteada por outros fatores e que na verdade as aulas de EM de Geografia estiveram muito pouco presentes. Apenas na fala do sujeito B8 é possível identificar alguma atribuição de importância a essa etapa da vida escolar, na fala do B8 e da B6 está presente a importância do EF. Chama-nos atenção também o curso pré-vestibular lembrado pelo B5.

Em relação à transformação do que pensavam da Geografia antes do curso superior a maior parte dos Geógrafos considerou que houve uma mudança representativa. O único sujeito que não relata isso é o B7, que já tinha contato com um colega que estava no curso e havia observado com atenção o currículo proposto pela universidade. As falas dos B1, B6 e B8 demonstram que a idéia que possuíam da Geografia se modificou principalmente do que diz respeito a pensar a epistemologia da ciência. Constatamos também o desconhecimento da maior parte dos sujeitos sobre a atuação profissional do Geógrafo antes de ingressarem no curso.

Os bacharéis não constataram influência das aulas de Geografia do EM em sua atuação profissional, no máximo esteve presente nas falas uma importância indireta e pouco

¹As falas dos sujeitos estão representadas em itálico, para diferenciá-las de outras citações do texto.

perceptível. Foi interessante observar que na fala de muitos dos profissionais é relatado o distanciamento não só no EM, mas também da universidade em relação às suas práticas.

O que buscamos observar	Como estava presente na fala dos sujeitos
<p>Influência das aulas de Geografia do Ensino Médio na escolha do Curso Superior</p>	<p>B1: <i>na verdade no E M eu gostava mais das aulas de História, mas também gostava bastante das aulas de Geografia², mas é, acho que teve uma influência porque sempre fui bem em Geografia no EM.</i></p> <p>B5: <i>fui fazer o cursinho, a idéia no principio era fazer Direito ou Administração. Depois da segunda aula de Geografia eu mudei totalmente de opinião me apaixonei pela Geografia e botei na cabeça que queria ser professor de Geografia. Professor de Geografia porque eu não sabia da existência do Bacharelado [...] É, foram as aulas do cursinho que me incentivaram. Mas o EM não teve nenhuma participação na minha decisão.</i></p> <p>B6: <i>A Geografia foi justamente porque dentro do turismo eu comecei a achar interessante, pois eu gosto, sempre gostei, de viajar e conhecer outras culturas. Teve, (influência das aulas de Geografia) eu acho que na sexta e na sétima série eu tive uma professora que eu gostava muito das aulas dela, ela era extremamente metódica, fazia quadros. Ela desenhava no quadro os tipos de vegetações e colocava as características nos quadrinhos e ela me marcou muito. No EM te digo que não marcou tanto. Talvez pela a idade porque adolescente fica com outras prioridades, não me marcou tanto.</i></p> <p>B7: <i>Não! As minhas experiências de vida mesmo é que foram mais relevantes do que as aulas do EM.</i></p> <p>B8: <i>desde mais ou menos oitava série, sétima série do EF, eu já tinha intenção de fazer algo relativo a essa área. Sempre me interessava por mapas, Geografia, enfim, mas ao longo do tempo do EM bateu uma dúvida porque eu não tinha certeza se eu queria ser professor, eu não tinha muito conhecimento do campo de atuação do geógrafo. [quando perguntado sobre a influência do EM] é até uma situação curiosa, porque no EM, eu acho que pelo rigor do meu professor de Geografia, as minhas notas eram mais baixas em Geografia do que em qualquer outra disciplina. Mas, mesmo assim eu gostava muito das aulas dele.</i></p>

² Destaques da autora.

	<p><i>Era um cara que tinha uma formação boa e dava uma formação crítica bem interessante pros alunos. E sempre me chamava muito atenção. Apesar de faltar uma base física na aula eu gostava muito das aulas, apesar da dificuldade que eu tinha em conseguir nota, nesse sentido. Mas eu ainda acho que pra eu ter feito Geografia foi mais anterior ainda, e não tanto nas aulas em si, mas no meu gosto por mapas e por atlas. O meu pai tinha uns atlas dos anos oitenta quando tinha quase o império Austro-Húngaro e a Prússia lá, eu gostava já de ver aquilo, e de manusear eu acho que vem mais disso do que do próprio EM.</i></p>
<p>Concepções prévias da Geografia e sua transformação ao longo do curso</p>	<p>B1: <i>O que eu acho que é a principal diferença é que aqui tu vês várias correntes dentro de cada ciência, várias correntes, no que elas diferem umas das outras e no segundo grau é muito mais uma coisa automática, não vê as diferentes correntes. Assim, por exemplo, só na parte humana, tu vê marxismo. Tu vê, claro, a Geografia nova. Tu vê positivismo, neopositivismo e tal. Mas no segundo grau tu não vê nada disso, é muito mais na informação mesmo.</i></p> <p>B5: <i>eu tinha idéia da Geografia enquanto a possibilidade de ser professor, nem sabia de que existia essa área profissional do bacharel, de atuar com planejamento, mapeamento, estudos ambientais, estudo de impacto, e “n” coisas que a nossa atribuição pode nos proporcionar</i></p> <p>B6: <i>Nossa, foi bem surpreendente. Porque, por exemplo, cadeira de epistemologia eu não entendia muito bem o que era até tu entrar lá e ter aula com a [cita o nome de professora do departamento de Geografia da UFRGS] e saber o que é. Na verdade, essa parte mais filosófica, nunca me chamou muito atenção, mas foi bem diferente de tudo o que eu pensava. Eu achei que talvez fosse abordar um pouco mais a área física, mas a UFRGS tem um “Q” muito mais humano. Eu achei que fosse um pouco mais, e queria até que tivesse sido mais. Essa parte os textos de economistas, eu lia, mas não me chamavam atenção. Como por exemplo, as cadeiras que eu fiz no bacharelado que eram eletivas que era mais Geografia física.</i></p> <p>B7: <i>Não, porque as coisas estavam se desenvolvendo já de acordo com o que eu imaginava que fossem. Em função do currículo e das trocas que esse meu colega [que já havia sido citado e cursava Geografia], que estava lá me passou. Então eu já tinha aquela idéia, pra mim foi tudo muito bom, foi tudo muito maravilhoso, apaixonante. A troca que tinha, inclusive, junto com os colegas. Aquilo que eu te falei, era um curso noturno, característico de pessoas com segundo ou terceiro curso, pessoas já mais velhas.</i></p>

	<p><i>B8: Completamente! A idéia que eu tinha de Geografia na época do colégio era aquela coisa de mapa, de estudar relevo, hidrografia, aquela coisa bem cartesiana, bem tradicional. Na Geografia quando tu entras, já no primeiro semestre, tu tens uma visão completamente diferente. Da história do pensamento, enfim. Às vezes eu me surpreendo de ter conseguido me adaptar a toda essa especificidade da Geografia. Porque o que eu encontrei lá é muito diferente do que eu imaginava, na minha pré-concepção. E aí pra tu ter uma evasão é um pulo pequeno, eu tive essa sorte. Até porque, eu entrei muito jovem, eu tinha dezessete ainda, acho que foi mais fácil de moldar, tanto é que os meus caminhos foram se alterando muito nesse tempo. Hoje, eu faço mestrado na área que investe na questão da tecnologia de formação internet e Geografia, tá aí uma coisa que eu não sonhava encontrar até eu entrar na faculdade. Então, é uma coisa que alterou bastante, respondendo a tua pergunta.</i></p>
<p>Presença, ou não, de questões trabalhadas na Geografia do EM em suas práticas profissionais.</p>	<p><i>B1: Eu acho que no EM tem coisas que eu aprendia no colégio e procurava meio que procurar por fora. Claro, principalmente, em História e Geografia, eu procurava pesquisar por fora. Então, esse conhecimento que tu vai adquirindo por fora, meio que te molda para tua vida profissional depois. Mais a coisa que tu buscavas por fora, agora no colégio mesmo, eu não sei, é complicado. Claro para tua cultura geral acho que muitas coisas que tu aprende ali pra tua vida profissional são importantes pro teu conhecimento prévio. Mas acho que o mais importante é o conhecimento que tu pega na universidade mesmo, do que no segundo grau.</i></p> <p><i>B5: Nada. Parcialmente, até a própria universidade tem uma distância em relação ao mundo profissional e a tal de coisa que quando eu vou na cadeira do [cita professor do departamento de Geografia da UFRGS] eu ressaltou isso, de que o nosso curso ele está um pouco carente nesse aspecto. O curso instrumentaliza muito bem o licenciado, o licenciado sai instrumentalizado para ensinar, o bacharel sai pouco instrumentalizado para “bacharelar”, digamos assim, o conteúdo existe e está lá. Falta um pouco é aplicar mais os conteúdos para que o aluno saia um mais instrumentalizado pra atuar como geógrafo. Uma coisa é ter a atribuição que o diploma te dá, mas se tu não trabalhar o conteúdo na universidade, tu não vai saber fazer mesmo que tu tenhas a atribuição.</i></p> <p><i>B6: Não, nada. Foi só a partir da universidade.</i></p> <p><i>B7: Na verdade, eu não consigo compartimentar isso. Tudo o que se aprendeu tudo o que se viveu ao longo, sempre que eu</i></p>

	<p><i>fiquei na escola foi útil. O que se aprendeu de forma curricular, e também o que se aprendeu da forma extracurricular. Então, pra mim é muito difícil compartimenta isso, assim com o pra mim é difícil compartimenta uma Geografia, também é difícil compartimenta a educação. Mas, tudo parte de um contexto onde isso é “tutoreado” pelos teus gostos particulares.</i></p> <p><i>B8: Que eu me recordo não. Talvez numa questão de base, provavelmente, mas efetivamente do que eu trabalho aqui e do que eu vi no colégio acho que não. Até na própria faculdade tem muita coisa que eu jamais tinha sonhado. A faculdade me deu boas bases, mas a atuação profissional mesmo eu estou aprendendo aqui. E no EM eu não saberia dizer diretamente se tem algum auxilio na minha formação, eu acredito que não, não diretamente.</i></p>
<p>Sugestões pensadas a partir da sua experiência no EM</p>	<p><i>B1: Eu acho que se tivesse menos informação direta e mais explicação a respeito do processo de criação daquele conhecimento. Pensar a gênese daquele conhecimento eu acho que é mais importante. Explicar qual foi a corrente que produziu aquele conceito.</i></p> <p><i>B5: As minhas aulas de Geografia do EM teriam sido melhores se eu tivesse um professor de Geografia apaixonado e que pudesse ensinar Geografia e proporcionar ao aluno entrar em contato com o conhecimento de uma forma didática, mais clara e objetiva. Associando a Geografia com a realidade porque essa é a grande vantagem de Geografia. A Geografia se aplica em muitas coisas na nossa vida. Exatamente, na medida em que tu começa a trazer para o aluno a realidade que ele vive no dia a dia, até o trajeto de casa para o colégio pode ser objeto de estudo em uma aula de Geografia. A Geografia é fascinante. A criança é curiosa, se tu começa a tratar esses temas com a criança de uma forma prazerosa tu vais fazer uma geração de apaixonados pela Geografia também, pela disciplina, pelo conhecimento.</i></p> <p><i>B6: Até por parte minha mesmo, se eu tivesse me interessado um pouco mais [...]e a Geografia meio que passou despercebida assim. Eu tenho a impressão que no primeiro ano do EM eu não tive Geografia, [...] nos dois anos subseqüentes eu tive aula com essa mesma professora e a questão foi com a professora, eu não gostava da aula dela. E das de Geografia eu não consigo te dizer se em algum momento eu tinha gostado mais. Me marcou muito mais o EF do que o EM. O professor é a estrelinha da aula, se ele souber te prender a atenção e tu entrar na linha de raciocínio dele, e ele conseguir te envolver, então é ele que é o responsável. Não tem matéria legal, a matéria se torna interessante, pode ser uma coisa até chata que tu não gosta e que tu acabas no final achando que é legal porque o professor consegue te envolver naquilo.</i></p>

	<p><i>B7: Se tivessem sido dadas por professores de Geografia. Em especial, professores de Geografia que tivessem passado pelo bacharelado. Eu acho que há um equívoco nessa história toda. Pra ser um professor de Geografia ele teria que fazer primeiro o bacharelado e depois fazer a licenciatura, teria que passar por aquilo. Tem coisas que o professor de licenciatura vai perder, iria descobrir coisas importantes na forma de ver, na forma de construir, que seriam importantes pra passar para os alunos. Mas, o inverso também é importante, o pessoal que vai trabalhar como bacharel tem que passar também pela experiência. [...] Agora no último semestre eu estava fazendo a licenciatura, mas não tinha mais condições, aí eu tranquei e acho que fui eliminado da jogada agora. Foi uma lastima porque eu estava aprendendo algumas coisas muito interessantes na parte de educação especial, que elas são aplicáveis, em especial, quando tu lidas com pessoas. Na preparação com grupos de trabalho, com grupos de pesquisa. O pessoal da Geografia acaba trabalhando muito a parte..., vai trabalhar no departamento de socioeconomia, até a parte de educação ambiental, [...] desenvolvimento das bacias. Então, tu tens um contato muito forte com pessoas, e tu tens que passar a informação. E as cadeiras da educação te ajudam exatamente nisso, na comunicação, com a parte da psicologia.</i></p> <p><i>B8: Elas teriam sido melhores se tivesse uma integração um pouquinho maior com Geografia física porque eu acho que isso é fundamental. Por mais que eu seja, hoje em dia, um geógrafo mais pro lado humano, do que pro lado físico eu acho que a geografia física tem uma base muito importante. Inclusive, às vezes eu acho que os geógrafos físicos que fazem estudos na área física sabem fazer melhor que os próprios ditos humanos. Os humanos, muitas vezes, ignoram a parte física. Então, acho que isso seria uma questão melhor, tem algumas questões de estrutura mesmo, às vezes, falta de material didático, falta de livro didático, acho que era uma coisa que às vezes faltava um pouco. A gente trabalhava basicamente com Xerox e com os esquemas que o professor trabalhava que eu gostava até dessa sistemática, mas hoje em dia, analisando um pouco mais criticamente acho que faltou um pouco. Então resumindo, seriam melhores se tivessem um pouquinho mais da integração com a parte física da Geografia e também a questão da utilização de livro didático que eu acho que faltou um pouco e que complementar.</i></p>
--	--

Quadro 3 – Estruturação das falas dos sujeitos a partir dos objetivos do pesquisador. Sujeitos Geógrafos, entrevistas de 01, 05, 06, 07 e 08. Elaborado pela autora.

Ao buscar na fala dos sujeitos proposições para a melhora do EM a partir de suas experiências o B1 traz a relevância de apresentar a gênese das questões abordadas nas aulas. Nos diálogos com os B5, B6 e B7 percebemos a importância que atribuem a um professor com formação na área de sua atuação e bem preparado para exercer sua profissão. O B8 relata que sentiu a falta de uma abordagem da Geografia Física e considera que teria sido importante a presença do livro didático (atualmente o livro didático é disponibilizado para alunos da rede pública do EM). O B5 atenta para as possibilidades da Geografia uma vez que está presente na vida dos alunos e seria possível pensar sua aplicabilidade.

Na fala dos bacharéis foi possível observar muito pouca importância atribuída às suas aulas de Geografia no EM, tanto na escolha do curso, quanto na sua formação superior e na sua atuação profissional. Observamos nessas falas que para alguns deles a disciplina de Geografia muitas vezes não foi relevante no EM, foi interessante que em algumas entrevistas inicialmente os sujeitos lembravam poucas coisas desse EM. Entretanto, mais no final da conversa, após outros questionamentos nos parece que eles lembraram algumas coisas e atribuíram uma importância um pouco maior. Por exemplo, a segunda pergunta da entrevista questionava a importância das aulas do EM de Geografia na escolha pelo curso de graduação. Depois era perguntado, mais ao fim da entrevista, se as aulas de Geografia no EM haviam ou não sido facilitadoras de sua escolha pelo curso. Observamos que alguns sujeitos, apesar de, não atribuírem importância na pergunta inicial consideraram o EM como facilitador dessa escolha. Pois, em nossa leitura, ao longo da entrevista foram lembrando questões que estavam adormecidas. Demonstrando dessa maneira a importância da pesquisa qualitativa, que permite aos sujeitos explorarem mais suas respostas. Indagamos-nos: se para os sujeitos que escolheram a Geografia como curso acadêmico ela já teve uma presença pouco significativa em seu EM, será que para alunos que fizeram outras escolhas ela não estaria menos presente ainda?

6.2 LICENCIADOS

Nas entrevistas realizadas com professores de Geografia formados no curso de licenciatura em Geografia inicialmente observamos uma maior influência do EM da disciplina na escolha pelo curso do que os Geógrafos. Nas falas dos L3, L4, L9 e L18

é perceptível a atribuição de grande influência desse EM na escolha. O L2 possui relata uma situação interessante quando atribui uma relevância aos Livros Didáticos de Geografia em sua escolha, mas não relacionado à maneira como seus professores utilizavam-no, mas sim segundo ele por aquele livro apresentar uma visão que naquele momento pare ele parecia proporcionar uma maior compreensão do mundo. Outra particularidade das entrevistas é a contraposição entre as falas do L3 e do L9, o primeiro diz que escolheu o curso de Geografia para evitar questões ligadas à matemática (e relata que depois percebeu que ela estava muito presente no curso), já o L9 demonstra um interesse inicial pela matemática. Fica transparente na fala do L18, a grande importância que ele atribuí à um dos seus professores do EM e como a suas aulas influenciaram sua escolha profissional.

Em relação às concepções prévias da ciência e de suas transformações ao longo do curso da graduação, constatamos que a visão dos licenciados é bastante similar. Em todas as falas relatam que a idéia da Geografia mudou e principalmente por ela ser muito mais complexa do que era esperado antes do curso. O L18 diz que prefere a Geografia Escolar à Geografia Acadêmica e que para ele é mais interessante a didatização proposta para a escola.

Ao buscar as influências das suas aulas de Geografia do EM em sua atuação profissional atual os sujeitos licenciados apresentaram uma representatividade muito maior para isso. É algo compreensível, pois, sua atuação profissional é a mesmas de seus professores, enquanto os bacharéis utilizam a mesma ciência, todavia para uma atuação diferente. Na fala do L2 ele diz que a influência dessas aulas é no sentido de como não reproduzir o que seus professores faziam. Já para os L3, L4 e L9 muitas questões estão presentes e eles utilizam como um exemplo, mas com a intenção de melhorá-lo.

O que buscamos observar	Como estava presente na fala dos sujeitos
Influência das aulas de Geografia do Ensino Médio na escolha do Curso Superior	<p>L2: <i>considero que tive bons professores em várias áreas do conhecimento nunca tive nenhum bom em Geografia, ao mesmo tempo, sabe que quando abria os livros didáticos de Geografia me inquietavam. Assim, eu acho que depois quando eu fui entender o conceito de paisagem eu me identifiquei muito porque aquelas contradições e organização me davam naquele momento a idéia de que Geografia explicaria tudo, ou o mundo pelo menos.</i></p> <p>L3: <i>Eu sempre gostei do estudo da Geografia, do que trata a</i></p>

	<p><i>Geografia do estudo do mundo. Tu vais mais embasado pelo que tu vês no colégio população, aqueles dados todos. Na verdade eu sempre gostei da idéia da Geografia de estudar uma população, uma região, geralmente lugares que tu não conhece uma construção mais generalista da realidade. [...] Algumas sim, porque eu tive bons professores, então me incentivou bastante. Esses professores davam exatamente esse enfoque, não naquela Geografia tradicional, claro, eles davam porque é meio que obrigatório tu seguir um currículo, mas na maioria das vezes eles traziam notícias e faziam a gente ler e ver o real sentido das coisas.</i></p> <p>L4: <i>Eu tinha aulas maravilhosas no EF, a partir da sétima série eu tive uma professora que foi encantadora e ela tinha um conhecimento de mudo uma organização mental de aspectos físicos e humanos que me encantavam e eu pensava: “Nossa! Essa pessoa entende do mundo e ela conhece muitos lugares e eu quero entender o mundo e conhecer muitos lugares.” [...] Mas foi uma decisão, foi um encantamento na verdade, foi uma forma que eu aprendi Geografia que não era o que eu tinha antes e nem é aquela visão que a maioria das pessoas tem e isso me encantou. [...] É, ao EF até por ter feito Magistério e no Magistério eu tive aulas de Geografia só no primeiro ano do EM, e também eram boas, mas era um professor que dava aulas pra cursinho então ele tinha outra abordagem. Mas eu já estava encantada, então pra mim tudo era maravilhoso</i></p> <p>L9: <i>Pois é, eu tive três professores no EM e quase todo o tempo foi o mesmo professor e esse professor a aula dele todo mundo dizia que era um pouco improvisada, mas era um improvisado com uma articulação. Ele vinha com assuntos de atualidade, e daquilo, ali ele puxava toda a matéria.</i></p> <p>L17: <i>Tem a influência de um professor meu, que ele tava dando aula e saia, e entrava nos assuntos o tempo todo, só que ele ficava dentro da Geografia. Então, ele ia fazendo uma relação, mostrando que as coisas não funcionam separadas, elas funcionam juntas existe um contexto. Acho que por isso, ele me influenciou muito. Foi no EM, primeiro ano do EM, e até hoje eu tenho contato com ele e disse pra ele que o motivo pelo qual eu escolhi Geografia foi pelas aulas dele, e agradeço as aulas dele.</i></p>
<p>Concepções prévias da Geografia e sua transformação ao longo do curso</p>	<p>L2: <i>Muito pouco, eu acho que estava dentro das minhas expectativas. E claro que, acrescentou muita coisa, mas de uma forma geral estava dentro das minhas expectativas. Eu terminei o curso satisfeito... Acho que era o eu esperava. [...] Que é muito mais complexo e eu acho que principalmente as subjetividades que estão por trás.</i></p>

L3: *Não, a Geografia que a gente aprende na escola e vê na televisão não é a Geografia acadêmica. A Geografia acadêmica é completamente diferente. Com certeza, é chocante assim, no primeiro semestre tu já tens uma baita diferença. [...] Acho que as idéias que tu vê na escola são idéias meio fechadas, circuito fechado.*

L4: *Ela se tornou muito mais complexa depois que eu entrei no curso, a coisa era muito maior do que eu imaginava, eu não vou entender o mundo inteiro e eu não vou conhecer todos os lugares foi meio que um pavor assim. Acho que a partir do momento que eu vi que tinham várias áreas e que era muito mais difícil do que parecia antes e **que esse conhecimento que essa professora havia mostrado não era uma coisa fácil de ser construída porque entender a Geografia como um todo e tentar fazer da ciência o que ela pretende ser é bastante complicado**, não é uma coisa muito fácil de fazer. Então, eu acho que é a coisa mais difícil essa saída da Geografia do colégio pra essa, foi o ponto mais complicado.*

L9: *Então não teve grandes surpresas assim e tudo mais, o que eu acho que talvez tenha é que faltou **um pouco de discussão conceitual e de conteúdo mesmo**. Até mesmo na parte de Geografia Humana, essa foi uma carência. Porque quando tu estudas uma parte física, ai sim, eu confesso que tenho que bater de frente pra tentar entender, mas acho que a parte humana também complica. Outra coisa é quanto ao que eu acreditava ser a Geografia, eu acho que não teve grandes surpresas assim, mas eu não esperava que fosse um conhecimento tão diverso. Não que aborde oportunidades, mas que **ela mesma tenha múltiplos caminhos, métodos**, e isso é **enriquecedor** e tu acabas te apaixonando.*

L17: *Sim, se modificou muito porque eu gosto da Geografia escolar, mas não gosto da Geografia acadêmica. A Geografia acadêmica se torna um pouco maçante, muitas vezes, muito específica. O fato de eu não ter escolhido o bacharelado é porque eu gosto da Geografia escolar, do livro didático, **desse equilíbrio didático com a Geografia**. A Geografia acadêmica às vezes fica meio chata. Só que quando eu entrei gostava muito mais da parte humana e quando eu me formei já estava gostando muito mais da parte natural da Geografia, não que não tenha relação, mas eu via muito mais facilidade pra ver ganchos com a natureza puxando pro o humano do que vice versa. Então eu acho que mudou muito a minha visão de Geografia, mudou bastante.*

<p>Presença, ou não, de questões trabalhadas na Geografia do EM em suas práticas profissionais.</p>	<p>L2: Como não fazer sim, como fazer não. Não fazer! Não passar questionários/textos. Só texto/questionário, por exemplo. Tenho muito referencial de como não fazer. Só aquela aula, mais do que tradicional, se fosse uma aula tradicional poderia constar só uma exposição, só que eu não tinha.</p> <p>L3: Eu acho que aqueles conteúdos fechados, como ocupação do espaço brasileiro, isso não muda muito o que muda na faculdade é o enfoque, é como tu vais passar, qual é a dinâmica de trabalho, qual é a metodologia que tu vais usar. Mas acho que os conteúdos, no fim, eles ficam os mesmos, a minha crítica é só sobre como passar e o que enfocar. [...]Eu acho que é muito enfoque no número, mas na realidade a base e a sustentação tá toda no livro didático, é só saber como passar. É que tu vendo por outros lados e vendo outras coisas tu acabas tendo outra metodologia e acaba entendendo que ensinar para uma criança de cinco anos o que é o sistema solar fica uma coisa capenga. Se tu não explicar bem, se tu não fizer eles terem um nível de abstração, que é grande. A Geografia envolve um nível de abstração da realidade grande, tem que sair do teu plano da Terra uma coisa fixa e ir para um plano cósmico o que é uma coisa absurda. Eu acho que é o enfoque, a metodologia, saber explicar, ter paciência.</p> <p>L4: As práticas que eram as duas características desses professores e que eram coisas que eu gostava de trabalhar de forma mais descontraída e até por isso eu tenho dificuldade muito grande de trabalhar com crianças porque as vezes tu tens que ficar cobrando, tem que estar impondo ali um silêncio, alguma coisa assim. E, por vezes, tu demonstras uma forma mais descontraída tu perdes um pouco o foco, tu precisas de um momento sempre mais duro com eles e quando tu trabalhas com adultos eles já conseguem distinguir bem a parte da aula e as brincadeiras. Isso era uma prática dos professores que me facilitava muito. De conceitos, eu acredito que a parte física fazia e eu gosto de algumas aplicações que o professor esse do EM fazia, de explicações que eram facilitadoras assim, às vezes elas reduzem um pouco, mas elas me agradavam. É que as práticas em si, desses professores, eram encantadoras, eram práticas encantadoras. Elas contavam as coisas e te envolviam naquelas coisas. A do EF fazia a gente participar, por mais que fosse EF e a gente não conseguisse construir algo assim com textos, fazendo muitas reflexões, até por que, era um pouco limitado. Eu lembro que eu estava no EF quando aconteceu o atentado as Torres Gêmeas e ela nunca emitiu um julgamento sobre aquilo nas aulas de Geografia. Enquanto todos os outros professores ou condenavam ou eram a favor das práticas terroristas, a professora de Geografia tinha uma postura que pra</p>
---	---

	<p><i>mim é algo que eu procuro adotar hoje em sala de aula, que é permitir que o aluno descubra, ela nos dava meios, ela nos dava a notícia, ela nos apontava onde procurar, mas ela não nos dava as respostas. Ela deixava que a gente escrevesse que a gente pesquisasse e aceitava qualquer tipo de opinião. Se a gente tá permitindo conhecer o espaço, se a gente tá pretendendo estudar tudo isso, tanto em aspecto físico, quanto humano, eu acho que a gente não pode dar só a resposta. Então, são coisas que foram muito importantes.</i></p> <p><i>L9: Primeiro, a capacidade de improvisação é importante no professor, não é que eu não planeje a minha aula. Mas um pouco de improvisação, aquele comentário pra mudar um assunto de última hora e ir por outro caminho, isso era uma característica muito importante naquele meu professor, e eu acho que eu consigo ir bem por essa linha também. Agora, a aula dele me mostrou também o que melhorar. Não é que eu copie ele, mas naturalmente o meu estilo é o mesmo que o dele. Então, por exemplo, a falta de estrutura no conteúdo eu procuro não pecar nisso, eu trago texto, exercício no caderno. Às vezes se eu não me cuida, Opa, aquela turma lá já faz um tempinho que eu não estruture o que eu estou vendo com eles. Esse meu professor só dava trabalho, não dava prova, eu dou prova individual sem consulta, porque acho que é importante, um momento de induzir o pensamento, mesmo que o aluno tenha que pensar com ele mesmo. Eles me perguntam “professor é com consulta?” Sim, consulta o cérebro, é a hora de pensar. Mas é importante pensar que eu não copio esse meu professor. E vendo, eu acho que pelo fato de a Geografia relacionar muita coisa, talvez seja o modelo adequado pra se dar aula de Geografia. Podem ter modelos melhores? Podem ter. Mas esse dá conta! Eu me sinto muito confortável dando aula assim e os alunos gostam, desde que tu estruture o conteúdo.</i></p> <p><i>L17: Eu percebo um... Volto pro meu primeiro ano, aquelas entradas e saídas da transversalidade que eu faço, claro, me apoio muito no que eu vi na escola. Não quero fazer com a mesma habilidade que ela fazia, nem tenho essa pretensão, mas eu vejo que a aula desse professor do primeiro ano, não do terceiro, mas do primeiro, eu vejo que me deram o norte como professor.</i></p>
<p>Sugestões pensadas a partir da sua experiência no EM</p>	<p><i>L2: Se eu tivesse tido um bom professor, nunca tive um bom professor de Geografia, foi o que faltou. [...] porque se eu tiver comparação à aula de Biologia, por exemplo, minhas aulas de Biologia eram ótimas porque o professor era excelente. Então eu vejo como uma grande diferença. [...] a falta de um professor qualificado.</i></p>

L3: *Se eu tivesse um professor não preocupado em dar o conteúdo e vencer a matéria, e sim fazer com que a gente entendesse a realidade de como as coisas acontecem na sociedade. Eu acho que seria mais interessante.*

L4: *Se eu tivesse tido todas as aulas do EM. É, eu acredito que sim, se eu tivesse tido isso de repente, mas é uma coisa difícil de fazer na escola, mas se elas não fossem tão simplificadas, é que é uma construção muito difícil. O que pra gente aqui é complicado e a gente tá imerso no curso tá vendo de diversas formas, mas se não fosse tão simples, de repente se elas se permitissem mais incertezas do que afirmações de repente a gente tivesse outra idéia ou teria chegado aqui melhor, mais preparada de repente.*

L9: *Teriam sido melhores se a matéria tivesse sido mais estruturada, abordasse mais conceitos, quem sabe até mais conteúdos, por que algumas vezes ela beirava a pura improvisação. Então, o professor tinha uma capacidade incrível de adaptar o conteúdo, de fazer relações, uma coisa que é uma característica de aula mesmo, mas não tinha esse cuidado de bom agora, é hora de dar um texto sobre formas de relevo pros meus alunos da oitava lerem. Então, é estruturar bem a coisa. Até porque, outro problema, outra imperfeição, da aula dele, em minha opinião, é que o mesmo modelo se repetia toda aula. Então, ele ficava falando... Porque isso é uma aula expositiva, tem um debate, mas quem prevalece nesse debate? É o professor então acaba sendo uma aula expositiva muito boa, mas a gente sabe criança quatro horas sentado ali numa cadeira totalmente desconfortável, com muito calor ou muito frio e ai só ouvem um professor falando é chato.*

L17: *Eu vou tomar como parâmetro o meu primeiro ano. Se elas tivessem desenvolvido mais a visão geográfica propriamente dita, a gente faz Geografia sem uma visão geográfica. Eu acho que ela teria sido mais interessante se elas tivessem **uma abordagem mais complexa**, que misturasse mais os temas e que percebesse que a população também tem uma relação com a base material, que a natureza influencia a sociedade e vice versa. Talvez se eu tivesse tido três anos com a mesma força do primeiro eu tivesse entrado com mais convicção, mas hoje, eu tenho essa convicção. Eu acho que um pouco de **reflexão crítica, não a Geografia crítica, mas uma visão maior sobre a Geografia, sobre o espaço, do que a gente vive diariamente**. Quase sempre o conteúdo de escola ele se afasta da nossa vida, eu acho que foi isso que faltou levar um pouco. Às vezes a Geografia ela tende pra um lado crítico forte aqui e lá da escola, muitas vezes o professor tem medo de se incomodar com a reflexão crítica eles tem um pouco de preguiça de elaborar temas mais fortes porque tem muitas turmas, seja lá o que for. Mas eu*

	<i>acho que falta reflexão se não o espaço de Geografia fica muito em termos de “decoreba”.</i>
--	---

Quadro 4 – Estruturação das falas dos sujeitos a partir dos objetivos do pesquisador. Sujeitos Licenciados, entrevistas de 02, 03, 04, 09 e 17. Elaborado pela autora.

Em relação às sugestões feitas pelos sujeitos a partir de suas aulas de Geografia no EM, está presente na fala do L2 que para ele seria importante ter a presença de um professor qualificado para a disciplina. Para o L3 poderia ser pensada a possibilidade de não ter a preocupação tão grande em passar os conteúdos e sim de abordá-los de maneira mais completa. A L4 relata que gostaria de ter tido Geografia em todos os anos do EM, e que as questões poderiam ser menos simplificadas, apesar de ela saber que isso é bastante difícil de executar, nesse sentido a fala da L4 vai ao encontro da do L3. O L9 traz uma necessidade de um pouco mais de estruturação em suas aulas, retoma questões positivas das aulas fazendo essa proposição para melhorá-las. O L18 traz uma vez mais a importância de uma abordagem mais complexa, e complementa com a relevância de mostrar ao aluno que vivemos nosso espaço diariamente.

6.3 ESTUDANTES

Após as entrevistas realizadas com professores e geógrafos, consideramos importante conversar também com estudantes de Geografia que tivessem ingressado no curso no ano letivo corrente. Pois, de maneira geral teriam terminado o EM há menos tempo do que os profissionais, possibilitando assim uma perspectiva temporal. Por estarem ainda no início do curso, as perguntas foram reduzidas e apenas aplicadas as que tinham relação com suas experiências. Entre os estudantes que escolheram a licenciatura como ênfase, dois deles não atribuem nenhuma importância às suas aulas de Geografia do EM na escolha profissional. A EL10 chama atenção para suas aulas do curso pré-vestibular. Os EL16 e EL18 atribuem uma grande relevância a essas aulas, ressaltando a importância de seus professores nessa escolha. É interessante na fala da EL16 a influência de seu professor para que ela fosse buscar novas fontes de conhecimento, atribuindo a ele uma relevância em sua autonomia intelectual. Os cinco Estudantes de Licenciatura percebem uma mudança nas suas concepções de Geografia.

Ressaltando que a proposta da ciência encontrada na universidade é mais ampla e aprofundada.

O que buscamos observar	Como estava presente na fala dos sujeitos
<p>Influência das aulas de Geografia do Ensino Médio na escolha do Curso Superior</p>	<p>EL10: <i>Bom, eu não tive na verdade essas aulas, foi quando eu entrei no cursinho que eu vi o quanto está faltando professor de Geografia, os que tem são professores de outras disciplinas na maioria são professores de História que dão aula de Geografia. O cursinho é que me deu oportunidade de aprender alguma coisa e me mostrou o que é Geografia.</i></p> <p>EL11: <i>Não, praticamente eu não tive Geografia no colégio.</i></p> <p>EL13: <i>Nenhuma.</i></p> <p>EL16: <i>eu tive um professor maravilhoso no EM e que me fez refletir, e me fez procurar e buscar livros [...]Em função desse meu professor, ele influenciou total, o jeito que ele trabalhava com a gente quando ele via que a gente não tinha conhecimento nenhum dos conflitos ele explicava desde o início como se estivesse falando com uma criança, por mais que fosse EM, ele tinha toda aquela paciência e foi o que me deixou mais encantada.</i></p> <p>EL18: <i>A escolha por ser professor veio de influência de alguns professores, que eu tive alguns bons e alguns maus exemplos também, que de alguma forma influenciou. Mas até o que acabou pesando a favor de Geografia foi que eu só tive dois professores no EF, e foram dois professores muito, muito bons. Professores e que eu acho, que influenciaram muito na minha decisão, eles fizeram que aflorasse essa vontade. A importância é total. O EM principalmente, eu tive um professor que era muito jovem, ele fez licenciatura aqui na UFRGS. Eu acho que estava no primeiro ano quando ele concluiu o mestrado, ele devia ter uns vinte e dois anos. Ele, com certeza, influenciou bastante a minha decisão. Não diretamente, mas as aulas dele.</i></p>
<p>Concepções prévias da Geografia e sua</p>	<p>EL10: <i>É completamente diferente, lá é bem básico mesmo é uma introdução, não se tem muito fundamento assim.</i></p> <p>EL11: <i>Por exemplo, quando a pessoa quer estudar Geografia, História não pensa com uma ciência, ela pensa como um</i></p>

<p>transformação nesse início de curso</p>	<p><i>estudo. Quando tu conta pra alguém que tu está fazendo Geografia a pessoa questiona: “ah, tá e o que tu faz? Vai ver mapa?” E quando na verdade não tem nada a ver. São opções que a ciência vai te dar.</i></p> <p>EL13: Sim, agora eu to aprendendo o que é Geografia, o que de fato eu ainda não sei, mas eu estou aprendendo. Está mudando bastante porque Geografia pra mim... eu nem sei direito o que que era. [...] E agora eu estou vendo que existe um propósito.</p> <p>EL16: Eu tinha uma idéia do que eu tive no colégio e mais um pouco de outro lado, mas agora eu vejo que é bem diferente. Eu vejo muito mais coisas que nunca tinham passado pela minha cabeça. Eu estou vendo mil coisas que eu nunca... Nunca imaginei a geografia trabalhando com pólos, talvez um biólogo, coisas que acabam deixando o pensamento muito pequeno. Agora eu vejo o quanto a Geografia é ampla, é muito mais ampla do que eu imaginava.</p> <p>EL18: Por enquanto, tá no primeiro semestre, então tudo muito recente. Na minha opinião é um EM mais aprofundado, é óbvio, mas é tudo bastante parecido com o EM. Até agora, a gente saiu de uma aula de cartografia e tinha gente falando “ah, tinha bastante matemática” eu não sei como as pessoas achavam que Geografia não ia ter Matemática se Matemática tem peso dois no vestibular. As pessoas tem uma idéia errada do que é Geografia.</p>
<p>Sugestões pensadas a partir da sua experiência no EM</p>	<p>EL10: Se fosse um professor de Geografia empenhado em trabalhar aquele conteúdo e com recursos pra fazer isso. Eu acho que é o que mais falta para o professor, tempo para preparar uma boa aula, e a escola oferecer recursos pra ele, para ele manter a pesquisa dele e poder dar aula.</p> <p>EL11: Se houvesse um interesse dos professores de ensinar, eu acho que não tem interesse. Não sei, talvez pela carreira de professor no Brasil mesmo já a pessoa perde a vontade, mas se houvesse um comprometimento maior.</p> <p>EL13: Se o meu professor fosse melhor. Porque eu estudei em colégio público no EM, porque no EF eu estudei no particular, e tinha professores velhos. Eu tive aula com uma senhora que não tinha condições de estar dando aula, uma pessoa que era pra estar sendo cuidada em casa com uma enfermeira, ela não conseguia subir escada e estava lá dando aula para nós. E tinha professores que não se importavam também.</p> <p>EL16: Teriam sido melhores se tivesse um pouco mais de</p>

	<p><i>Geografia Física, tivesse visto mais. Porque o meu primeiro vestibular foi pra Biologia e depois eu comecei a pensar na Geografia, se eu tivesse mais Geografia Física, se o professor fosse melhor do que ele foi eu teria, ainda, escolhido Geografia primeiro.</i></p> <p><i>EL18: Realmente, eu não tenho o que dizer! Foi um exemplo ótimo! Um projeto diferente que ele fez foi uma ou duas cadeiras de economia. Então, ele desenvolveu esse projeto conosco, onde conforme a nota do primeiro trimestre cada aluno virava uma empresa com um valor “X” nas ações da sua empresa. Ele mapeava, usava uma forma pra mapear, mas as notas de todas as disciplinas, por exemplo, eu era uma empresa que tinha lá que tinha duas ações a 40 pra vender. Ai, a gente ganhava um envelope com as duas ações da sua empresa. Mais um “valor ‘X’ de dinheiro fictício, que agora eu não lembro quanto, mas, enfim, pra comprar e vender as ações e conforme o aumento ou a diminuição das notas do segundo semestre as ações valorizavam ou desvalorizavam. Então, conforme vinham vindo as notas das provas a gente comprava vendia as ações com os colegas. Esse é um dos exemplos, esse era um professor bem diferenciado, com certeza, do EM era o meu melhor professor.</i></p>
--	---

Quadro 5 – Estruturação das falas dos sujeitos a partir dos objetivos do pesquisador. Sujeitos Estudantes de Licenciatura, entrevistas de 10, 11, 13, 16 e 18. Elaborado pela autora.

Quando sugerida a proposição de possibilidades para que suas de Geografia no EM tivessem sido melhores. Os três estudantes (EL10, EL11, EL13) que haviam relatado anteriormente não ter uma influência das aulas para a escolha do curso superior, vão ser os que pensam que essas aulas teriam sido melhores se fossem dadas por professores mais qualificados e envolvidos com seus fazeres. Enquanto os dois sujeitos que representaram uma relevância grande às suas aulas (EL16, EL18) fazem contribuições mais específicas de pequenos detalhes a serem revistos.

Nas falas dos estudantes de bacharelado é possível ler em duas (EB12 e EB19) delas que existiu a influência do EM na escolha do curso especificamente por causa de um dos anos em que experienciaram aulas com um bom professor (na leitura deles). O EB14 não atribui importância às suas aulas. O EB15 descreve que já gostava muito da disciplina, principalmente por um estímulo da família, e que apesar de ter tido bons professores isso não influenciou na sua escolha. E na fala da EB20 está visível mais uma vez um professor do curso pré-vestibular como inspiração para a opção de estudar Geografia.

O que buscamos observar	Como estava presente na fala dos sujeitos
<p>Influência das aulas de Geografia do Ensino Médio na escolha do Curso Superior</p>	<p>EB12: <i>Na verdade eu gostava da professora, não bem da professora, mas do jeito que ela ensinava, mas ela gostava muito daquilo e eu gostava do conteúdo que era as coisas do mundo, da atualidade, do que se discutia, de dar o meu ponto de vista aí eu me apaixonei por aquilo. [quando questionada em relação a importância do EM na escolha do curso] Toda, mais as do terceiro ano.</i></p> <p>EB14: <i>Não, nada.</i></p> <p>EB15: <i>No EM eu tive professores bons, eu diria, mas independente das aulas a minha escolha teria sido essa. Não foi o que me influenciou, até gostava porque às vezes provocava um professor eu discordava dele.</i></p> <p>EB19: <i>Eu só fui ter uma aula boa de Geografia no terceiro ano do EM porque o professor era muito bom, acho que isso me influenciou de certa forma, ficou como lembrança.</i></p> <p>EB20: <i>Não, no colégio, eu não tinha muitas coisas e eu não gostava muito do professor, então eu acho que isso te influencia muito, ser professor influencia muito, acho que por isso eu não faria licenciatura. Porque eu não seria uma boa professora, mas eu acho que no colégio eu não tinha uma boa base, o que me influenciou mesmo foram as aulas do cursinho.</i></p>
<p>Concepções prévias da Geografia e sua transformação nesse início de curso</p>	<p>EB12: <i>Talvez para melhor, eu achei muito, muito bom o curso. Eu gosto das duas áreas (humanas e exatas), então pra mim o curso é bom. A gente acaba tendo voltado pras humanas mais pro fim, mas eu estou gostando de tudo.</i></p> <p>EB14: <i>Eu achava que era mais livre, que era mais amplo e livre mesmo, que as cadeiras obrigatórias eram menos fechadas em si, eu achei que o pessoal ia começar a integrar tudo com tudo, e não continuar a dividir as coisas. A segmentação está me deixando bem decepcionado.</i></p> <p>EB15: <i>Alguns pontos me surpreendem a questão da Geografia humana, que seria a historiografia do pensamento geográfico, me surpreende como ele se formou até agora. Acredito que é tudo dentro de um esperado, está correspondendo.</i></p> <p>EB19: <i>Por enquanto é o primeiro semestre, mas muita coisa que</i></p>

	<p><i>eu tive aqui ou no cursinho eu não tive no colégio. Muita coisa eu to aprendendo aqui, aqui e no cursinho.</i></p> <p>EB20: Olha, acho que mudou pra melhor, eu tinha uma idéia bem básica porque queira ou não, como é um curso que tu aprende no colégio tu tem uma idéia que tu vai aprender aquilo que tu viste no colégio e totalmente ao contrário. Eu acho que a visão melhorou muito.</p>
<p>Sugestões pensadas a partir da sua experiência no EM</p>	<p>EB12: Se a professora tivesse uma linha maior de “condutividade” porque era muito bom pra mim só que objetivamente acabava acontecendo um debate maior e com menos conteúdo formal.</p> <p>EB14: Se a gente aprendesse mais Geografia de fato, Geografia crítica de fato, não aquela “coisinha” de vamos ter uma aula de globalização e na aula de globalização ninguém fala nada de globalização. Aquela coisa de lacunas enormes, conceitos amplos demais. Tu não tens uma aula de fuso-horário que vai te ensinar por que as coisas estão assim, quando é que isso começou, quando é que foi preciso fazer o primeiro fuso horário, não tem essas coisas assim. Eu não consigo decorar coisas, eu tenho que entender o processo. É uma visão mais difícil para o profissional que esta ali passar, mas eu acho que seria mais gratificante para o aluno e até para o professor.</p> <p>EB15: Elas teriam sido melhores se tivessem tido outros recursos como vídeo, não só professor e, além disso, experiências como viagens em que pusesse o estudo da Geografia e a Geografia como objetivo da viagem. Fazer trabalhos, sair pela cidade, fazer Geografia.</p> <p>EB19: Se os professores fossem melhor preparados para conduzir a turma, e fazer um trabalho mais dinâmico, que é o que está faltando na escola pra atrair os alunos.</p> <p>EB20: Se os professores tivessem sido professores, eu acho que Geografia é um curso que ou tu tem um diálogo com o teu aluno ou tu não vai conseguir porque seguir o livro não funciona. Não é uma Matemática que é uma coisa exata, é um curso em que tu gira no atual e se não tiver um diálogo com teus alunos tu não vai melhorar, então eu acho que teria melhorado se tivesse um diálogo melhor com os alunos.</p>

Quadro 6 – Estruturação das falas dos sujeitos a partir dos objetivos do pesquisador. Sujeitos Estudantes de Bacharelado, entrevistas de 12, 14, 15, 19 e 20. Elaborado pela autora.

Em relação às concepções prévias e suas modificações no início do curso, a maior parte dos estudantes de bacharelado considera que percebem mudanças e que em sua maior parte estão sendo positivas. Alguns estudantes relatam um aprofundamento de questões trabalhadas na escola e outros trazem muitas coisas como praticamente novas. O único que demonstra um desencantamento com o curso é o EB14, ele comenta que esperava ver o curso apresentar uma Geografia mais coesa, e, no entanto ele percebe uma segmentação que está deixando-o desestimulado.

Como estímulo para que suas aulas de Geografia no EM tivessem sido mais representativas, três dos sujeitos vão atribuir uma vez mais a necessidade de um bom professor para que isso ocorresse. Os EB12 e EB14 falam sobre seus professores trabalharem com conceitos amplos demais e sentirem necessidade de algo mais focado. O EB15 traz a importância da disponibilidade de mais recursos e da possibilidade de realizar trabalhos de campo como possível caminho. Nas falas das EB19 e EB20 fica evidente uma vez mais a carência por bons professores da disciplina.

6.4 DIÁLOGOS POSSÍVEIS

Muitos dos temas presentes nas falas dos sujeitos já foram pensados por alguns dos autores com quem conversamos ao longo do trabalho, sugerimos nesse momento uma breve retomada das conversas realizadas. Verificamos a importância do professor de Geografia propor atividades para desenvolver o raciocínio geográfico em alunos de EF e EM. E de permitir a esses alunos possibilidades de como pensar o espaço geográfico, como dialogar com esse espaço. Está presente em nossa reflexão a importância do aluno de apropriar-se de métodos, conhecidos e desenvolvidos por geógrafos, que possibilitem essa análise do espaço geográfico (PONTUSCHKA, 2005).

Outra questão abordada pelos sujeitos é a necessidade compreender os fenômenos de maneira indissociável, o que é levantado por Morin.

Incita a distinguir e fazer comunicar em vez de isolar e de desjuntar, a reconhecer os traços singulares, originais, históricos do fenômeno, em vez de ligá-los pura e simplesmente a determinações ou leis gerais, a conceber a unidade-multiplicidade de toda a entidade em vez de heterogeneizar em categorias separadas ou de a homogeneizar numa totalidade indistinta. Incita a dar conta dos caracteres multidimensionais de toda a realidade estudada. (MORIN, 1982 p. 250)

Observamos nas falas dos entrevistados a necessidade de realizar conexões com a realidade na qual os sujeitos estão inseridos. Proposta que conversa com Castrogiovanni (2007b) trazendo a Geografia como ciência que mais do que nunca deve colocar os seres humanos no centro das preocupações, podendo e devendo ser considerada como uma reflexão das ações humanas em suas distintas dimensões. O autor também indica a importância de experiências pedagógicas que possibilitem aos alunos oportunidades de significação, concebendo a carga de vivências que eles trazem consigo.

A necessidade relatada pelos sujeitos de ter um bom professor de Geografia, nos pensar sobre a formação desse profissional, que segundo Cavalcanti (2002, p.112) para:

enfrentar os desafios postos atualmente na educação escolar é necessário uma formação profissional consistente” e é essa formação que proporciona ao professor a segurança para tratar os temas disciplinares, para analisar a sociedade contemporânea, suas contradições, suas transformações, para compreender o processo histórico de formação do conhecimento.

Esse questionamento, uma vez mais, nos faz recordar a relação entre a Geografia desenvolvida na universidade e a apresentada na escola. A formação desse professor que está na escola é atribuída à universidade, sendo, portanto as indagações da Geografia, tanto da escola quanto da universidade apresentando-se uma relação dialógica. Em relação à fragmentação observada pelos sujeitos em seu EM e depois a possibilidade de conceber a Geografia de maneira mais ampla através das disciplinas da universidade, conversamos com Morin (2002, pg. 35) que propõe:

O conhecimento do mundo como mundo é necessidade ao mesmo tempo intelectual e vital. É o problema universal de todo cidadão do novo milênio: *como ter acesso às informações sobre o mundo e como ter a possibilidade de articulá-las e organizá-las? Como perceber e conceber o Contexto, o Global (a relação todo/partes), o Multidimensional, o Complexo?* Para articular e organizar os conhecimentos e assim reconhecer e conhecer os problemas do mundo.

Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009) ressaltam a importância do professor de Geografia desenvolver pesquisas sobre ensino de Geografia, pois, ao realizar esse exercício ele terá acesso a novas metodologias de ensino e aprendizagem, exercitando a sua capacidade de fazer opções relativas aos temas, habilidades e competências trabalhados com os alunos. A partir do momento em que o professor faz escolhas, ele se torna autor de suas práticas com capacidade de elaboração própria de novos tratamentos e metodologias. Muito presente na fala dos sujeitos, essa necessidade de ter um bom professor no EM, pode ser orientada e refletida por alguns desses autores com quem conversamos no trabalho. A importância de que esse bom professor do EM venha a apresentar a Geografia. Enquanto conhecimento que permite ao aluno entender e analisar o espaço em que vive e assim tornar-se autônomo na sociedade com a qual se relaciona, compreendendo a aplicabilidade dessa ciência tão complexa que se apresenta em sua sala de aula e em seu dia-a-dia.

7 CONSIDERAÇÕES...

Após percorrermos os trajetos desse percurso investigativo algumas questões habitam nossa reflexão sobre a Geografia no EM e o quanto ela esteve ou está presente nos sujeitos que escolhem continuar nos caminhos possíveis para essa ciência. Para iniciar esse momento reconhecemos que a leitura e análise dos documentos para a posterior reflexão sobre as possibilidades de sua aplicação nas práticas de sala de aula é um processo trabalhoso e que exige tempo do professor. Todavia, nos parece essencial que o professor tenha a disponibilidade para realizar essa tarefa e se torne autor de suas práticas. Percebemos que devido à dificuldade de execução, em muitas situações o que acaba por balizar os conteúdos e competências para a sala de aula são os livros didáticos de Geografia. O que não nos parece suficiente para uma aula representativa na constituição dos alunos enquanto cidadãos e para apresentar a ciência e suas possibilidades.

Acreditamos que os documentos são importantes e contribuem enquanto parâmetros, porém ressaltamos uma vez mais a importância do professor utilizá-los apenas nesse sentido, tendo presente que sua visão e interpretação sobre esses documentos é essencial. E que é imprescindível adicionar a eles sua escolha de método e autoria. Na busca por se instrumentalizar para o exercício docente que propicie o desenvolvimento dos sujeitos para a cidadania.

Consideramos importantes projetos de pesquisa que pensem propostas de novas metodologias de ensino-aprendizagem. E devido às mudanças nas diretrizes e orientações para EM no Brasil estarem ocorrendo de maneira rápida e de essas mudanças possuírem representativa influência no exercício do professor. Parece-nos necessária a continuidade do acompanhamento dos rumos que o EM terá no país. E questionamos a possível investigação de processos similares em outros países pensando perspectivas futuras para o Brasil. Dessa maneira nos parece essencial que o tema continue a ser discutido, com acompanhamento constante das mudanças legislativas e de suas implicações nas escolas.

A elaboração do trabalho deixou evidente para nós a importância do diálogo com nossos colegas de profissão. O processo de entrevistas foi extremamente rico e composto por inúmeras reflexões pensadas a partir dos vínculos estabelecidos. E certamente uma das principais contribuições desse trabalho de graduação para a conclusão do curso de

bacharelado em Geografia, foi esse processo de realização das entrevistas que através dos diálogos permitiu o crescimento acadêmico e profissional da graduanda.

Uma das perguntas mais interessantes do roteiro foi quando propusemos aos sujeitos que completassem a frase “Minhas aulas de Geografia no EM teriam sido melhores se...”. Pois, nesse momento independente de ter ou não passado por uma boa experiência em seu EM, os sujeitos tinham a necessidade de fazer uma reflexão sobre essas aulas e sugerir algum caminho possível a partir delas. Assim parece-nos que esse questionamento encaminha os sujeitos a tornarem-se autores. Muitos dos entrevistados relataram ter sido apresentado para eles apenas o enfoque em “uma das Geografias” a “física” e a “humana”, e ressaltaram a necessidade de enxergar uma abordagem a partir de outro viés.

E de toda essa reflexão, o que está mais latente em nossas inquietações é a pouca relevância atribuída às aulas de Geografia do EM por muitos dos profissionais e estudantes. E mais ainda, parece-nos nessa leitura que os estudantes entrevistados têm as suas aulas de Geografia do EM ainda menos presentes do que os profissionais, que terminaram esse EM há mais tempo. Essa constatação nos instiga a quem sabe, trilhar novos caminhos de pesquisa, pois, nos perguntamos o porquê dessa ocorrência. Estariam as aulas menos significativas? Seria apenas um resultado desse grupo não perceptível em outras pesquisas? Para poder respondê-las seria imprescindível um maior tempo de investigação. No entanto, ressaltamos que dos trinta ingressantes no curso de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul no primeiro semestre de dois mil e onze, dez foram entrevistados demonstrando assim uma parcela significativa desses estudantes. E no caso dos que optaram pela ênfase na licenciatura foram entrevistados cinco dos seis que fizeram essa escolha. O que nos leva a mais um questionamento. Por que uma parcela tão pequena dos alunos fez a escolha pela licenciatura?

Os Geógrafos que participaram da pesquisa demonstraram uma vontade muito grande de discutir suas práticas profissionais e de refletir sobre a sua atuação. No processo das entrevistas após nos orientarmos a partir do roteiro, foram interessantes os diálogos sobre a atuação profissional dos Geógrafos e sua satisfação ao perceber as possibilidades da Geografia em estabelecer vínculos com outras disciplinas. Remontando a proposição de Milton Santos da Geografia enquanto metadisciplina e da importância em compreendermos essas oportunidades de diálogo que ela apresenta.

Depois de repensarmos as entrevistas percebemos a presença do Livro Didático de Geografia como um dos principais condutores das aulas, e muitas vezes trazendo-o com uma

conotação negativa. Propomos nesse momento outro encaminhamento para uma nova pesquisa, que poderia realizar a análise simples de duas coleções de Livros Didáticos aprovadas no último Plano Nacional para Livro Didático (PNLD) para o EM. Sobre os livros aprovados para o EM no PNLD de dois mil e dez é evidente a massiva presença de coleções que apresentam três volumes para essa etapa, característica já diferenciada de outros anos em que a maior parte dos Livros Didáticos de EM era proposta em um volume único. Outro ponto que seria relevante para a pesquisa é a importância de em um próximo momento irmos à escola, observarmos essas aulas de Geografia, que para nós, foram relatadas pelos profissionais e estudantes. Como estão ocorrendo agora? O que está presente? O que dá fala de nossos sujeitos vemos nas ações dos professores?

A tentativa de pensar as práticas dos Geógrafos e dos Licenciados enquanto profissionais de Geografia, remete a importância do diálogo entre eles. Em uma das entrevistas, uma colega que trabalha nas duas funções, como Geógrafa e Professora, apresentou as possibilidades que essas conexões permitem e o quanto essas duas atividades se complementam e oferecem a ela a chance de exercê-las de maneira mais significativa para si mesma, seus colegas e seus alunos.

O que se estabelece nesse momento de conclusão do trabalho é que quanto mais buscamos, e percorremos os caminhos de pesquisa, mais questões surgem e mais instigados nos sentimos para continuarmos a percorrer o árduo e prazeroso percurso de investigação. Diríamos quem sabe um caminho agridoce, em que ao mesmo tempo em que nos conforta em algumas inquietações, instiga muitas outras.

REFERÊNCIAS

AB'SABER, Aziz. **O que é ser Geógrafo**. São Paulo: Record, 2007.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado**: notas sobre os aparelhos ideológicos de estado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Sobre o Enem**. Disponível em: <<http://enem.inep.gov.br/sobre-o-enem>>. Acesso em: 17 maio 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Matriz de referência para o ENEM 2009**. Disponível em <http://www.enem.inep.gov.br/pdf/Enem2009_matriz.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretária do Ensino Médio. **Parâmetros curriculares nacionais - Ensino Médio**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/CienciasHumanas.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2011. 1997.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; GOULART, Lígia Beatriz. A questão do Livro Didático em Geografia: elementos para uma análise. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos et al. **Geografia em sala de aula**: práticas e reflexões. Porto Alegre: da Universidade, 1999. p. 129-133.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. O estágio continuado e a (re)construção do fazer pedagógico geográfico: o lugar da escola. **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p.461-478, 01 jul. 2007.

CATROGIOVANNI, Antonio Carlos. Para entender a necessidade de práticas prazerosas no ensino de geografia na pós-modernidade. In: REGO, Nelson; CATROGIOVANNI, Antonio Carlos; KAERCHER, Nestor André. **Geografia**: práticas pedagógicas para o Ensino Médio. Porto Alegre: Artmed, 2007b. p. 35-48.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

CORTI, Ana Paula; FREITAS, Maria Virginia. Universalização e obrigatoriedade do Ensino Médio. In: CAVALCANTE, Márcia H. Koboldt; SOUZA, Rui Antonio de. **Ensino Médio: mudanças e perspectivas**. Porto Alegre: Edipucrs, 2010. Cap. 2, p. 23-30.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008. p. 62-83.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 115, mar. 2002.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. São Paulo: Publicações Europa-américa, 1982.

MORIN, Edgar. Da necessidade de um pensamento complexo. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da. **Para navegar no século 21: tecnologias do imaginário e cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 1999. p. 19-42.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 5. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2002.

MORIN, Edgar. **O método 3: o conhecimento do conhecimento**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2002b.

MORIN, Edgar. A noção de sujeito. In: MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 117-128.

MORIN, Edgar. Complexidade Restrita, Complexidade Geral. In: MORIN, Edgar; MOIGNE, Jean-louis Le. **Inteligência da complexidade: epistemologia e pragmática**. Lisboa: Instituto Piaget, 2009. p. 36-78.

PONTUSCHKA, Nídia Nacid. A Geografia: pesquisa e ensino. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Novos Caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-142.

PONTUSCHKA, Nídia Nacid; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3. ed. São Paulo: Corez, 2009. (Docência em Formação. Ensino Fundamental)

RIO GRANDE DO SUL. Secretária de Educação do Rio Grande do Sul. Lições do Rio Grande: ciências humanas e suas tecnologias. : <http://www.educacao.rs.gov.br/dados/refer_curric_vol5.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2011.

SANTOS, Milton. As dificuldades da comunicação. In: SANTOS, Milton. **O trabalho do Geógrafo no terceiro mundo**. São Paulo: Hucitec, 1978. p. 33-54.

SANTOS, Milton. **Território e Sociedade: entrevista com Milton Santos**. 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

SAUER, Carl O.. A Educação de um Geógrafo. **Geographia**, Rio da Janeiro, v. 4, n. 2, p.137-150, 2000. Tradução de Werther Holzer.

TONINI, Ivaine Maria. **Geografia Escolar: uma história sobre seus discursos pedagógicos**. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2006.

UNESCO. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem**. Jomtien, 1990. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000862/086291por.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2011.

VERDUM, Roberto. **ESTÁGIO PROFISSIONAL: FORMAÇÃO, PRÁTICA E RECONHECIMENTO**. IX Coloquio Internacional de Geocrítica . Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/9porto/verdum.htm>>. Acesso em: 23 nov. 2010.

ANEXOS

ANEXO A – Lei 6664 de 26/06/1979 - Dispõe sobre a profissão de geógrafo

O Presidente da República.

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º - Geógrafo é a designação profissional privativa dos habilitados conforme os dispositivos da presente Lei.

Art. 2º - O exercício da profissão de Geógrafo somente será permitido:(1)

I - aos Geógrafos e aos bacharéis em Geografia e em Geografia e História, formados pelas Faculdades de Filosofia, Filosofia Ciências e Letras, pelos Institutos de Geociências das Universidades oficiais ou oficialmente reconhecidas;

II - (vetado);

III - aos portadores de diploma de Geógrafo, expedido por estabelecimentos estrangeiros similares de ensino superior, após revalidação no Brasil.

Art. 3º - É da competência do Geógrafo o exercício das seguintes atividades e funções a cargo da União, dos Estados dos Territórios e dos Municípios, das entidades autárquicas ou de economia mista e particulares:

I - reconhecimentos, levantamentos, estudos e pesquisas de caráter físico-geográfico, biogeográfico, antropogeográfico e geoeconômico e as realizadas nos campos gerais e especiais da Geografia, que se fizerem necessárias:

a) na delimitação e caracterização de regiões, sub-regiões geográficas naturais e zonas geoeconômicas, para fins de planejamento e organização físico-espacial;

b) no equacionamento e solução, em escala nacional, regional ou local, de problemas atinentes aos recursos naturais do País;

- c) na interpretação das condições hidrológicas das bacias fluviais;
- d) no zoneamento geo-humano, com vistas aos planejamentos geral e regional;
- e) na pesquisa de mercado e intercâmbio comercial em escala regional e inter-regional;
- f) na caracterização ecológica e etológica da paisagem geográfica e problemas conexos;
- g) na política de povoamento, migração interna, imigração e colonização de regiões novas ou de revalorização de regiões de velho povoamento;
- h) no estudo físico-cultural dos setores geoeconômicos destinados ao planejamento da produção;
- i) na estruturação ou reestruturação dos sistemas de circulação;
- j) no estudo e planejamento das bases físicas e geoeconômicas dos núcleos urbanos e rurais;
- l) no aproveitamento, desenvolvimento e preservação dos recursos naturais;
- m) no levantamento e mapeamento destinados à solução dos problemas regionais;
- n) na divisão administrativa da União, dos Estados, dos Territórios e dos Municípios.

II - A organização de congressos, comissões, seminários, simpósios e outros tipos de reuniões, destinados ao estudo e à divulgação da Geografia.

Art. 4º - As atividades profissionais do Geógrafo, sejam as de investigação puramente científica, sejam as destinadas ao planejamento e implantação da política social, econômica e administrativa de órgãos públicos ou às iniciativas de natureza privada, se exercem através de:

I - órgãos e serviços permanentes de pesquisas e estudos, integrantes de entidades científicas, culturais, econômicas ou administrativas;

II - prestação de serviços ajustados para a realização de determinado estudo ou pesquisa, de interesse de instituições públicas ou particulares, inclusive perícia e arbitramentos;

III - prestação de serviços de caráter permanente, sob a forma de consultoria ou assessoria, junto a organizações públicas ou privadas.

Art. 5º - A fiscalização do exercício da profissão de Geógrafo será exercida pelo Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia.

Art. 6º - O Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia somente concederá registro profissional mediante apresentação de diploma registrado no órgão próprio do Ministério da Educação e Cultura.

Art. 7º - A todo profissional registrado de acordo com a presente Lei será entregue uma carteira de identidade profissional, numerada, registrada e visada no Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia, na forma da Lei.

Art. 8º - É vedado o exercício da atividade de Geógrafo aos que, 360 (trezentos e sessenta) dias após a regulamentação desta Lei, não portarem o documento de habilitação na forma prevista na presente Lei.

Art. 9º - A apresentação da carteira profissional de Geógrafo será obrigatoriamente exigida para inscrição em concurso, assinatura em termos de posse ou de quaisquer documentos, sempre que se tratar de prestação de serviços ou desempenho de função atribuída ao Geógrafo, nos termos previstos nesta Lei.

Art. 10 - O Poder Executivo regulamentará esta Lei no prazo de 90 (noventa) dias.

Art. 11 - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Art. 12 - Revogam-se as disposições em contrário.

JOÃO BAPTISTA DE FIGUEIREDO

Presidente da República

Murilo Macedo.

Publicada no D.O.U. DE 27 JUN 1979 - Seção I - Pág. 9.017.

ANEXO B – Transcrição das entrevistas

P: pesquisador

B: Bacharel em Geografia

L: Licenciado em Geografia

EL: Estudante de Licenciatura em Geografia

EB: Estudante de Bacharelado em Geografia

Entrevista 01

Geógrafo

25 anos

Ano de conclusão do Curso de Bacharelado em Geografia: 2010

Ano de conclusão do EM: 2003

P: Por que a escolha do curso superior em Geografia e por que o bacharelado?

B: Bom, primeiramente eu fiz o curso de História entrei em licenciatura em História e ai eu queria pegar uma transferência para Geografia logo após entrar para História. Porque eu vi que não era o que eu queria. Também a área profissional de História tinha bem poucas oportunidades. Então, a minha intenção era passar pra Geografia. Ai a vaga que abriu foi para bacharelado em Geografia, ai eu fiz o curso tinha que ter o bacharelado, a vaga que abriu para transferência. Bom, daí eu fiz o curso, me formei o ano passado, tive que me formar rapidamente para assumir no concurso do bacharelado. Então, acabei não fazendo licenciatura E nem pretendo fazer agora.

P: E quando tu estavas no curso de História não tinha pensado ainda se queria licenciatura ou bacharelado?

B: É, fazia licenciatura, mas já sabia que o mercado para bacharelado em História era horrível. Assim, não tinha muito que fazer né? Então, escolhi licenciatura. Troquei para Geografia por ter oportunidade do bacharelado, eu peguei bacharelado mesmo, pra depois fazer licenciatura e ter as duas feitas né?

P: E quando tu estavas na História o que mais te chamou a atenção pra Geografia foi essa questão da situação profissional?

B: Não, foi a questão também de querer meio que conciliar o estudo da parte física com a parte humana. Porque na verdade sempre gostei da parte física quando estava no segundo grau, mas acabei optando por um curso que era só humana.

P: Digamos dos fatores dessa pergunta anterior que tu me falaste, qual foi o mais importante? Assim, escolhi Geografia por isso.

B: Bom, na verdade eu larguei História, em grande parte, por causa dessa falta de mercado de trabalho. Foi talvez o principal motivo, mas também...

P: Qual a importância você credita às suas aulas de Geografia no Ensino Médio(EM) para a escolha do curso superior?

B: Bom, na verdade no E M gostava mais das aulas de História, assim né? Mas também gostava bastante das aulas de Geografia, mas é, acho que teve uma influência porque sempre fui bem em Geografia no EM.

P: E antes de iniciar o curso de Geografia, o curso superior de Geografia, tu percebias a ciência de uma maneira diferente como ela foi apresentada durante o curso?

B: Ah sim, com certeza, Geografia acho que de segundo grau é bem mais assim, bem mais positivista né? Tem bem mais informações assim e tal. São informações importantes pra formação da pessoa, mas era bem diferente, assim, da ciência, assim, que a gente aprende na universidade né?

P: E tu sentiste essa diferença?

B: Eu senti essa diferença, mas acho meio difícil tu aplica pra, sei lá, pra adolescentes, pra crianças o... sei lá, tu aplicar o que a gente aprende aqui na universidade né? É completamente diferente.

P: Que idéias sobre a ciência que tu tinhas antes e que foi transformada? E quais se mantiveram? Digamos alguma coisa que tu tenhas aprendido no colégio e que tu viste bastante parecido aqui no curso? Teve alguma coisa assim?

P: O que eu acho que a principal diferença, assim, é que aqui tu vê várias correntes, assim, dentro de cada ciência né, várias correntes, assim, no que elas diferem umas das outras e no segundo grau é muito mais uma coisa mais automática, não vê as diferentes correntes. Assim, por exemplo, só na parte humana, tu vê marxismo. Tu vê, claro, a Geografia nova. Tu vê positivismo, neopositivismo e tal. Mas no segundo grau tu não vê nada disso, é muito mais na informação mesmo.

P: Você atribui às aulas de Geografia do E M importância nas disciplinas do curso ou não? Digamos assim, o que tu aprendeste no E M que te ajudou para as disciplinas do curso? Ou não?

P: Isso com certeza sim, até por causa dessas informações que foram passadas, já te deixaram com alguma base. Por exemplo, Geomorfologia já sabia os movimentos de massa, Já tinha alguma noção disso, o grosso pra começar e depois diferenciar uma corrente da outra.

P: Minhas aulas de Geografia no E M teriam sido melhores se...

B: Eu acho que se tivesse menos informação direta e mais explicação a respeito do processo de criação daquele conhecimento. Pensar a gênese daquele conhecimento eu acho que é mais importante. Explicar qual foi a corrente que produziu aquele conceito.

P: Das questões trabalhadas ao longo da universidade acredito que teria sido importante a presença na sala de aula do E M das seguintes...

B: Eu, pelo menos, não consigo pensar em nada.

P: Para você aluno, a disciplina de Geografia no E M foi facilitadora na tua escolha pelo curso ou não?

B: Sim, acho que sim, porque a partir dali é que tu defines qual é a tua escolha. Se tu acha que é melhor na parte mais humana, se tu acha que vai seguir a parte mais exata. Se tu dá com Geografia, com História, com Biologia, com qualquer coisa.

P: O que do E M, a gente vê hoje que tu aplicas no teu trabalho como geógrafo?

B: Eu acho que no EM tem coisas que eu aprendia no colégio e procurava meio que procurar por fora. Claro, principalmente, em História e Geografia, eu procurava meio que pesquisar por fora. Então, esse conhecimento que tu vai adquirindo por fora, meio que te molda para tua vida profissional depois. Mas a coisa que tu buscavas por fora, agora no colégio mesmo, eu não sei, é complicado. Claro para tua cultura geral acho que muitas coisas que tu aprende ali pra tua vida profissional são importantes pro teu conhecimento prévio. Mas acho que o mais importante é o conhecimento que tu pega na universidade mesmo, do que no segundo grau.

P: Hoje como geógrafo, qual a função que tu exerce na disciplina?

B: Bom, ali é a área que cuida de toda Geografia do Rio Grande do Sul, é responsável pela parte geográfica do Rio Grande do Sul. Só que a principal função, hoje em dia, da divisão é basicamente as questões de limites municipais, definir áreas de litígio entre dois municípios, ou, quando tem alguma emancipação definir a área do município, é principalmente essa área. Mas também, nas atribuições da divisão estão previstas tarefas das áreas mais humanas, tipo regionalização, zoneamento. Seria, mais ou menos, também tratar da Geografia Econômica, da Geografia mais Humana. Só que tava meio parado ali na divisão. Agora está sendo retomado a partir do trabalho dos geógrafos que entraram agora, então a gente tá querendo retomar isso daí.

P: Que importância tu atribuis as tuas aulas do EM de Geografia para tua área profissional agora? Para tua escolha para estudar Geografia? Tu acha que foi importante isso para tua escolha? Ou fatores extraclasse foram mais importantes?

B: É eu acho que foi importante justamente por causa disso, dessa apresentação do que é, sei lá, todo conhecimento construído durante séculos. Então, foi importante para apresentar justamente isso, as diferentes ciências e poder ter uma escolha a partir dali. Eu acho que o EM foi importante por causa disso assim, pra me dar autonomia para escolher, para ter conhecimento para escolher.

Entrevista 02

Licenciado

25 anos

Ano de conclusão do Curso de Licenciatura em Geografia: 2010

Ano de conclusão do EM: 2003

P: Porque a escolha do curso superior em Geografia e porque a licenciatura?

L: Poderia dizer que pelo mesmo motivo, por gostar de ambos. Bom, começando respondendo por que a licenciatura. Licenciatura porque sempre gostei do ambiente escolar desde pequeno sempre me senti muito a vontade, gostava de participar das atividades e me identificava com o ambiente de sala de aula. E Geografia, embora nunca tenha tido, já considero que tive bons professores em várias áreas do conhecimento nunca tive nenhum bom em Geografia, ao mesmo tempo, sabe que quando abria os livros didáticos de Geografia me inquietavam. Assim, eu acho que depois quando eu fui entender o conceito de paisagem eu me identifiquei muito porque aquelas contradições e organização me davam naquele momento a idéia de que Geografia explicaria tudo, ou o mundo pelo menos.

P: Qual a importância você credita às suas aulas de Geografia no Ensino Médio(EM) para a escolha do curso superior?

L: Por incrível que pareça eu acho que o professor pode causar uma influência maior. Eu não sei se eu entendi bem a pergunta. É qual a importância da Geografia para escolher o curso de Geografia?

P: Isso, digamos na tua escolha de querer fazer Geografia quanto que foi a influência das tuas aulas de Geografia no EM entendeu?

L: Eu acho que cinco por cento, quase nada.

P: E a tua escolha, digamos, tu disse que gostava do ambiente escolar e escolheu então a licenciatura. E por que a licenciatura em Geografia?

L: Licenciatura em Geografia porque eu sempre fui muito curioso, e me passava a impressão que a Geografia era a única, talvez eu pudesse ter ido pra uma sociologia, mas como não fazia parte do currículo escolar, mesmo a distância eu percebia a Geografia como algo que respondia as minhas inquietações Olhava uma paisagem, eu te diria, não havia fotografia na época e aquilo ali me inquietava eu queria entender. Eu acho que a relação política, ao mesmo tempo, parecia um grande desafio entender aquelas estatísticas, aquelas coisas, aquele emaranhado de coisas parecia que tava tudo conectado num livro só. Então, pra

mim tava tudo junto ali dentro, e eu queria compreender aquele mundo, aquela ciência sintetizava mais ou menos o que para mim era fascinante, complexo e desafiador.

P: E antes de iniciar o curso superior de Geografia tu percebias a ciência de uma maneira diferente do que ela foi apresentada ao longo do curso? Digamos o que tu esperavas do curso de Geografia era diferente do que te foi apresentado quando tu cursastes?

L: Muito pouco, eu acho que estava dentro das minhas expectativas. E claro que, acrescentou muita coisa, mas de uma forma geral estava dentro das minhas expectativas. Eu terminei o curso satisfeito... Acho que era o eu esperava.

P: Que idéias que tu tinha antes sobre a ciência que foram transformadas? Digamos alguma coisa assim...

L: Que é muito mais complexo e eu acho que principalmente as subjetividades que estão por trás. Se eu digo que ao mesmo tempo, se é uma paisagem. Vamos pegar aquele inicio meu mesmo, que se é uma paisagem, eu quero entender porque ela é daquele jeito, nisso o curso contribuiu para a subjetividade daquela paisagem. Ou seja, com as ações embora tenha ido de uma forma concreta querendo compreender o porquê daqueles objetos, foram as noções que mais mudaram assim...

P: E tu atribuis às tuas aulas de Geografia no EM uma importância pro teu desempenho ao longo do curso, assim digamos ao longo do teu curso de Geografia o que tu teve no EM te ajudou no curso?

L: Não, nada. Acho que também, pra não ser muito extremo, cinco por cento.

P: A maior parte tu aprendeu mesmo no curso de graduação?

L: Sabe que eu aprendi talvez pouca coisa, que até eu hoje eu tenho, porque eu fiz um ano de cursinho. Mas que eu me recorde de alguma contribuição do EM mesmo não teve.

P: Não se lembra de alguma matéria que tenha ficado gravada pra ti?

L: Biologia, sem dúvida meu referencial de EM se fosse pra avaliar qualidade, aprendizado eu usei muita coisa que eu aprendi da Biologia.

P: As minhas aulas de Geografia no E M teriam sido melhores se...

L: Se eu tivesse tido um bom professor, nunca tive um bom professor de Geografia, foi o que faltou.

P: Faltou num professor qualificado?

L: Acho que sim, porque se eu tiver comparação à aula de Biologia, por exemplo, minhas aulas de Biologia eram ótimas porque o professor era excelente. Então eu vejo como uma grande diferença.

P: A falta de um professor qualificado?

L: Isso, a falta de um professor qualificado.

P: E das questões trabalhadas ao longo da universidade eu acredito que teria sido importante a presença na sala de aula do EM das seguintes: Digamos o que tu vê assim, isso era essencial que eu tivesse aprendido no colégio, mas eu não tive

L: O que eu fui sem base foi geomorfológica, não aprendi nada de geomorfologia em parte alguma tinha base geomorfológica, nada, nunca estudei. É por isso que às vezes ali quando te exigem um currículo, por que não tem como quando a gente vai trabalhar, eu me esforço muito nessa parte. Isso é uma coisa que me faltava, porque parece que a outra coisa vem mais ao natural isso aí faltou.

P: Para você, as aulas da disciplina de Geografia no E M foram facilitadoras na tua escolha pelo curso ou não? Por quê?

L: Não, porque eu não tenho referencial de aula de Geografia, me faltou, é um vazio. Por que eu fui fazer Geografia é uma inquietação minha, mas não tinha contato teórico, não tinha mediador. Provavelmente um pouco destino, um pouco acaso. Eu me identifiquei mais até com o livro didático, aí eu olhava um tele jornal, mas isso tem naquele livro. Ah, mas Geografia tem a ver com isso, meio que assim que foi se construindo.

P: A Geografia então na era na verdade era aquela ciência em que tu vias uma aplicabilidade dela nas coisas do teu dia a dia?

L: Ela atendia as minhas inquietações, porque eu quando entrei para o curso eu gostava muito de política, de coisas da Sociologia vamos dizer separadas dos objetos, por exemplo. Geografia Urbana, por exemplo, é uma coisa que eu não contava, e eu acho que é

assim pode construir uma materialidade também. Ao longo do curso que eu fui descobrindo foi completando mais.

P: O que tu lembras das aulas do EM de Geografia que hoje tu usa na tua atividade profissional? Tem alguma coisa? Ou como não fazer?

L: Como não fazer sim, como fazer não. Não fazer! Não passar questionários/textos. Só texto/questionário, por exemplo. Tenho muito referencial de como não fazer. Só aquela aula, mais do que tradicional, se fosse uma aula tradicional poderia constar só uma exposição, só que eu não tinha.

P: Sim, numa aula tradicional provavelmente tu terias a base para geomorfologia, por exemplo.

L: Eu iria aprender eu ia levar, então nem isso.

P: E as tuas aulas como eram? Os professores não estavam nem aí?

L: Eu estudei em escola do estado, eu fui pra lá porque achei que era mais fácil. Primeiro que não tinha professor de Geografia, era alguém de outras áreas. Então, acho que esse é o primeiro problema que eu vejo que faz bastante diferença o professor(a) ter uma formação naquela área. Eu acho que tive uma no EM, das tantas que passaram na escola. Porque que passaram cinco professores de Geografia, e eu não formei um vínculo com nenhum professor. Eu não guardo nenhuma lembrança do EM de um professor de Geografia, eu guardo da de Matemática, eu guardo da de Biologia que eu estudei dois anos com ela, e eram boas aulas, mas de Geografia não, não tem construção.

P: E hoje como professor tu procura estimular isso nos teus alunos? Digamos abrir os olhos deles para essa ciência?

L: Sem dúvida, acho que muito é da minha interpretação, a minha aula é muito no Por quê? Gosto muito de provocar, sobre tudo do cotidiano, e depois de vários conceitos que eu entendo que eles vão pesquisar a própria vida e a partir daí tomar posições. Acho que é assim que eu entendo e dá sentido, muito em cima do por que, e dar um sentido dar um significado a coisa. Estou estudando aquilo por quê? Acho que o porquê é o que move as minhas aulas, tanto que quando os alunos não perguntam, eu é que pergunto: mas por quê? Quando não sei o porquê, eu provoco.

Entrevista 03

Licenciado

24 anos

Ano de conclusão do Curso de Licenciatura em Geografia: 2010

Ano de conclusão do EM: 2004

P: Primeiro eu queria saber por que tu escolheste o curso superior de Geografia e por que a licenciatura?

B: Eu escolhia Geografia porque eu gostava muito de Geografia, eu sempre adorei Geografia, não gostava de números. Então, qualquer coisa matemática já era ruim pra mim e de difícil entendimento, então preferi uma área que não tivesse tanta matemática no currículo, e a Geografia até tem, mas é uma matemática entendível é aplicada e tal, aí já é mais a minha área. E licenciatura pelo mercado. Acho que o mercado pra professor é vasto, é um mercado que não se fecha nunca, sempre vão precisar de professores, acho que foi por isso que eu escolhi a licenciatura primeiro. Mas vou fazer o bacharelado também pra conclusão de curso.

P: Mas tu me disseste “Ah, sempre gostei de Geografia!” Essa Geografia que tu gostavas era a Geografia do colégio, de onde tu conhecias a Geografia?

L: Eu sempre gostei do estudo da Geografia, do que trata a Geografia do estudo do mundo. Tu vais mais embasado pelo que tu vêes no colégio população, aqueles dados todos. Na verdade eu sempre gostei da ideia da Geografia de estudar uma população, uma região, geralmente lugares que tu não conhece uma construção mais generalista da realidade, mas que na realidade eu me deparei com outra coisa. A Geografia que eu tinha no imaginário era outra a que eu cheguei na faculdade era uma completamente diferente.

P: Então, qual a importância que tu credits as tuas aulas de Geografia do EM para essa tua escolha?

L: Eu acho que Geografia é mais do que ensinar a ver mapa, e ver dados e acertar questões no vestibular. Geografia é um modo de encarar a realidade e ver o mundo. Eu tento nas minhas aulas dar um embasamento pra que o cara saiba o que eles estão lendo.

P: Mas eu digo assim, as tuas aulas no EM enquanto aluno, quando tu era aluno do EM elas influenciaram alguma coisa na tua escolha?

L: Algumas sim, porque eu tive bons professores, então me incentivou bastante. Esses professores davam exatamente esse enfoque, não naquela Geografia tradicional, claro, eles davam porque é meio que obrigatório tu seguir um currículo, mas na maioria das vezes eles traziam notícias e faziam a gente ler e ver o real sentido das coisas.

P: Então, tu atribuis certa importância as tuas aulas do EM, influenciou um pouco?

L: Influenciou, mas eu sei que eu sou uma exceção, eu sei que a maioria dos professores não tem esse enfoque. E a Geografia é meramente aquela Geografia do livro didático, dura, cheia de dados e de mapas que não tem nada a ver com a nossa realidade.

P: E antes de iniciar esse curso superior em Geografia tu percebias a ciência de uma maneira diferente depois que tu entrou no curso?

L: Não, a Geografia que a gente aprende na escola e vê na televisão não é a Geografia acadêmica. A Geografia acadêmica é completamente diferente.

P: E tu percebeste essa mudança de maneira de conviver?

L: Com certeza, é chocante assim, no primeiro semestre tu já tens uma baita diferença.

P: E me diz um exemplo de uma idéia que tu tinhas e que foi transformada pelo curso, que tu chegaste com uma idéia de alguma coisa e foi transformada?

L: Acho que as idéias que tu vê na escola são idéias meio fechadas, circuito fechado. Ah, o ciclo ideológico, o ciclo da industrialização é isso, acontece assim, morre e ele acontece de novo. Eu acho que na Geografia acadêmica tu acabas aprendendo a relativiza essas coisas e que elas não são tão fechadas, que tu tens circuitos diferentes. Tu começa a ver a diferença, a crítica nas coisas, eu acho que a Geografia é um mundo muito vasto e o mundo que tu vê na Geografia escolar é um mundo muito fechado muito cíclico.

P: Perfeita essa tua colocação agora, e a que tu credits essa Geografia escolar tão fechada? Por que tu achas que isso acontece?

L: Porque é da ciência sistematizar as coisas fechar esse circuito, acho que a ciência em geral é assim né, ela tenta ter uma teoria ou um sistema fechado, o método fechado,

bonitinho, aquela coisa sistemática. Modelo, acho que a atividade da ciência é de modelagem. E a Geografia como é uma ciência que, agora, vindo pelo viés acadêmico, não é uma ciência que tem sustentação ela se legitimou por buscar modelos. E, esse modelo da nova Geografia de 70 ela ficou nos livros didáticos e não saiu, então acho que a Geografia continua sendo reproduzida e é a Geografia que nós rechaçamos aqui na universidade.

P: Tu atribuis as tuas aulas do EM alguma importância dentro do curso? Digamos, quando tu tiveste uma disciplina tu diz poxa, eu aprendi isso bem e me deu uma boa base para o meu curso de Geografia.

L: Não, acho que tive a parte mais sociológica da Geografia, não sei se eu posso dizer sociológica. Acho que a parte mais da palavra dita das pessoas conversando, da notícia, eu acho que esse enfoque mais crítico eu tive, mas agora relacionado a técnica nada. Alguma coisa no cursinho, mas mais sistematizado para o vestibular, mas muito pouco.

P: Agora para tu mais ou menos completares: Minhas aulas de Geografia no EM teriam sido melhores se...

L: Se eu tivesse um professor não preocupado em dar o conteúdo e vencer a matéria, e sim fazer com que a gente entendesse a realidade de como as coisas acontecem na sociedade. Eu acho que seria mais interessante.

P: E das questões trabalhadas ao longo da universidade no curso de Geografia eu acredito que teria sido importante a presença na sala de aula do EM de... Quais? Cita duas ou três, que assim, “eu trabalhei na universidade e eu não vi no EM, mas eu acho que teria sido importante que tivesse visto, teria contribuído.”

L: Tu falas de áreas ou cadeiras?

P: Conteúdos.

L: Ah, conteúdos! É eu acho que falta na Geografia escolar a parte da Geografia física, porque o que acontece é que é o professor de História de Sociologia que dá Geografia e eles focam só nas humanas, mas na realidade, essa separação entre Geografia Humana e Geografia Física é uma separação que não é da nossa ciência, ou até é da nossa ciência, mas é da ciência como um todo. Então, às vezes fica meio capenga o conhecimento em Geografia Física, eu acho que qualquer conhecimento de Geografia Física climatologia, o próprio estudo dos recursos hídricos, solos é uma coisa que não se vê nem na faculdade. Eu acho que Geografia

Física é uma ciência, é uma área que é integrada a Geografia Humana, mas que ela fica muito pormenorizada na Geografia escolar, com certeza.

P: Para você as aulas da disciplina de Geografia no EM foram facilitadoras da tua escolha pelo curso ou não?

L: Sim e não, porque eu tinha a visão de mercado, eu gosto de História também. Só que eu acho que o mercado de História é super restrito, super saturado de bons profissionais. Eu acho que a Geografia ainda é uma ciência que está em crescimento e que te dá uma boa opção de mercado.

P: Então, digamos que foi parcialmente facilitadora.

L: É, em parte. Mas não totalmente, eu pesei muito o mercado na minha escolha, o mercado de trabalho na Geografia é muito bom.

P: O que tu lembra do EM e que hoje tu usas nas tuas aulas como professor?

L: Eu acho que aqueles conteúdos fechados, como ocupação do espaço brasileiro, isso não muda muito, o que muda na faculdade é o enfoque, é como tu vais passar, qual é a dinâmica de trabalho, qual é a metodologia que tu vais usar. Mas acho que os conteúdos, no fim, eles ficam os mesmos, a minha crítica é só sobre como passar e o que focar. Porque ao invés de tu focares nas datas, eu acho que dando um contexto mais geral e focando nas questões principais, como por exemplo, porque foi só no litoral? Ai, a partir desse litoral é que tu vai ver toda a malha urbana constituída do Brasil e as principais cidades, as principais cidades brasileiras no litoral. Isso na realidade é um precedente da ocupação do país lá dos portugueses. Envolvendo todos aqueles tratados que a gente estudou incansavelmente, incessantemente e não sabe nada de tratados hoje. Eu acho que é muito enfoque no número, mas na realidade a base e a sustentação tá toda no livro didático, é só saber como passar.

P: Só para ver se eu entendi o que tu quiseste me dizer. Tu estás me dizendo que nas tuas práticas tu achas que os conteúdos são muito próximos com o que tu trabalhavas no EM. Só que a tua metodologia, e a tua maneira de abordar esses conteúdos são diferentes.

L: É, eu acho que sim. É que tu vendo por outros lados e vendo outras coisas tu acabas tendo outra metodologia e acaba entendendo que ensinar para uma criança de cinco anos o que é o sistema solar fica uma coisa capenga. Se tu não explicar bem, se tu não fizer eles terem um nível de abstração, que é grande. A Geografia envolve um nível de abstração da

realidade grande, tem que sair do teu plano da Terra uma coisa fixa e ir para um plano cósmico o que é uma coisa absurda. Eu acho que é o enfoque, a metodologia, saber explicar, ter paciência. Eu acho que muito do saber ser professor a gente aprende na pele aqui, tendo as cadeiras, sofrendo um pouco.

Entrevista 04

Licenciada

23 anos

Ano de conclusão do Curso de Licenciatura em Geografia: 2009

Ano de conclusão do EM: 2005

P: Por que o curso superior de Geografia e por que a licenciatura:

L: O curso de Geografia foi uma decisão lá da sétima série, foi algo assim. Eu tinha aulas maravilhosas no EF, a partir da sétima série eu tive uma professora que foi encantadora e ela tinha um conhecimento de mudo uma organização mental de aspectos físicos e humanos que me encantavam e eu pensava: “Nossa! Essa pessoa entende do mundo e ela conhece muitos lugares e eu quero entender o mundo e conhecer muitos lugares.” E aí eu fiquei com a ideia fixa de que ia fazer Geografia, mas não sabia muito bem, foi uma surpresa quando cheguei aqui no curso, todas as outras coisas que a gente aprende que a gente tem contato. Mas foi uma decisão, foi um encantamento na verdade, foi uma forma que eu aprendi Geografia que não era o que eu tinha antes e nem é aquela visão que a maioria das pessoas tem e isso me encantou e a licenciatura, não sei, acho que era a atuação da Geografia que eu conhecia, até porque depois eu me encantei com a pesquisa e gosto do bacharelado não consigo saber se eu gosto mais de uma ou de outra, mas a ideia inicial da licenciatura acho até que pelo conhecimento, era o que eu conhecia na época então...

P: Eu ia perguntar a importância que tu credits as tuas aulas do EM para escolha do curso, mas na verdade, tu vais creditar mais ao ensino fundamental:

L: É, ao EF até por ter feito Magistério e no Magistério eu tive aulas de Geografia só no primeiro ano do EM, e também eram boas, mas era um professor que dava aulas pra cursinho

então ele tinha outra abordagem. Mas eu já estava encantada, então pra mim tudo era maravilhoso. Mas sim, eu credito a sétima e oitava série a essa professora que me encantou.

P: Antes de tu iniciares o curso superior de Geografia como tu percebias a ciência e como se modificou essa tua visão da Geografia anterior ao curso e depois que tu entraste no curso:

L: Ela se tornou muito mais complexa depois que eu entrei no curso, a coisa era muito maior do que eu imaginava, eu não vou entender o mundo inteiro e eu não vou conhecer todos os lugares foi meio que um pavor assim. Acho que a partir do momento que eu vi que tinham várias áreas e que era muito mais difícil do que parecia antes e que esse conhecimento que essa professora havia mostrado não era uma coisa fácil de ser construída porque entender a Geografia como um todo e tentar fazer da ciência o que ela pretende ser é bastante complicado, não é uma coisa muito fácil de fazer. Então, eu acho que é a coisa mais difícil essa saída da Geografia do colégio pra essa, foi o ponto mais complicado.

P: Bem tu já me falaste que idéias tu tinhas e que foram transformadas. Às tuas aulas no EM ou do EF tu atribuis algum conceito, alguma idéia que tu trouxeste para o teu curso, como por exemplo: ah, quando estava no curso para aprender determinada disciplina eu usei aquilo que eu já tinha aprendido no EM ou EF:

L: Eu acredito que sim falando do fundamental, das séries finais do fundamental, até porque era o componente curricular da época, não sei ainda é hoje, embora eu tente fazer de forma diferente. Aquela questão de geopolítica, de algumas coisas assim se tu fores ver, embora bem mais complexa, eu acho que a professora conseguia dar um panorama geral bem semelhante ao que a gente vem aprofundar aqui depois. A Geografia que eu tive no EM era predominante física, então muito se aproveita. Eu acho que a professora tinha uma didática muito boa, e eu já gostava então procurava mais coisas e ela complementa muito que a gente vê aqui porque a gente vê de forma superficial na escola e dificulta, mas ela já trás conceitos que são importantes pra cá desde a parte de formação da Terra ou a questão da parte física o relevo o bioma, essas coisas que eu vi no EM, claro que foi aprofundado um monte aqui, mas isso não difere serviu como um início. A questão geopolítica de base porque não, claro as situações mais recentes vão se alterando, mas a base em si e aquela idéia que a professora passava que era uma idéia que me fascinou ela permaneceu. As vezes até a forma como era trabalhada aqui na faculdade me deixava mais preocupada, dizendo: “Nossa, vai ser muito difícil! Eu nunca vou conseguir ter aquele entendimento!” Por ser mais simplificada a da escola, mais

generalizada parecia mais fácil. E aqui como tu começas a perceber outras influências a coisa não fica tão direta, mas a gente vai aprendendo.

P: Agora, digamos que pra tu completares. As minhas aulas de Geografia no EM teriam sido melhores se...

L: Se eu tivesse tido todas as aulas do EM. É, eu acredito que sim, se eu tivesse tido isso de repente, mas é uma coisa difícil de fazer na escola, mas se elas não fossem tão simplificadas, é que é uma construção muito difícil. O que pra gente aqui é complicado e a gente tá imerso no curso tá vendo de diversas formas, mas se não fosse tão simples, de repente se elas se permitissem mais incertezas do que afirmações de repente a gente tivesse outra idéia ou teria chegado aqui melhor, mais preparada de repente.

P: E das questões trabalhadas ao longo da universidade eu acredito que teria sido importante a presença na sala de aula do Em das seguintes:

L: Nossa! Eu acho que não, uma matéria em si, mas exatamente essas questões de não ser tão direta. Eu acho que a gente podia permitir aos alunos do EM, eu não sei se eu já estou vendo isso não como aluna, mas já como professora. Que se tenham menos afirmações sabe se eu tivesse tentado buscar mais coisas, se fosse permitido que eu construísse mais coisas. A gente tende a cair naquela idéia de Geografia que é dada, que se tem que decorar. E a Geografia tá acontecendo, e a gente tá no espaço que a gente ocupa, e a gente observa e às vezes isso não é permitido na escola. Eu acho que isso faz falta na escola, ela já foi boa sabe, mas falta, tá limitado também ao espaço, a escola pública, aquele monte de coisas, mas eu acredito que poderia isso sim. É possível. É o que acontece aqui, a gente tem campo, a gente tem as vezes professores que incitam inquietações na gente, não tantas certezas ou te dão textos que tu diz: “Nossa, não aprendi nada!” Mas é justamente, não é pra tu dizer tal lugar é assim, não é uma caracterização, mas são nortes pra tu achar o sul, pra tu achar esses lugares.

P: Bom, essa aqui na verdade tu já me respondeste. Para você as disciplinas de Geografia no EM foram facilitadoras, ou não, na tua escolha pelo curso:

P: Sim, no fim foram as do EF que foram muito facilitadoras, foram motivadoras.

P: O porquê tu também já me respondestes. E agora, o que tu lembras do EM ou, no teu caso também do EF, que hoje tu usas como professora e que incorporas na tua profissão de professora.

L: Conceitos ou de prática:

P: Conceitos e práticas. Vamos fazer os dois, vai ser interessante.

L: As práticas que eram as duas características desses professores e que eram coisas que eu gostava de trabalhar de forma mais descontraída e até por isso eu tenho dificuldade muito grande de trabalhar com crianças porque as vezes tu tens que ficar cobrando, tem que estar impondo ali um silêncio, alguma coisa assim. E, por vezes, tu demonstras uma forma mais descontraída, tu perdes um pouco o foco, tu precisas de um momento sempre mais duro com eles e quando tu trabalhas com adultos eles já conseguem distinguir bem a parte da aula e as brincadeiras. Isso era uma prática dos professores que me facilitava muito. De conceitos, eu acredito que a parte física fazia e eu gosto de algumas aplicações que o professor esse do EM fazia, de explicações que eram facilitadoras assim, às vezes elas reduzem um pouco, mas elas me agradavam. É que as práticas em si, desses professores, eram encantadoras, eram práticas encantadoras. Elas contavam as coisas e te envolviam naquelas coisas. A do EF fazia a gente participar, por mais que fosse EF e a gente não conseguisse construir algo assim com textos, fazendo muitas reflexões, até por que, era um pouco limitado. Eu lembro que eu estava no EF quando aconteceu o atentado as Torres Gêmeas e ela nunca emitiu um julgamento sobre aquilo nas aulas de Geografia. Enquanto todos os outros professores ou condenavam ou eram a favor das práticas terroristas, a professora de Geografia tinha uma postura que pra mim é algo que eu procuro adotar hoje em sala de aula, que é permitir que o aluno descubra, ela nos dava meios, ela nos dava a notícia, ela nos apontava onde procurar, mas ela não os dava as respostas. Ela deixava que a gente escrevesse que a gente pesquisasse e aceitava qualquer tipo de opinião. Se a gente tá permitindo conhecer o espaço, se a gente tá pretendendo estudar tudo isso, tanto em aspecto físico, quanto humano, eu acho que a gente não pode dar só a resposta. Então, são coisas que foram muito importantes.

P: E agora uma pergunta pra ti, porque tu trabalhas como licenciada e como geógrafa. Eu queria ver se tu achas que essas duas atividades se complementam: Como tu estas vendo essa tua situação:

L: Eu não consigo me ver ou só professora, eu não sou geógrafa, mas serei em breve. Eu não consigo ver um ou outro, e eu não sou uma pessoa diferente quando estou na empresa trabalhando, ou quando estou na escola dando aula, nos dois eu estou tentando entender o que acontece aqui nesse lugar, no espaço que estou estudando ou no contexto do conteúdo que eu

vou dar e que eu vou construir com os alunos que ele muda em todas as aulas. Eu digo para os alunos que eu chego lá pra falar de alguma coisa, mas eles vão perguntando outras e a gente muda, eu falo, falo e eles falam, falam também e parece que a aula não rende. Pra mim, como professora, que sei que tenho que cumprir certa exigência lá da escola, eu digo: "bah, não dei nada pra vocês hoje." E eles dizem: "como professora: A gente falou de tanta coisa, foi tão legal!" Mas a impressão, às vezes, é que não rendeu. Claro, é uma dinâmica bem diferente, até por que numa empresa tu tens produtos que tem que ser feitos, tu tens que cumprir com esses produtos, e na escola eu não entendo como um produto, até por que, tu não podes ver o aluno como um produto. Mas, são construções diferentes, mas eu sou a mesma pessoa, eu não sou uma pessoa diferente. Eu não estudo Geografia de uma forma diferente pra dar aula, eu não vou pro livro pra decorar aquele assunto. Às vezes eu uso práticas que são comuns, por exemplo, eu ensino os alunos a pesquisar dados do IBGE que são às vezes dados que eu fundamento pesquisas, relatórios que vão ser entregues na empresa. Então, os meios que eu aprendo a usar no bacharel eu uso de ferramenta com os meus alunos e ensino eles a usarem também, não que eles vão se sair geógrafos, mas que eles saibam pelo menos procurar coisas pra pesquisa ou que saibam analisar aquilo ali. Umas das coisas que eu tenho me preocupado bastante é que os alunos não sabem ler gráficos, eles não sabem ler mapas. Tu mostras um mapa eles, de repente, dizem de qual lugar é, mas até que a informação mapa temático, que informação está sendo trabalhada, o que aquilo ali representa. Ou pedir pra explicar aquele espaço com aquela variável é muito difícil, então como eu produzo isso durante o dia eu me preocupo que as pessoas não saibam ler isso. Para que tipo de público eu estou produzindo isso que as pessoas de um modo geral não sabem. Estou produzido para outros geógrafos ou pra outros cientistas que possam ler isso. Então, me preocupa muito na prática, eu sempre digo pra eles indiferente do nível que a gente estiver analisando, se a gente estiver analisando município, estado, Brasil, mundo. Que eles saibam ler esse tipo de material e é isso que eu tenho tentado construir, mas eu não dissociar, exatamente porque são duas práticas diferentes, com certeza. Por vezes, a prática profissional do professor é mais difícil por mexer com os teus sentimentos, especialmente, porque é uma das maiores dificuldades porque tu usas pessoas e não computador. Lá na empresa tu vai gerar de repente com algum colega tudo bem, mas os teus meios de trabalho lá não fazem nada, não te dão nenhum problema, e os alunos falam, eles contam histórias, eles mexem contigo muito, ainda mais quando tu lidas com uma realidade que vem carente, eles tem muitas histórias pra contar, eles tem muito pra ensinar, a gente sai sempre um pouquinho mais rico da sala de aula, trocar com eles é muito

legal, mas às vezes tu te vês em situações. Semana passada, por exemplo, passei o dia inteiro trabalhando na empresa e fui pra escola, e na escola tinha... Tá na empresa a gente trabalha com obras e faz licenciamento ambiental, ai tem a realocação de pessoas, trabalho na parte socioeconômica e por oras no físico também. Então fico interdisciplinar, mas trabalho predominantemente com quais são os impactos pras classes sociais, ai eu falo em realocação de pessoas, e ai eu dou aula pra pessoas que são realocadas, que estão em processo de realocação. Então, eu tenho as duas coisas. Eu falo que a solução para aquele impasse é que as pessoas sejam realocadas em um lugar melhor, que elas vão ter mais estrutura porque elas estão em uma área irregular, dar todos os quesitos por que seria melhor aquelas pessoas saírem dali, até pra justificar algumas vezes alguma falta de infra estrutura, alguma falta de apoio que elas tenham. Ai chego na escola os meus alunos me contam que estão esperando ficar pronta a casa que eles vão ganhar. Que por enquanto eles estão em casas provisórias porque eles foram tirados de uma área que era de interesse do município. E ai, tu sabe qual é a realidade porque a escola tem, eu ainda não fui, mas eles visitam as casas dos alunos e facilitam os alunos que moram em casas muito precárias. E teve um dia que eu entrei em crise por causa disso. Por que eu cheguei em casa, e eu tinha tido essa aula com os alunos e eles contaram algumas coisas, falaram nisso e era mais de um aluno. Tinha um irmão que nem era da turma, mas estava lá porque tinha ido jantar na escola e tinha ficado com a irmã, eles não tinham nada os dois de chinelos de dedo

Entrevista 05

Geógrafo

33 anos

Ano de conclusão do Curso de Licenciatura em Geografia: 2005

Ano de conclusão do EM: 1997

P: Por que a escolha do curso superior em Geografia e por que o bacharelado?

B: Bom, eu fiquei desempregado durante um período e numa conversa com um amigo ele falou: - Eu posso te ajudar, mas eu preciso saber o que tu sabe fazer. - E ai, eu me deparei com o fato de que eu não era profissional em nada eu não sabia fazer nada. Eu tinha atuado

em algumas empresas no setor financeiro trabalhei numa revendedora de medicamentos, mas não era profissional em nada. Tinha terminado o segundo grau e parado de estudar.

P: Assim que terminou o EM tu continuaste trabalhando?

B: Eu continuei trabalhando, ai eu percebi a necessidade de voltar a estudar e conversei com um amigo que era professor do Universitário. Ele conseguiu uma bolsa pra eu estudar [cita o nome de um curso pré-vestibular] e eu fui fazer o cursinho, a idéia no principio era fazer ou Direito ou Administração. Depois da segunda aula de Geografia eu mudei totalmente de opinião me apaixonei pela Geografia e botei na cabeça que queria ser professor de Geografia. Professor de Geografia porque eu não sabia da existência do Bacharelado. Bom, resumo da ópera, eu fiz cursinho, passei no vestibular naquele ano na UFRGS, entrei no curso. No terceiro semestre já estava dando aula num cursinho pra alunos carentes, dali eu fui pro Universitário, depois do Universitário pro Afrânio, e ai já estava dando aula em três cursinhos e ia seguir uma carreira de professor de cursinho, acredito eu, que com facilidade. Só que no meio do caminho eu fui aluno de um geógrafo que trabalhava aqui na Ecoplan, ele foi professor substituto na UFRGS durante dois semestres e ao final de um dos semestres ele veio conversar comigo e disse: - Ronaldo, eu estou precisando de um estagiário pra trabalhar comigo lá numa empresa, e eu gostei de ti enquanto aluno, tu tem o perfil que eu to procurando. Tu és um cara interessado, esforçado e eu estou te convidando pra ir estagiar lá. Eu nem sabia que existia a possibilidade de um geógrafo trabalhar com iniciativa privada, no meio do curso assim a gente não sabe muito bem o que um geógrafo faz, não tem muita noção. E, aconteceu isso. Ai eu disse pra ele: Eu faço licenciatura né, to dando aula no cursinho e agora fica difícil mudar de ênfase. Ai ele disse: - Não precisa mudar de ênfase, tu podes seguir na licenciatura só faz o cadastro lá no CIE. Eu, bá cara eu não sei! Bom, esse geógrafo que queria um estagiário ele também tinha sido bolsista do professor [cita o nome de professor do departamento de Geografia da UFRGS], eu também era bolsista[cita o nome de professor do departamento de Geografia da UFRGS],. Ele comentou com [cita o nome de professor do departamento de Geografia da UFRGS],: Pô! Convidei o teu bolsista pra ir trabalhar comigo lá ele não quis, e eu era bolsista voluntário não tinha bolsa. Naquele dia o [cita o nome de professor do departamento de Geografia da UFRGS], disse: “[cita seu nome], vou te dar uma carona”. E no caminho ele veio conversando comigo e disse: “Eu vou te aconselhar, eu não devia fazer isso, cada um faz o que bem entende da sua vida. Mas eu enquanto teu orientador e teu amigo vou te aconselhar a aceitar o convite porque vai ser uma

experiência boa, mesmo que tu não queiras, mesmo que tu não gostes depois de dois três meses tu podes cancelar o teu estágio, voltar e as portas aqui da minha sala vão continuar abertas pra ti. Mas eu acho que vai ser uma experiência diferente, legal. Enfim, me incentivou a aceitar o convite. Resumo da ópera, eu vim pra cá e estou aqui até hoje. Mudei de ênfase no meio do caminho, larguei os cursinhos e fiquei só aqui. Porque aconteceu que eu estava dando aula no cursinho, fazendo as cadeiras na UFRGS e trabalhando aqui como estagiário. Durante dois anos foram os três turnos cheios e aconteceu que, quando chegou perto de eu me formar um colega que nem foi um geógrafo foi outro colega, ele disse assim: “Ronaldo, a empresa tá crescendo, tá cheio de contrato aí e tá todo mundo gostando da tua atuação, mas se tu quiseres ficar aqui ser contratado depois da tua formatura tu vai ter que te formar no bacharelado. Eu fui pra casa pensei, pensei... E aí eu resolvi mudar de ênfase. Aí eu lembro que naquela época eu dei um ligeirão assim, eu fiz dezessete cadeiras em dois semestres, mudei de ênfase, fiz o trabalho de conclusão, me formei e fui contratado aqui como geógrafo. Me lembro que na época, isso foi em 2005, e na época o mercado ele estava recém num processo de crescimento, mas não eram muitos os geógrafos que conseguiam se colocar. Hoje em dia tem várias empresas aí de consultoria, tem “n” colegas que se colocam aí com facilidade e aquilo era um princípio, e eu aceitei o desafio e acabei ficando, e não consegui voltar pra licenciatura, eu pedi a permanência pra continuar a licenciatura, mas faltou energia. Porque além de trabalhar aqui eu trabalho como consultor independente para outras empresas e aí era muito trabalho. Era muito tempo e aí faltou perna. Aí aconteceu outra coisa, foi que no meio desse processo houve uma mudança de currículo lá na Geografia, e eu de duas cadeiras que faltava pra me formar foram pra dez, aí eu abandonei. O dia que eu fui ver as minhas possibilidades de matrícula e ao invés de encontrar estágio I e II, encontrei estágio I, II, III. Aí eu disse, eu vou permanecer na minha carreira de geógrafo enquanto bacharel e a licenciatura vai ficar. E hoje tem muito trabalho a ser feito, tem muita coisa pra se fazer, tem muito mercado. Aqui na empresa, por exemplo, vou te contar a experiência da [cita nome de empresa privada]. A [cita nome de empresa privada] começou com um geógrafo que era estagiário de um engenheiro. Esse geógrafo se transformou num setor dentro da empresa, que é o setor de geoengenharia. Esse setor fazia sistemas de informações geográficas, trabalhava com imagens cartográficas, era o responsável por espacializar tudo. Então, todos os mapas, tudo era feito ali. Então, na verdade é um setor de geoprocessamento dentro dessa empresa. E à medida que a empresa cresceu, o setor cresceu também. Então, esse geógrafo me chamou pra ser estagiário, depois veio outro estagiário da [cita o nome de universidade privada] e depois veio um geógrafo

experiente, que já estava no mercado há muito tempo, éramos quatro geógrafos dentro desse setor de geoprocessamento. Dos quatro, um passou em concurso público e foi embora, o outro está trabalhando em outra empresa, e eu e outro rapaz, que também era estagiário na época, nós dois fomos contratados e ficamos. No processo de expansão da empresa eu acabei saindo do setor de geoprocessamento e fui trabalhar no setor de meio ambiente. Que é o setor que elabora os estudos de impacto ambiental, gestão ambiental, vistoria ambiental, tudo o que envolve licenciamento é feito por esse setor. Eu ainda estou nesse setor, hoje, como coordenador de projeto. Então, eu comecei fazendo dentro do estudo ambiental como um todo, comecei fazendo partes do diagnóstico. Eu escrevi o capítulo climatologia, o capítulo de geomorfologia. Depois, tinha um consultor que fazia sempre o diagnóstico do meio socioeconômico, ai um dia esse consultor não pode aconteceu alguma coisa. Eu disse: “Eu posso fazer essa parte também”. Acabei assumindo, depois virei coordenador de meio antrópico, ai de coordenador de meio eu virei coordenador geral de estudos ambientais.

P: Nesse tipo de situação outros profissionais percebem outras atribuições que o geógrafo vai ter não é?

B: Exatamente, hoje eu coordeno o estudo ambiental inteiro, todos os meios físicos, bióticos, socioeconômicos, avaliação de impacto, análise sócio integrada, realização de audiência pública, contratação de subcontratado pra fazer arqueologia, pra fazer “n” estudos passa pela minha coordenação. No meio ambiente a atuação do geógrafo foi tão intensa que eu precisei chamar outras pessoas pra me ajudar, pra trabalhar comigo. Outros setores começaram a perceber a necessidade também, nós começamos a exportar geógrafos daqui pra outros setores da empresa Hoje, tem geógrafo trabalhando no setor de ferrovia, tem geógrafo trabalhando no setor de estrada, tem geógrafo trabalhando no setor de recursos hídricos, tem no setor de geoprocessamento. Que hoje, é essa sala inteira, são oito profissionais trabalhando. Sendo que desses, um é engenheiro cartógrafo e um é programador de UEB porque a gente faz o SIG das nossas gestões ambientais, ontime na internet. Tem o setor de meio ambiente também que hoje tem eu e mais uma estagiária, e foi crescendo. Essa realidade hoje ela é semelhante em outras empresas concorrentes, da mesma área de atuação.

P: Em relação à importância que tu credita das tuas aulas do EM, digamos, as aulas que tu tiveste enquanto EM de Geografia para ter escolhido esse curso? Por exemplo, tu falaste das aulas do cursinho.

B: É, foram as aulas do cursinho que me incentivaram, as aulas do [cita o nome de professor de curso pré-vestibular] inclusive. Depois até ajudei ele a escrever um dicionário de Geografia. Mas o EM não teve nenhuma participação na minha decisão.

P: A tua aula de Geografia do EM passou em branco?

B: Eu fiz no [cita o nome de colégio estadual do Rio Grande do Sul] e eu me lembro das aulas de Geografia, foram horríveis, era uma senhora, com todo respeito a ela, era uma senhora totalmente despreparada, ela chegava em aula abria o livro e lia pra nós, botava alguma coisa no quadro. Não tinha aula.

P: Essas aulas que tu tiveste no EM não te permitiram conhecer a ciência e ter vontade de buscar mais dessa ciência?

B: Nada, nada.

P: Antes de começar o curso superior de Geografia tu percebias a Geografia de uma maneira diferente da que tu encontraste quando tu deparaste com o curso?

B: Com certeza, eu tinha idéia da Geografia enquanto a possibilidade de ser professor, nem sabia de que existia essa área profissional do bacharel, de atuar com planejamento, mapeamento, estudos ambientais, estudo de impacto, e “n” coisas que a nossa atribuição pode nos proporcionar.

P: Tu atribuis as tuas aulas de Geografia do EM alguma importância nas tuas disciplinas do curso de Geografia? Mas aí seria as do cursinho, me fala dessas. Algum conteúdo que tu trabalhaste no curso que tu pensas que a base construída te ajudou?

B: Não, na verdade as aulas do cursinho em Geografia me despertaram prazer, aquele sentimento de paixão pelo conteúdo, eu comecei a gostar da Geografia no cursinho. Achava a aula boa, gostava do conteúdo e ali eu vi uma coisa que eu gostaria de fazer.

P: Mas esse conteúdo não serviu como uma base? Começastes realmente na universidade a trabalhar esses conceitos como uma coisa mais ampla?

B: Exatamente.

P: As minhas aulas de Geografia no E M teriam sido melhores se...

B: As minhas aulas de Geografia do EM teriam sido melhores se eu tivesse um professor de Geografia apaixonado e que pudesse ensinar Geografia e proporcionar ao aluno entrar em contato com o conhecimento de uma forma didática, mais clara e objetiva. Associando a Geografia com a realidade porque essa é a grande vantagem de Geografia. A Geografia se aplica em muitas coisas na nossa vida.

P: O aluno vive a Geografia.

B: Exatamente, na medida em que tu começa a trazer para o aluno a realidade que ele vive no dia a dia, até o trajeto de casa para o colégio pode ser objeto de estudo em uma aula de Geografia. A Geografia é fascinante. A criança é curiosa, se tu começa a tratar esses temas com a criança de uma forma prazerosa tu vais fazer uma geração de apaixonados pela Geografia também, pela disciplina, pelo conhecimento.

P: Então, das questões trabalhadas ao longo da universidade, por exemplo, isso teria que ter sido trabalhado no EM e não foi. No teu caso muita coisa não foi trabalhada. Mas coisas que tu percebes que seria essencial, que tivesse participado do teu EM. E que tu não viu? Que não existiu praticamente?

B: Geografia política, as crianças saem do EF ao EM sem saber o que é uma unidade da Federação, o que é uma República Federativa, e isso é conteúdo de Geografia. Então a União é feita de uma série de unidades da Federação e isso é geopolítica. E tu tens o planejamento todo da gestão dessa união dessa entidade, através de aspectos da Geografia. Então, o Brasil é dividido em regiões, micro regiões, municípios, distritos, e isso, é conteúdo de Geografia. Então, o indivíduo mora em uma cidade e não consegue entender a compreensão da participação política dele na sociedade porque ela não tá entendendo o contexto onde ele está inserido. E isso é uma coisa que poderia ser trabalhada na aula de Geografia. Outra coisa que é importante. Por exemplo, hoje em dia se fala muito em meio ambiente, questões ambientais, educação ambiental, etc. Tem muita gente dizendo bobagem por ai com relação a isso, aquecimento global, recursos renováveis, escassez de recursos, poluição da água etc. Esses são temas que a Geografia tem como trabalhar com uma propriedade imensa, porque o geógrafo por sofrer da síndrome Humbolt. Que é o fato de ser generalista e não ser especialista é uma vantagem porque o geógrafo consegue perceber as interações entre o meio e a sociedade. Consegue perceber as transformações na paisagem com

muito mais propriedade e ênfase do que um biólogo, por exemplo, que muitas vezes só enxerga os bichinhos e as plantinhas. O geógrafo tem a visão integrada do todo.

P: Para você as aulas da disciplina de Geografia no EM elas foram facilitadoras ou não da sua escolha pelo curso?

B: Não foram.

P: O que tu lembra do EM que hoje tu utilizarias na tua atribuição de geógrafo?

B: Nada.

P: Como a tua atribuição de geógrafo o que tu vai utilizar do teu conhecimento pós entrada na universidade?

B: Parcialmente, até a própria universidade tem uma distância em relação ao mundo profissional e a tal de coisa que quando eu vou lá na cadeira do [cita professor do departamento *de Geografia da UFRGS*], eu ressalto isso, de que o nosso curso ele está um pouco carente nesse aspecto. O curso instrumentaliza muito bem o licenciado, o licenciado sai instrumentalizado para ensinar, o bacharel sai pouco instrumentalizado para “bacharelar”, digamos assim, o conteúdo existe e está lá. Falta um pouco é aplicar mais os conteúdos para que o aluno saia um mais instrumentalizado pra atuar como geógrafo. Uma coisa é ter a atribuição que o diploma te dá, mas se tu não trabalhar o conteúdo na universidade, tu não vai saber fazer mesmo que tu tenhas a atribuição.

P: E é uma coisa que para mim enquanto licenciada que fiz o curso de bacharelada depois eu não identifiquei um momento do bacharel. De ele ter as suas disciplinas para trabalhar isso enquanto bacharel. Como licenciado, a gente tem.

B: Tem coisas no curso que eu aprendi bem. Climatologia foi uma coisa que eu aprendi bem e eu me defendi no início profissionalmente fazendo isso. Porque eu sabia como é que faz, eu sei fazer. Eu sei onde buscar o dado, eu sei como analisar o dado. Eu sei como descrever a climatologia de um lugar, eu sei enxergar a interação da climatologia com as outras coisas. Porque eu tive uma experiência forte dentro da disciplina de Climatologia trabalhado com dados etc. Outra coisa que eu sabia fazer bem era geomorfologia porque eu tive um professor que era o “cara”. Ele foi professor substituto nessa cadeira de geomorfologia, e que levo essa ênfase aplicada. O “cara” tem que sair do curso sabendo fazer um mapa geomorfológico, não basta só consultar a bibliografia e dizer o compartimento é

esse, é aquele. Tu tens que saber pegar uma fotografia aérea e interpretar os compartimentos, ir até o quarto ou quinto táxon. Tem que estar habilitado para trabalhar. Eu estou citando duas coisas climatologia e geomorfologia. Mas tem inúmeras outras coisas, aplicações que nós poderíamos fazer e que não fazemos. Por exemplo, o nosso curso está carente em estatística porque a cadeira de estatística é dada em um outro departamento e não é uma estatística aplicada a Geografia. Então, por não conseguir enxergar a aplicação, muitas vezes, o aluno vai com pouco interesse acha que aquilo não serve pra nada. Mas eu vim a aprender agora no mestrado, eu fiz o meu mestrado em economia. Os economistas são fascinados com espacialização de informação. Então existem mecanismos da estatística que são essencialmente geográficos o coeficiente locacional. Com o coeficiente locacional tu consegue identificar se uma determinada atividade econômica está concentrada num espaço ou não. A identificação de câncer tu poderias ver em Geografia, na cadeira de estudos da população. Que passa em branco. Tem 'n' técnicas de regionalização que a gente não vê na cadeira de regionalização. Então, tu fica o semestre inteiro discutindo o conceito de região que poderia ser visto em duas aulas. E as aplicações de teoria de regionalização, técnicas de regionalização, como regionalizar, como mapear. A gente não vê. O curso é bom, a gente tem que louvar o curso de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mas como em qualquer profissão, como em qualquer formação ele é desvinculado um pouquinho da realidade.

Entrevista 06

Geógrafa

34 anos

Ano de conclusão do Curso de Bacharelado em Geografia: 2010

Ano de conclusão do EM: 1993

P: Por que a escolha do curso superior em Geografia e por que o bacharelado?

B: A Geografia foi justamente por causa que dentro do turismo eu comecei a achar interessante porque eu gosto, sempre gostei de viajar e conhecer outras culturas Eu até entrei na Geografia mais pra ir pra área física mesmo, que eu também gosto muito e acabei me surpreendendo muito com a área humana. Na [cita nome de empresa privada] quando eu

entrei, eu sempre trabalhei nessa parte de geomorfologia e o campo sempre me puxou pra essa área humana, e eu acho que é a parte mais difícil porque a relação que acontece, e na verdade quase todos nossos contatos, assim se for olhar no final das contas, o viés deles é econômico, ele é humano é pra desenvolvimento, é pra promover novas, agora fica difícil de falar porque enquanto rodovia a gente sempre viu a estrada nunca foi em função de outra coisa a não ser pra ou escoar produção. Soja, a gente tem muito contato com Mato Grosso e era basicamente pra isso e conseqüentemente acaba acarretando um benefício pra população também. Teve locais, como no Amapá, por exemplo, que são 244km aquela rodovia que liga de Macapá na capital até Laranjal do Jari que é divisa do estado do Pará. A percepção assim é que quando as pessoas te perguntam assim “e se alguém tiver um parto aqui ou passar mal?” Eles te olham, assim, e a resposta é: “morre né?” Não existe acesso, não tem como. Então, além disso, tu vê populações de muito, muito isoladas. A gente, às vezes, por uma parte até meio egoísta, fala “mas tem que preservar!” A gente, aqui pelo menos na Ecoplan, nunca teve ninguém das equipes que falasse “vamos patrôla, vamos passar por cima”. A gente sempre respeitou muito isso sabe a parte ética mesmo, de mostrar que tem uma espécie densa lá. O biótipo vai lá e aponta porque sabe que isso gera problema depois né. Essa questão da população chega às vezes até, a gente não consegue ser racional de olhar e dizer assim, tu te envolve sabe, com o sofrimento das pessoas, com o que eles passam. E isso tudo, a gente fala sobre impacto porque normalmente eu e o [cita o nome de colega de trabalho], eu vou falar mais especificamente da parte do licenciamento. Porque essa parte dos recursos hídricos, como eu ainda to engatinhando e já percebi algumas coisas assim de questões políticas. Porque são questões de bacias de comitês, a questão da água, a dificuldade das pessoas de entender isso, de reduzir consumo. Até em casa é difícil você falar pra alguém fecha a torneira tá pingando. Sabe, imagina pra quem não tem muita cultura. Mas retomando, a escolha mesmo foi por causa que eu sempre fui muito curiosa e eu gosto de desenvolvimento, de conhecer outros lugares, de saber como funciona e eu não sou de escolher, acho que atua muito a parte humana com a parte física porque é tudo muito integrado não tem como dizer eu gosto mais de uma ou de outra.

P: Que importância tu vais creditar as tuas aulas no EM de Geografia para a escolha do curso superior? Tiveram importância as aulas de Geografia?

B: Teve, eu acho que na sexta e na sétima série eu entrei pra um colégio de freiras em Gravataí eu tive uma professora que eu gostava muito das aulas dela, ela era extremamente

metódica, ela fazia quadro eu me lembro eu lembro. Ela desenhava no quadro os tipos de savana, vegetações, pradarias e colocava as características nos quadrinhos e ela me marcou muito. E quando eu estava me preparando para o vestibular eu estava cursando turismo. Na verdade eu fiz vestibular assim, muito sem me preparar, eu fui com o que eu sabia mesmo. Eu trabalhava na área do turismo. No EM te digo que não marcou tanto sabe. Talvez pela a idade porque adolescente fica com outras prioridades, não me marcou tanto. Ai eu fui pesquisar no mercado o que a Geografia tava fazendo, fui olhar o currículo da UFRGS e comparar com outros. A parte de geoprocessamento, a princípio, foi o que mais me chamou atenção, mas eu achava uma parte mais técnica assim, eu gosto mais de pensar as coisas.

P: E antes de iniciar o curso de Geografia, o curso superior de Geografia, tu percebias a ciência de uma maneira diferente como ela foi apresentada durante o curso?

B: Nossa, foi bem surpreendente. Porque, por exemplo, cadeira de epistemologia eu não entendia muito bem o que era até tu entrar lá e ter aula com a [cita o nome de professora do departamento de Geografia da UFRGS] e saber o que é. Na verdade, essa parte mais filosófica, nunca me chamou muito atenção, mas foi bem diferente de tudo o que eu pensava.

P: Que idéias sobre a ciência que tu tinhas antes e que foi transformada? E quais se mantiveram? Digamos alguma coisa que tu tenhas aprendido no colégio e que tu viste bastante parecido aqui no curso? Teve alguma coisa assim?

B: Eu acho que a parte humana foi mais. Eu achei que talvez fosse abordar um pouco mais a área física, mas a UFRGS tem um “Q” muito mais humano, até pela UFRJ é vinculada a cadeira da filosofia, que das sociais né. Eu acho que ela é até mais que UFRGS. Por que, por exemplo, em Buenos Aires que a Geografia é engenharia geográfica, ela tem uma coisa muito mais matemática. Eu achei que fosse um pouco mais, e queria até que tivesse sido mais. Essa parte os textos de economistas, eu lia, mas não me chamavam atenção. Como por exemplo, a cadeira que eu fiz no bacharelado que era eletiva que era Geografia física.

P: Que idéias sobre a ciência que tu tinhas antes e que foi transformada? E quais se mantiveram? Digamos alguma coisa que tu tenhas aprendido no colégio e que tu viste bastante parecido aqui no curso? Teve alguma coisa assim?

B: Não, aqui mudou tudo. Como eu me formei no EM faz tempo eu não consigo responder isso comparando. Não consigo me lembrar, não me marcou suficientemente o EM. É como se eu tivesse reaprendido aquilo tudo de uma maneira nova.

P: Minhas aulas de Geografia no E M teriam sido melhores se...

B: Até por parte minha mesmo, se eu tivesse me interessado um pouco mais. Eu lembro que nessa fase do EM, no terceiro ano especificamente, eu gostava muito mais de matemática e física do que das outras coisas. Mas matemática e física eu tinha pensado em fazer alguma coisa nessa área, de tanto que eu gostava, e a Geografia meio que passou despercebida assim. Então, eu acho que se eu tivesse me interessado mais... Eu tenho a impressão que no primeiro ano do EM eu não tive Geografia, porque eu tinha psicologia. Eu não sei se eu cheguei ter no EM Educação Moral e Cívica. Eu me lembro que a Geografia foi substituída por alguma coisa e nos dois anos subsequentes eu tive aula com essa mesma professora e a questão foi com a professora, eu não gostava da aula dela. Ela não tinha domínio sobre a turma, eu me lembro muito das aulas de matemática e física, que eu gostava. Eu me lembro da matéria até hoje, se eu tiver que fazer alguma coisa eu vou me lembrar. E das de Geografia eu não consigo te dizer se em algum momento eu tinha gostado mais. Me marcou muito mais o EF do que o EM. O professor é a estrelinha da aula, se ele souber te prender a atenção e tu entrar na linha de raciocínio dele, e ele conseguir te envolver, então é ele que é o responsável. Não tem matéria legal, a matéria se torna interessante, pode ser uma coisa até chata que tu não gosta e que tu acabas no final achando que é legal porque o professor consegue te envolver naquilo.

P: De questões que tu trabalhaste ao longo da universidade na tua formação. O que tu acha que teria sido importante a presença no EM e que não teve?

B: Eu acho que a questão, eu não sei como é que está o currículo hoje, talvez eu esteja falando alguma besteira. Mas eu acho que a questão ambiental é bem importante e deveria ser abordada de alguma maneira. Não quanto à análise, não tem que ficar explicando. Mas até a questão assim de inserir isso da legislação da água, sabe a cadeira de recursos hídricos, por exemplo, foram duas cadeiras que pra mim ela tinha que ter a um e a dois, recursos hídricos e análise ambiental, que são as cadeiras de base. Para mim, elas foram totalmente aplicadas aqui. Na aula de análise ambiental eu pude, humildemente falando, contribuir muito porque como ele tá dentro da academia, a gente até tinha um acordo ele disse: “fala o que tu poderes

falar” porque eu já tava trabalhando aqui, eu sabia como funcionava. Então, acresceu pra tudo, foi bem uma troca. E isso, talvez no EM, pegar assim adolescente sabe em questões básicas e tentar construir isso de preservar, de lixo. Que fosse inserido na rede pública, de mostrar como é que é feita a captação de água, fazer um mini roteiro, dar uma cartilha mostrando como preservar. Agora, tem a aula de educação ambiental porque dentro dos nossos programas, que são feitos para serem aplicados. Quando tu fazes qualquer obra que tem dentro [indecifrável] que á a parte de gestão mesmo, que é o manual de como a obra vai ser gerida. Então tem os programas, tem o programa arqueológico, e dentro disso tem o programa de comunicação social e educação ambiental. Na educação ambiental, a gente na hora do levantamento do meio, que já fala assim a questão de quantas escolas o município tem, a gente já usa aquela informação posteriormente para selecionar “X” escolas e aplicar a educação ambiental. E ai tem programa de fazer horta, de ensinar sobre o uso da água, semana do meio ambiente. Eu acho que isso tá tão latente que tem que ser feito e parece tão ridículo não separa o lixo, eu não consigo jogar o lixo no chão.

P: Para ti, as aulas da disciplina de Geografia no EM foram facilitadoras na tua escolha pelo curso ou não? Mas pelo que tu me falaste foram as aulas do EF talvez que tenham sido facilitadoras. O EF foi facilitador?

B: É, foi. Se eu te disser assim no que eu aprendi foi muito mais isso.

P: Mas o EM já não foi facilitador?

B: Não, eu não tenho nenhuma memória legal. Não tenho mesmo, agora eu comecei a pensar eu não me lembro de ver uma aula com mapa que fosse visualmente criativo, que me despertasse alguma coisa, nada.

P: Das tuas atribuições enquanto profissional de Geografia, enquanto geógrafa na tua atuação profissional consegue ver alguma coisa do teu EF e EM, ou não?

B: Não, nada. Foi só a partir da universidade.

Entrevista 07

Geógrafo

44 anos

Ano de conclusão do Curso de Bacharelado em Geografia: 2007

Ano de conclusão do EM: 1988

P: Primeiro porque a escolha do curso de Geografia? E depois porque a escolha do bacharelado?

B: Na verdade eu fui entrar numa faculdade depois de estar com trinta e poucos anos. Eu não tinha interesse em fazer faculdade, eu não tinha interesse nenhum, muitos problemas, experiências que eu tive e eu meio que tinha muito desgosto a respeito do nível superior. Só que daí um colega meu que fazia Geografia lá na UFRGS, ele estava fazendo Geografia, era um segundo curso que ele estava fazendo, ele apresentou o currículo pra mim e disse: “É a tua cara!” E, eu peguei e olhei aquele currículo, é a minha cara! Ai eu mudei de idéia e resolvi, fui lá fiz um vestibular e fui fazer faculdade. E trabalhava na área de vendas na época, não tinha nada a ver. E eu achei aquilo muito legal, e eu entrei, mas não com intenção de trabalho né, mai será por prazer mesmo. Porque eu estava tranqüilo com o que estava fazendo, com a minha renda e tal, eu já estava encaminhando naquele sentido. Só que não estava muito feliz com aquilo, então vamos ver o que vai acontecer.

P: E quando tu olhaste o currículo do curso de Geografia te instigou a fazer?

B: Instigou-me a querer fazer, inclusive, eu acho até que é uma tendência do curso noturno, em especial, porque tinha muitas pessoas ali que estavam fazendo por prazer e eu me encaixava nesse sentido. Não era nem pra querer mudar de profissão. Não! Primeiramente até não foi, depois ao longo do curso a idéia foi se transformando.

P: A importância das tuas aulas de Geografia no EM teve alguma relevância na tua escolha?

B: Não! As minhas experiências de vida mesmo é que foram mais relevantes do as aulas do EM.

P: Tu tiveste Geografia no EM?

B: Acho que tive pouco e muito ruim. Nunca pensei em fazer Geografia pra te falar a verdade.

P: A aula nunca te chamou a atenção?

B: Não, não veio aquela coisa de um olhar mais holístico em cima da coisa. Uma das coisas que mais me chamou atenção no curso de Geografia foi isso, de olhar, de instigar. Tanto que hoje, a minha atuação profissional é basicamente ela é reflexo disso. É reflexo muito mais do meu gosto pessoal que compartilha essa visão da Geografia, era muito mais interesse pessoal, particular.

P: Esse teu gosto pessoal, tu diz que tu gostavas de viajar de observar as coisas?

B: Mais do que isso, gostava de muitas coisas. Então, a Geografia tem isso, a gente entende a Geologia, a gente entende a Biologia, tu percebes um pouco da Sociologia, da astrologia. Tu vais misturando aquele caldeirão. Hoje, eu praticamente trabalho com coordenação, sou coordenador técnico, então eu converso com todo mundo. E também, daqui a pouco, eu to me enfiando em metodologia, eu to me propondo a coisas diferentes, formas diferentes de fazer, em função dessa coisa da Geografia de desenvolver.

P: E tu achas que as tuas aulas do EM não te mostraram todas essas possibilidades?

B: Não, não!

P: Ao iniciar o curso superior de Geografia tu pensavas na Geografia de uma maneira diferente do que a que tu encontraste quando vós começastes efetivamente a cursar disciplinas, a conhecer o curso?

B: Não, porque as coisas estavam se desenvolvendo já de acordo com o que eu imaginava que fossem. Em função do currículo e das trocas que esse meu colega, que estava lá me passou. Então eu já tinha aquela idéia, pra mim foi tudo muito bom, foi tudo muito maravilhoso, apaixonante. A troca que tinha, inclusive, junto com os colegas. Aquilo que eu te falei, era um curso noturno, característico de pessoas com segundo ou terceiro curso, pessoas já mais velhas.

P: Tu atribuis alguma importância das tuas aulas do EM nas tuas disciplinas do curso?

B: Não, nenhuma.

P: As minhas aulas de Geografia no EM teriam sido melhores se...

B: Se tivessem sido dadas por professores de Geografia. Em especial, professores de Geografia que tivessem passado pelo bacharelado. Eu acho que há um equívoco nessa história toda. Pra ser um professor de Geografia ele teria que fazer primeiro o bacharelado e depois

fazer a licenciatura, teria que passar por aquilo. Tem coisas que o professor de licenciatura vai perder, iria descobrir coisas importantes na forma de ver, na forma de construir, que seriam importantes pra passar para os alunos. Mas, o inverso também é importante, o pessoal que vai trabalhar como bacharel tem que passar também pela experiência. Eu estava fazendo também a licenciatura, mas em função de viagem tinha que ficar trancando, fui trancando. Agora no último semestre eu estava fazendo a licenciatura, mas não tinha mais condições, aí eu tranquei e acho que fui eliminado da jogada agora. Foi uma lastima porque eu estava aprendendo algumas coisas muito interessantes na parte de educação especial, que elas são aplicáveis, em especial, quando tu lidas com pessoas. Na preparação com grupos de trabalho, com grupos de pesquisa. O pessoal da Geografia acaba trabalhando muito a parte..., vai trabalhar no departamento de socioeconomia, até a parte de educação ambiental, tu ajudas o pessoal no Pascoqueira que é o negócio do desenvolvimento das bacias. Então, tu tens um contato muito forte com pessoas, e tu tens que passar a informação. E as cadeiras da educação te ajudam exatamente nisso, na comunicação, com a parte da psicologia.

P: De coisas que tu trabalhaste ao longo da universidade. Conteúdos, alguma coisa trabalhada em determinada disciplina que teria sido essencial que tivesses tido no EM, e que não apareceu?

B: Eu acho que eu não vou ter como te responder essa pergunta. É outra vida, outra visão, aquilo que se aprende na universidade é diferente. Porque quando a gente vê alguma coisa primária ou secundária é muito fraco, é muito pouco. E, eu nunca tive um professor de Geografia, era o professor de Educação Física, era o professor de não sei “o que” que dava, aí era a capital não sei do que, área territorial, população, umas coisas ridículas.

P: As suas aulas de Geografia do EM foram facilitadoras na tua escolha pelo curso? Mas acho que já está respondido.

B: Não, é já está respondido. Nem um nem outro.

P: O que do teu EM, hoje, tu utilizarias na tua vida profissional, da Geografia?

B: Na verdade, eu não consigo compartimentar isso. Tudo o que se aprendeu tudo o que se viveu ao longo, sempre que eu fiquei na escola foi útil. O que se aprendeu de forma curricular, e também o que se aprendeu da forma extracurricular. Então, pra mim é muito difícil compartimentar isso, assim com o pra mim é difícil compartimentar uma Geografia,

também é difícil compartimentar a educação. Mas, tudo parte de um contexto onde isso é “tutorado” pelos teus gostos particulares. Pra mim não tem como.

P: Tu achas que a disciplina de Geografia no EM e no EF poderia ter sido mais bem explorada do que foi no teu caso?

B: Com certeza, poderia ter sido mais bem explorada. Isso acontece muito quando tem um professor bem preparado, estimulado, por exemplo, qualquer cadeira, qualquer disciplina. Acho que é uma coisa até normal, um bom professor de História, o cara que é professor de História, ele dá uma boa aula para um jovem, uma criança e aquela pessoa, “nossa, eu vou querer ser professor de História!” Ou tem um bom professor de Geografia, “nossa, eu vou querer ser professor de Geografia!” Educação Física, o cara lá que só ficava com aquela história, largava lá no pátio pra correr, não sei o que. Daqui um pouco aparece um professor de Educação Física que te dá um exercício e te explica. “Nossa, eu vou querer ser professor de Educação Física!” Então é tudo influência.

Entrevista 08

Geógrafo

24 anos

Ano de conclusão do Curso de Bacharelado em Geografia: 2009

Ano de conclusão do EM: 2004

P: Por que a escolha do curso superior em Geografia e depois porque o bacharelado?

B: Por que do curso superior em Geografia? Eu tinha, na verdade, desde mais ou menos oitava série, sétima série do EF, eu já tinha intenção de fazer algo relativo a essa área. Sempre me interessava por mapas, Geografia, enfim, mas ao longo do tempo do EM bateu uma dúvida porque eu não tinha certeza se eu queria ser professor, eu não tinha muito conhecimento do campo de atuação do geógrafo. Então chegou a passar na cabeça Estatística, Jornalismo, um bom tempo eu fiquei pensando, mas aí chegou o ano do cursinho, o ano do terceiro. E aí pensei “ Pô, o que eu vou escolher?” Acabei escolhendo Geografia, por uma questão mais antiga mesmo de ter essa preferência, acabei optando por Geografia. Bom, o bacharelado então, nessa situação toda acabou surgindo, eu iniciei na licenciatura fiz os quatro

anos e tinha muito na cabeça de ser professor de Geografia mesmo. Embora já tivesse me voltando pra área da pesquisa acadêmica. Mas o bacharelado surgiu quando eu terminei a licenciatura, tinha a possibilidade de permanência e fiz pra ter mais oportunidade de campo de trabalho. E principalmente, pra concurso público, porque eu sabia que eu não ia tentar emprego em empresa privada mesmo. Então, era mais concurso público mesmo, eu tive certa sorte quando eu entrei aqui foi o meu segundo concurso que eu tinha feito pra geógrafo, então foi muito nesse sentido. Para complementar a minha formação muito voltada pra concurso público.

P: Que importância tu credits as aulas do EM nessa tua escolha para o curso de Geografia?

B: Olha, é até uma situação curiosa, porque no EM, eu acho que pelo rigor do meu professor de Geografia, as minhas notas eram mais baixas em Geografia do que em qualquer outra disciplina. Mas, mesmo assim eu gostava muito das aulas dele. Era um cara que tinha uma formação boa e dava uma formação crítica bem interessante pros alunos. E sempre me chamava muito atenção. Apesar de faltar uma base física na aula eu gostava muito das aulas, apesar da dificuldade que eu tinha em conseguir nota, nesse sentido. Mas eu ainda acho que pra eu ter feito Geografia foi mais interior ainda, e não tanto nas aulas em si, mas no meu gosto por mapas e por atlas. O meu pai tinha uns atlas dos anos oitenta quando tinha quase o império Austro-Húngaro e a Prússia lá, eu gostava já de ver aquilo, e de manusear eu acho que vem mais disso do que do próprio EM.

P: Antes de começar o curso superior de Geografia tu percebias a Geografia de uma maneira diferente do que a que tu encontraste quando entrou no curso?

B: Completamente! A idéia que eu tinha de Geografia na época do colégio era aquela coisa de mapa, de estudar relevo, hidrografia, aquela coisa bem cartesiana, bem tradicional. Na Geografia quando tu entras, já no primeiro semestre, tu tens uma visão completamente diferente. Da história do pensamento, enfim. Às vezes eu me surpreendo de ter conseguido me adaptar a toda essa especificidade da Geografia. Porque o que eu encontrei lá é muito diferente do que eu imaginava, da minha pré-concepção. E aí pra tu ter uma evasão é um pulo pequeno, eu tive essa sorte. Até porque, eu entrei muito jovem, eu tinha dezessete ainda, acho que foi mais fácil de moldar, tanto é que os meus caminhos foram se alterando muito nesse tempo. Hoje, eu faço mestrado na área que investe na questão da tecnologia de formação

internet e Geografia, tá aí uma coisa que eu não sonhava encontrar até eu entrar na faculdade. Então, é uma coisa que alterou bastante, respondendo a tua pergunta.

P: Que idéias tu tinhas e que foram transformadas? Pensava que era isso e aí eu cheguei e vi que é completamente diferente.

B: Olha não to conseguindo lembrar, é muita coisa, muita coisa. O que mudou é que eu tinha impressão que a Geografia era uma coisa... Que eu tinha te falado na questão anterior, essa questão mais tradicional, cartesiana da Geografia. E aquilo ali na verdade era um por cento, porque na verdade mal se viu durante toda a faculdade. Se tu for ver bem aquela coisa de saber o posicionamento de países no globo e saber quais são as regiões vegetativas da Rússia eu nunca vi na faculdade. Acho que o que mais se aproximou foi aquela cadeira que o [cita nome de professor do departamento de Geografia da UFRGS] dava de estudo de regiões continentais, foi o que mais se aproximou disso, daquela visão que eu tinha de Geografia. Porque na verdade a minha Geografia que eu tinha era dois por cento do todo, acabei mudando o meu rumo e indo pra outras áreas que eu vim a conhecer depois. Eu não saberia te dizer agora, talvez se eu pensar um pouco eu lembre alguma coisa que mudou muito a minha concepção. Mas, é mais essa questão do todo da Geografia, isso alterou muito.

P: E tu atribuis alguma importância das tuas aulas do EM nas aulas do curso? Por exemplo, alguma base que tu tinhas do Em que te ajudou durante ao longo do curso ou não?

B: Olha, se eu me recordo bem da base que eu tive no EM as questões mais relativas a geopolítica em si, alguma coisa de estudos de população eu posso dizer que foi uma coisa que eu entrei com bastante base. Porque eu me recordo bem das aulas de Geografia do EM. A questão de Teorias Maltusianas, isso eu me recordo bem, imigração, isso eu lembro bem e eu tive uma boa base mais no início do curso. Algumas noções gerais de geopolítica que a gente vai ver depois lá em organização do espaço mundial é uma coisa que eu posso dizer que eu tive uma boa base nessas questões. Mas, como eu estava te dizendo, em Geografia física foi quase zero o que eu tive durante o EM.

P: Agora seria para tu completares. Minhas aulas de Geografia no EM elas teriam sido melhores se...

B: Elas teriam sido melhores se tivesse uma integração um pouquinho maior com Geografia física porque eu acho que isso é fundamental. Por mais que eu seja, hoje em dia,

um geógrafo mais pro lado humano, do que pro lado físico eu acho que a geografia física tem uma base muito importante. Inclusive, às vezes eu acho que os geógrafos físicos que fazem estudos na área física sabem fazer melhor que os próprios ditos humanos. Os humanos, muitas vezes, ignoram a parte física. Então, acho que isso seria uma questão melhor, tem algumas questões de estrutura mesmo, às vezes, falta de material didático, falta de livro didático, acho que era uma coisa que às vezes faltava um pouco. A gente trabalhava basicamente com Xerox e com os esquemas que o professor trabalhava que eu gostava até dessa sistemática, mas hoje em dia, analisando um pouco mais criticamente acho que faltou um pouco. Então resumindo, seriam melhores se tivessem um pouquinho mais da integração com a parte física da Geografia e também a questão da utilização de livro didático que eu acho que faltou um pouco e que complementaria.

P: Das questões trabalhadas ao longo da universidade que tu tiveste no teu curso de Geografia tu achas que teria sido essencial que tivesses tido no EM. Digamos assim, que não teve no EM e que teria sido importante?

B: Eu acho, que uma base um pouquinho maior em Geologia. Tudo tá indo na parte da física, que foi o que disse no início que teve certo déficit. Uma base um pouquinho maior de Geologia que é uma coisa que eu não tinha nada quando entrei, da própria Geografia física em si. Pra te dizer bem a verdade, eu até naquela disciplina do primeiro semestre, tinha uma base razoável porque eu tinha estudado no cursinho e lá a gente vê muita coisa. Mas do colégio não saberia muita coisa, não saberia o que é fuso horário, mal saberia o que é o plano cartesiano, coordenadas, enfim. Então isso, eu acho que sim faltou, faltou muito. Mas qual era mesmo? A questão era se...

P: O que tu tiveste na universidade e que não tiveste no EM. E que tu achas que deverias ter tido. Que é importante pra tua formação.

B: Eu acho que seria isso. Essas questões aí muito voltadas pra parte física me faltou uma base, o restante da parte epistemológica, do estado de[indecifrável], eu acho que aí nem cabe entrar porque não é função da Geografia escolar isso. Embora, como eu tinha te falado na parte de estudo de população eu considero que eu tive uma base legal pra entrar.

P: E assim, pra ti as aulas de Geografia do EM elas foram facilitadoras ou não da tua escolha pelo curso?

B: Eu não diria que foram facilitadoras porque eu não tive certeza durante todo EM que eu queria fazer Geografia, mas não tanto pela área do conhecimento, enfim, pela ciência, mais por ascensão profissional mesmo. Eu não tinha certeza se eu queria ser professor e não vislumbrava muitos horizontes, além disso. Eu lembro que muitas vezes chegando em casa, as vezes falando com meus pais e com meu irmão “hoje eu tive uma aula muito bacana de Geografia que verso sobre esse tema” e me deixava empolgado. Eu lembro, também, que quando o professor fala dos temas que seriam trabalhados ao longo do ano eu falava “nossa, que bacana que isso vai ser trabalhado!” Eu gostava muito dessa questão de migrações, conflitos geopolíticos. Então isso me empolgava muito, talvez indiretamente tenha me ajudado a formar. Por mais que eu sempre fale que foi lá, anterior, o meu gosto por essa área do conhecimento, eu acho que teve sim uma relação do EM. Mesmo que tenha sido indireta, que eu não perceba muito acho que teve.

P: Ela não te dificultou não te excluiu?

B: Não, não me dificultou, eu me lembro de muitos colegas que falavam “eu tinha um professor tão ruim dessa disciplina que eu resolvi fazer.” Não foi o meu caso, era um professor que apesar de algumas dificuldades que eu tinha pelo método de avaliação dele ele me abriu alguns caminhos que indiretamente me levaram a Geografia. Não foi o fator principal, mas tem uma porcentagem boa na minha escolha.

P: Hoje, como geógrafo, bom é que agora tu tá na parte de cartografia?

B: Mais sobre isso, mas não se restringe só a isso. Nosso trabalho embora ele tenha sido voltado mais nos últimos anos pra parte de cartografia e mais especificamente a questão de análise de limites municipais, que é uma coisa que eu nem sonhei em ver na faculdade, algumas frentes de trabalho estão surgindo agora que podem versar sobre outras áreas. A gente tem agora, aqui está dividido em setores, setor de cartografia e geoprocessamento, setor de divisão territorial, setor de geografia, setor de publicação. Então, existem possibilidades futuras da gente fazer estudos que não sejam só sobre cartografia, por mais que ultimamente eu tenha mais me voltado um pouco pra essa área assim.

P: Ai, eu queria saber na tua formação profissional tu tens alguma influência do teu EM? Alguma coisa que tu lembres, e que hoje, tu consigas trazer pra tua profissão?

B: Que eu me recordo não. Talvez numa questão de base, provavelmente, mas efetivamente do que eu trabalho aqui e do que eu vi no colégio acho que não. Até na própria faculdade tem muita coisa que eu jamais tinha sonhado. A faculdade me deu boas bases, mas a atuação profissional mesmo eu estou aprendendo aqui. E no EM eu não saberia dizer diretamente se tem algum auxílio na minha formação, eu acredito que não, não diretamente.

Entrevista 09

Licenciado

25 anos

Ano de conclusão do Curso de Licenciatura em Geografia: 2009

Ano de conclusão do EM: 2003

P: Por que a escolha do curso de Geografia e por que a licenciatura?

L: Eu escolhi o curso de Geografia em busca de uma matéria mais social porque o meu objetivo era matemática, eu sempre gostei bastante de matemática, o meu primeiro vestibular foi pra matemática, mas eu acabei escolhendo Geografia em busca desse lado pra lidar com humano. Quanto a licenciatura, foi uma certeza de um longo tempo. Já tive outras experiências profissionais de lojas, indústria e coisas assim, não gostei. Eu queria mesmo fazer alguma coisa mais que exigisse pensamento, e acho que ser professor é isso. E desde o tempo da escola eu observava os professores, os exemplos bons e aqueles que eu achava que podia melhorar. Até ficava pensando no tipo de aula em como ele poderia proceder melhor àquela explicação, eu acho que isso já é bem antigo, do EM, No EF o cara fica meio perdido, nem pensa no que vai fazer.

P: Que importância tu credita às tuas aulas de Geografia do EM para escolha do curso superior em Geografia?

L: Pois é, eu tive três professores no EM e quase todo o tempo foi o mesmo professor e esse professor a aula dele todo mundo dizia que era um pouco improvisada, mas eras um improvisado com uma articulação. Ele vinha com assuntos de atualidade, e daquilo, ali ele puxava toda a matéria, por exemplo, no caso de corrupção numa cidade no Centro-oeste quando a gente via, ele já tinha explicado sobre agricultura do Centro- oeste. Por que aquela

região era importante, outras características naturais, ou então terremoto, ele já falava daquele outro país, porque isso acontece. Misturava a todo o processo físico com o processo social e isso é importante porque é um desafio. E os outros professores... Bom, um deles tinha uma geografia meio fantástica, gosta de OVNIS, Marte, ETS e tudo mais, mas não chegava a fazer alguma coisa diferente. A outra professora trabalhava em cima do livro, e só do livro, se tu perguntasses alguma coisa que a resposta não tava no livro ela não sabia responder e ficava braba até te mandava fazer um trabalho em cima da pergunta que tu mesmo fez.

P: Então tu creditarias alguma importância para esse teu professor do EM que tu falaste?

L: Com certeza, até mesmo hoje, o modelo de aula que eu tenho é exatamente o modelo dele, por exemplo, as minhas aulas, não que sejam improvisadas, mas eu busco utilizar os fatos, buscar fatos atuais para relacionar com os conteúdos. E, o conteúdo em si se torna uma desculpa pra puxar outros assuntos.

P: E que idéias da Geografia tu tinhas e que foram transformadas?

L: ... sem discussão, eu já esperava isso assim né. Então não teve grandes surpresas assim e tudo mais, o que eu acho que talvez tenha é que faltou um pouco de discussão conceitual e de conteúdo mesmo. Até mesmo na parte de Geografia Humana, essa foi uma carência. Porque quando tu estudas uma parte física, ai sim, eu confesso que tenho que bater de frente pra tentar entender, mas acho que a parte humana também complica. Outra coisa é quanto ao que eu acreditava ser a Geografia, eu acho que não teve grandes surpresas assim, mas eu não esperava que fosse um conhecimento tão diverso. Não que aborde oportunidades, mas que ela mesma tenha múltiplos caminhos, métodos, e isso é enriquecedor e tu acabas te apaixonando.

P: O que do teu EM tu achas que utilizou ao longo do curso de Geografia? Os conhecimentos que tu já tinhas, que tu desenvolveu no teu EM e que tu aplicou no teu curso de Geografia?

L: Pois é, eu acho que todo o conhecimento que eu consegui aprender no EM e também no EF foi útil na Geografia. Então, por exemplo, a cadeira de Geografia Física é a prova, porque é lá no comecinho do curso e eu vejo que tem alguns colegas que tinham grande dificuldade, daquelas de acabar reprovando. Porque o professor já partia do princípio que o cara tinha, e o cara não tinha. Qual causa das estações do ano, quando o professor

explicava isso eu já me sentia confortável. Claro, tem partes que foram acrescentadas, mas que não cabem ao ensino médio.

P: Mas tu achas que já tinha o suficiente?

L: Acho que já.

P: Então foram importantes as tuas aulas de Geografia do EM?

L: Foram importantes E isso é curioso, porque mesmo as minhas aulas com esse professor, não sendo organizado, estruturado em questão de conteúdo, eu consegui aprender. Então, caiu por terra quem condena isso e acha que isso não é dar aula. Até por que, depois, o cara acaba se apaixonando, e até mesmo, os alunos que não querem nada com nada acabam aprendendo alguma coisa. O risco que tu corres de ler alguma coisa por fora sobre Geografia é enorme.

P: Agora, na verdade, é uma questão que não está no questionário. Esse teu professor, por trazer coisas que estavam no jornal, na atualidade, e depois transformar em conteúdo, ele conseguia chamar a atenção de alguns alunos que em outras aulas não conseguiam? Ou não?

L: Essa é uma boa pergunta, mas é mais complexa. Quando eu estudava com ele, ele era um professor que aqueles que gostavam de estudar matemática ou português acabavam gostando de Geografia, podiam não se apaixonar, mas acabam gostando e aprendendo. Mas aqueles alunos assim, que já tinham reprovado várias vezes eles mantinham o respeito e conseguiam aprender alguma coisa. Era difícil o cara que acabava tirando nota menor que cinquenta, nota vermelha, abaixo da média. Todos eles aprendiam o mínimo e não era porque ele facilitava era porque realmente aprendiam alguma coisa. Não passava em branco, então o cara sabia que a Amazônia era uma floresta úmida, que era uma floresta que estava sofrendo devastação, ele tinha noção. Claro, ela tava mais pra trás do que o resto da turma, mas ele tinha noção. O que eu vejo é que, se hoje, a gente for conversar com alguns daqueles alunos. Colegas meus que não queriam nada com nada, que ficavam no mínimo, eles vão se lembrar de alguma coisa algum resquício de uma matéria.

P: As minhas aulas de Geografia no EM teriam sido melhores se...

L: Teriam sido melhores se a matéria tivesse sido mais estruturada, abordasse mais conceitos, quem sabe até mais conteúdos, por que algumas vezes ela beirava a pura improvisação. Então, o professor tinha uma capacidade incrível de adaptar o conteúdo, de

fazer relações, uma coisa que é uma característica de aula mesmo, mas não tinha esse cuidado de bom agora, é hora de dar um texto sobre formas de relevo pros meus alunos da oitava lerem. Então, é estruturar bem a coisa assim né. Até porque, outro problema, outra imperfeição, da aula dele, em minha opinião, é que o mesmo modelo se repetia toda aula. Então, ele ficava falando... Porque isso é uma aula expositiva, tem um debate, mas quem prevalece nesse debate? É o professor né, então acaba sendo uma aula expositiva muito boa, mas a gente sabe criança quatro horas sentada ali numa cadeira totalmente desconfortável, com muito calor ou muito frio e aí só ouvem um professor falando é chato.

P: Dos conteúdos que tu tiveste na universidade. Alguma disciplina, alguma coisa específica, que tu achas que teria sido importante estar presente no EM e que não esteve?

L: Eu acredito que sim, especialmente... Aí eu acho que é uma coisa que depende do professor, por exemplo, eu tive um professor de História que era super Marxista daqueles totalmente engajados. Então, essa parte de teoria econômica capitalismo e socialismo, lá na oitava série, a gente tava bem preparado. Na Geografia, eu acho que a gente teve algumas coisas que ficaram faltando, por exemplo, as cidades é uma coisa que a gente não estuda no EM, nem no EF. A gente acaba não vendo o concreto que é, por exemplo, a cidade, o campo, tipo de cultivo, por que se planta tal coisa. Coisas que sejam baseadas na utilidade desses elementos que fazem parte do espaço, e não necessariamente uma caracterização.

P: Tu achas que a Geografia no EM foi uma facilitadora, ou não, da tua escolha pelo curso?

L: Com certeza! Porque se a Geografia que eu tive tivesse sido uma Geografia apática, com certeza, eu não teria me interessado por Geografia. Aliás, eu sou suspeito porque eu gosto de Geografia. Mas imagino que se tu pegar alguns colegas meus que não seguiram carreira acadêmica e fizer a mesma pergunta, eles vão dizer “eu não amo Geografia, mas eu gosto e sei que é importante porque tive aquele professor.”

P: O que tu percebes do teu EM de Geografia, hoje, presente na tua prática como professor de Geografia?

L: Primeiro, a capacidade de improvisação é importante no professor, não é que eu não planeje a minha aula. Mas um pouco de improvisação, aquele comentário pra mudar um assunto de última hora e ir por outro caminho, isso era uma característica muito importante

naquele meu professor, e eu acho que eu consigo ir bem por essa linha também. Agora, a aula dele me mostrou também o que melhorar. Não é que eu copie ele, mas naturalmente o meu estilo é o mesmo que o dele. Então, por exemplo, a falta de estrutura no conteúdo eu procuro não pecar nisso, eu trago texto, exercício no caderno. Às vezes se eu não me cuido, Opa, aquela turma lá já faz um tempinho que eu não estruturo o que eu estou vendo com eles. Esse meu professor só dava trabalho, não dava prova, eu dou prova individual sem consulta, porque acho que é importante, um momento de induzir o pensamento, mesmo que o aluno tenha que pensar com ele mesmo. Eles me perguntam “professor é com consulta?” Sim, consulta o cérebro, é a hora de pensar. Mas é importante pensar que eu não copio esse meu professor. E vendo, eu acho que pelo fato de a Geografia relacionar muita coisa, talvez seja o modelo adequado pra se dar aula de Geografia. Podem ter modelos melhores? Podem ter. Mas esse dá conta! Eu me sinto muito confortável dando aula assim e os alunos gostam, desde que tu estrutures o conteúdo.

Entrevista 10

Estudante Licenciatura

20 anos

Ingresso no curso de Geografia: 2011

Ano de conclusão do EM: 2007

P: Porque escolheste o curso superior em Geografia e por que tu optaste pela ênfase na licenciatura?

EL: Eu escolhi Geografia, eu demorei um tempão pra escolher, quando eu comecei o vestibular queria o que desse mais dinheiro. Quando vê, pá professor! Não! Ai eu gostava bastante de História e desisti, ai eu fiz o primeiro vestibular direito, depois entrei no cursinho e como eu sou de escola pública né. Quando eu tive contato com a Geografia e com a história foi bem pouco assim. Ai quando eu entrei no cursinho vi que tinha ótimos professores e que Geografia era muito “massa”, era muito bom. Daí eu peguei e fiz vestibular pra História e passei, entrei na História e fiz na PUC Geografia também, fiz um ano tranquei a PUC, e ai agora em 2011 eu troquei pra Geografia aqui. Daí licenciatura mais por que o fato de a gente tá aqui e ser uma escola pública a gente têm que reformar a sociedade por um ensino público

de qualidade. Eu não tive isso, mas quando entrei na área particular eu percebi que tinha umas escolas boas bem remuneradas, então a gente tem que lutar né.

P: Qual a importância que tu credits as tuas aulas no EM de Geografia para essa tua escolha?

EL: Bom, eu não tive na verdade essas aulas, aí quando eu entrei no cursinho eu vi o quanto tá faltando professor de Geografia, os que tem são professores de outras disciplinas na maioria são professores de História que dão aula de Geografia. O cursinho é que me deu oportunidade de aprender alguma coisa e me mostraram o que é Geografia.

P: A visão que tu tinhas da Geografia, da ciência da Geografia antes de começar o curso e agora iniciando o curso está mudando?

EL: É completamente diferente, lá é bem básico mesmo é uma introdução, não se tem muito fundamento assim.

P: E tu sentiste uma dificuldade muito grande?

EL: É bem diferente, exige muito mais.

P: As tuas aulas de Geografia do EM chegou a ter Geografia?

EL: Por três anos.

P: E normalmente os teus professores de Geografia eram formados em história?

EL: Eu tive uma de História e duas de Geografia.

P: As minhas aulas de Geografia do EM teriam sido melhores se...

EL: Se fosse um professor de Geografia empenhado em trabalhar aquele conteúdo e com recursos pra fazer isso. Eu acho que é o que mais falta para o professor, tempo pra preparar uma boa aula, e a escola oferecer recursos pra ele né, pra ele manter a pesquisa dele e poder dar aula.

P: E essas tuas aulas de Geografia no EM tu conseguias perceber a atuação profissional do geógrafo ou do professor, ou tu não enxergavas assim?

EL: Não, nunca passou pela minha cabeça.

P: E essas tuas aulas do cursinho tu achas que elas vão te ajudar aqui, estão te ajudando com as primeiras disciplinas do curso, geologia?

EL: Tá, bastante, que é o que eu deveria ter aprendido na minha vida escolar toda, mas não aprendi.

P: Como eram as tuas aulas na escola?

EL: Eu lembro pouca coisa, livro didático, dá um texto, responde as perguntas e deu, e o mapa, decora as capitais e esses conceitos de relevo e tal.

P: Pra ti as tuas aulas da disciplina de Geografia no EM foram facilitadoras ou não da tua escolha pelo curso?

EL: Não, porque se fosse pelo EM eu não faria Geografia, foi bom porque me incentivou em ser professor.

Entrevista 11

Estudante Licenciatura

21 anos

Ingresso no curso de Geografia: 2011

Ano de conclusão do EM: 2007

P: Primeiro eu queria saber por que a tua escolha pelo curso de Geografia e depois por que a tua escolha pela licenciatura?

EL: Eu sai do colégio em 2007 e logo que eu sai eu fiz técnico em mecânico, daí comecei a trabalhar logo em seguida e dos dezessete anos até o ano passado estava trabalhando direto e fazendo técnico, achava que a minha vida era aquilo ali. Daí eu comecei a me interessar pelo meio acadêmico, daí a minha dúvida era Geografia Sociais ou História, mas aí por causa do campo maior da Geografia que poderia me oportunizar várias coisas, eu escolhi Geografia. E licenciatura porque eu quis fazer pra tentar ajudar alguém de alguma forma entendeu? Tipo, ah trabalhar numa pesquisa, óbvio, é legal, mas é muito individual, tá ligado? A pesquisa satisfaz a curiosidade do pesquisador, daí pra. Daí eu resolvi ser professor.

P: E tu creditas alguma importância às tuas aulas de Geografia do EM pra essa tua escolha pelo curso superior?

EL: Não, praticamente eu não tive Geografia no colégio.

P: Tu tiveste quantos anos de Geografia na tua vida escolar?

EL: Olha, pelo currículo começa na quinta né? E eu nunca tive porque ou faltava professor, ou botava professor de História, ou a “tia de história” ia lá e lia o livro pra nós.

P: Um professor de Geografia qualificado tu nunca teve?

EL: Só no terceiro ano do EM, ele era formado, qualificado tudo, só que a aula dele também não era muito interessante.

P: Então tu dirias que não teve importância na tua escolha? Foram mais fatores de fora foram mais importantes pra tua escolha?

EL: Não! Ah, com certeza.

P: Antes de tu entrares no curso de Geografia a tua ideia sobre a ciência era uma e agora que tu estás começando a cursar as disciplinas a ver os professores. Está modificando isso?

EL: Ah, com certeza, quando a gente não tá no meio a gente acha que pensa e ai já pensa no laboratório, ou... Tá entendendo? Tubos de ensaio. Não, porque o objeto de cada ciência varia muito entendeu? [indecifrável] Tipo, quando a pessoa quer assim , Geografia, História não pensa com uma ciência, ela pensa como um estudo.

P: E o que tu pensavas da Geografia antes se modificou? Porque no primeiro semestre tem, por exemplo, a disciplina de Geografia Humana que é mais teórica.

EL: Sim, quando tu conta pra alguém que tu tá fazendo Geografia a pessoa: “ah, tá e o que tu faz? Vai ver mapa?” E quando não tem nada a ver né. São opções que tu vai te dar.

P: Agora é para tu completares. As minhas aulas de Geografia no EM teriam sido melhores se...

EL: Se houvesse um interesse dos professores de ensinar, eu acho que não tem interesse, o que eu tenho, não querendo me achar. Não sei, talvez pela carreira de professor no Brasil mesmo já a pessoa perde o tesão, mas se houvesse um comprometimento maior.

P: Alguma coisa que tu aprendeste no EM de Geografia e estás percebendo aqui no primeiro semestre do curso ou não? Tem alguma coisa que se relaciona?

EL: Tirando a parte da cartografia da parte básica, ali das projeções não.

P: Tu chegou a fazer cursinho pré-vestibular? E a aula do cursinho teve alguma influência?

EL: À aula do cursinho eu não credito muito a minha formação, o que eu aprendi em Geografia eu estudei em casa. Mas os professores tipo os caras se é professor de cursinho é tua obrigação conhecer a prova da UFRGS de “cabo a rabo” porque tipo e dá, tu mal entende tipo duas aulas pra falar de fuso horário, tipo pro vestibular o tal de fuso horário é meia aula ou um pouco menos.

P: Quer dizer que tu estudavas em casa? Surgiu um interesse pela Geografia e ai tu foi atrás, mas como, na internet em livros?

EL: Em casa, tipo eu nunca tive muitos problemas em tipo no Português, História, e como eu sabia que a nota que eu mais precisava era na Geografia, peso três, ai eu foquei na Geografia.

P: Ah, tá, no momento em que tu decidiste fazer o ingresso na universidade.

P: Para você as tuas aulas de Geografia do EM foram facilitadoras, ou não, da tua escolha pelo curso?

EL: Não.

P: E tu achas que elas vão te influenciar na vida profissional mais pra frente, ou não?

EL: Vão me influenciar pra no caso não me transformar naquilo que eu não aprovava, entendeu? Se eu perceber que eu to agindo da mesma forma que os “caras” agiam eu vou fazer uma baliza pra...

Entrevista 12

Estudante Bacharelado

18 anos

Ingresso no curso de Geografia: 2011

Ano de conclusão do EM: 2010

P: Por que a tua escolha pelo curso superior em Geografia e depois por que a opção do bacharelado como ênfase?

EB: Eu estava no terceiro ano no ano passado e aí a gente começou a ver... Na verdade eu gostava da professora, não bem da professora, mas do jeito que ela ensinava, mas ela gostava muito daquilo e eu gostava do conteúdo que era as coisas do mundo, da atualidade, do que se discutia, de dar o meu ponto de vista aí eu me apaixonei por aquilo. Eu sempre gostei de ensinar desde que eu era pequena, mas eu fui crescendo e vai dando aquele medo. Aí eu escolhi Geografia e decidi pelo bacharelado, o cara me falou que eu poderia fazer os dois, ele falou que era melhor iniciar a licenciatura e depois pedir a permanência para o bacharelado. Então, eu pensei que se no meio do curso eu desistisse de fazer isso eu preferia ter o bacharelado completo porque daí bem ou mal eu poderia dar aula mesmo que eu não fosse graduada porque tem realidades em que falta professor então...

P: Qual a importância que tu dá as tuas aulas de Geografia do EM para tua escolha?

EB: Toda, mais as do terceiro ano.

P: Fala um pouquinho sobre como essa professora trabalhava.

EB: Ela chegava e dizia que ia dar a aula dela sobre determinado assunto e começava a expor só que geralmente era... Porque o nosso terceiro ano foi mais focado pra atualidades e ela colocava coisas do mundo e as notícias que tinham saído em relação aquilo. Cada um colocava as suas coisas e tinham opiniões diferentes e aí, começava o debate. Porque eu considero que a coisa mais importante do mundo é o mundo.

P: A idéia que tu tinhas da Geografia antes de entrar na universidade e agora, o que tu estas percebendo nesse teu primeiro semestre, mudou, não mudou?

EB: Talvez pra melhor, eu achei muito, muito bom o curso. Eu gosto das duas áreas(humanas e exatas), então pra mim o curso é bom. A gente acaba tendo voltado pras humanas mais pro fim, mas eu estou gostando de tudo. Outra coisa que eu achei muito interessante são as pessoas porque eu entrei aqui e comecei a falar com as pessoas e pensei “nossa, as pessoas são iguais a mim, várias coisas de grupo e até no próprio diretório. Eu cheguei assim, e não sabia como ia ser, mas é todo mundo muito disposto, todo mundo querendo que a gente participe. É um curso que te acolhe bem.

P: As minhas aulas de Geografia do EM elas teriam sido melhores se...

EB: Se a professora tivesse uma linha maior de “condutividade” porque era muito bom pra mim só que objetivamente acabava acontecendo um debate maior e com menos conteúdo formal.

P: As tuas aulas do EM de Geografia, agora iniciando o curso, tu consegues ver que elas estão te ajudando em determinadas disciplinas?

EB: Acho que sim, eu percebo isso menos por mim e mais por alguns colegas que tem mais dificuldade, e eu atribuo isso ao meu ensino, de eu não perceber essa dificuldade.

P: E, tu achas que essas tuas aulas do EM vão ter uma influência na tua ação profissional?

EB: Acho que sim, no momento que determinaram a minha escolha de curso.

Entrevista 13

Estudante Licenciatura

20 anos

Ingresso no curso de Geografia: 2011

Ano de conclusão do EM: 2007

P: Por que a escolha da Geografia e por que a ênfase em licenciatura?

EL: Eu escolhi Geografia por que era um curso amplo pra caramba e eu não queria limitar a escolha, eu tinha muita dúvida com que área trabalhar. Eu tava procurando um curso que me permitisse fazer a escolhas depois também né. Porque eu não conhecia universidade e eu escolhi vestibular porque eu queria entrar na universidade, e não porque eu era apaixonado por alguma área. Eu escolhi Geografia porque era muito amplo lá dentro, eu olhei o currículo, as cadeiras, matérias que iam me interessar, um curso que eu ia gostar e eu ia poder fazer mais coisas depois justamente pela variedade de conteúdos, possibilidade de trabalhos diferentes.

L: E a licenciatura?

EL: A licenciatura... foi meio no chute na verdade, mas daí agora eu tô aprendendo a gostar. Eu sempre gostei de ensinar, então eu acho que vou gostar. Mas eu só escolhi licenciatura por que tinha que escolher um. Na hora ali da matrícula tinha que escolher uma e eu escolhi licenciatura, mas era uma coisa que eu não conhecia.

P: Outra coisa que eu queria te perguntar. Qual a importância que tu credits as aulas que tu tiveste de Geografia no EM para essa tua escolha pelo curso?

EL: Nenhuma.

P: Tu tiveste Geografia no EM?

EL: Tive Geografia no colégio, mas no EM o meu professor de Geografia era o meu professor de Educação Física e o do time de futebol e a gente ficava conversando sobre o time, sobre as coisas, a aula era super “matada.” Então era muito engraçado. A gente ficava falando de futebol na aula, ele foi meu professor nos três anos de EM, e no EF eu tive professoras bem chatas, aquela coisa de decorar capitais e decorar um nome que outro tal. E é aquela coisa, eu já não gostava de ir pro colégio e a Geografia entrava no mesmo balaio que todo mundo e não tem nada característico que tenha me chamado atenção. Eu me apaixonei pela Geografia quando eu tive um professor bom no cursinho, o meu professor do cursinho foi espetacular. Bah, não perdia uma aula por nada. Ele falava sobre qualquer matéria com conhecimento, falando da aplicação daquela coisa, de como é que aquilo né, por mais que seja... que tipo de planta que nasce aqui, ele fazia entender “olha cara, faz diferença, os caras vão querer usar essa planta por isso, por isso é que tem uma fazenda desse tamanho. Ele conseguia te fazer entender, “ah, serve pra alguma coisa então”. E era um cara legal também,

era um cara que gostava de ensinar, e como eu não tinha nenhum curso que eu era apaixonado, há, eu quero fazer medicina. Então eu decidi fazer Geografia.

P: A idéia que tu tinhas da Geografia antes de entrar na universidade ela está sendo modificada agora no primeiro semestre do curso?

EL: Sim, agora eu to aprendendo o que é Geografia né, o que de fato eu ainda não sei, mas eu to aprendendo. Tá mudando bastante porque Geografia pra mim... eu nem sei direito o que que era. Vou ser bem sincero, quando eu era gurizão eu queria jogar bola, e só o que me interessava era jogar futebol que era o que todo mundo fazia. E agora eu to vendo que existe um propósito tal...tal...tal... A gente tem agora uma cadeira de Geografia Física em que a gente estuda os movimentos da Terra e até um pouco de clima né, o início, uma base de clima. E a gente estuda o trânsito urbano, que é uma parte que eu sou apaixonado, na Geografia Humana, se eu pudesse eu saia explodindo tudo que é carro na rua aí.

P: Então, por exemplo, esse conteúdo de trabalhar com o trânsito, os movimentos dentro da cidade poderiam estar presentes no teu EM, e não esteve?

EL: Com certeza, esse é o tipo de coisa que eu pretendo fazer, agora, eu estou começando a tentar formar uma imagem minha como professor né, e eu quero levar essas coisas interessantes pra o aluno né. Eu ainda tenho muito vivo a minha imagem de aluno, ainda sou o mesmo aluno do EM, um pouquinho diferente talvez, mas o cara não tá nem aí pra que o professor tá dizendo. O que eu acho que tem que acontecer é que o professor tem que tentar passar o conteúdo na linha do aluno. Se o cara chegar lá e jogar um conteúdo no quadro o aluno não vai estar nem aí, pode escrever o que tu quiser, se tu não souber colocar isso em figuras que eu to acostumado a ver e numa linguagem que eu entenda, realmente, eu não vou colaborar.

P: As minhas aulas de Geografia no EM teriam sido melhores se...

EL: Se o meu professor fosse melhor. Porque eu estudei em colégio público no EM, porque no EF eu estudei no particular, e tinha professores velhos. Eu tive aula com uma senhora que não tinha condições de estar dando aula, uma pessoa que era pra estar sendo cuidada em casa com uma enfermeira, ela não conseguia subir escada e tava lá dando aula pra gente. E tinha professores que não ligavam também né.

P: E as tuas aulas do EM teriam sido melhores também se tivesses tido um professor de Geografia.

EL: Ele era o cara era formado em Geografia, tinha doutorado e tudo, tinha muito diploma. Ele dava os dois e era formado em Educação Física e Geografia, e era um idiota, quer dizer, como amigo ele era legal! Mas como professor de fato ele poderia ter sido melhor. Ele chegava na aula e começava a contar história “então..assim...aqui ó gurizada, aqui é o Rio Grande do Sul,aqui é Santa Cruz... uma vez eu fui pra Santa Cruz lá tinha uma igreja...” - sempre tinha uma igreja, e assim ele contava uma história passava um tempo, ai ele dava um trabalho, não demorava muito, enrolava um pouquinho quarenta e cinco minutos tá liberado.

P: E tu achas que o teu EM vai influenciar de alguma maneira a tua atuação profissional como professor?

EL: Muito, eu vou tentar trazer a galera, fazer a galera entrar na sala de aula e sentar lá dentro. Até porque a gente tinha muito aquela coisa de período adiantado, período vago, período sobrando. O cara descia, não subia mais ficava a mochila dele ali, os que tavam não prestavam atenção na aula, tinha três dormindo, as gurias fazendo as unhas, ai ficava um prestando atenção na aula, e o resto ali. O professor também não queria dar aula por ele tava na sala dos professores. E isso me deixa muito triste porque é um colégio muito tradicional tem espaço pra caramba. Nossa, um sonho. Se a coisa... a educação fosse valorizada ia ser um momento inesquecível! E era aquilo! Mas inspira muito a fazer diferente. E tinha o outro lado também, tinha professores legais, tinha caras que levavam materiais, todos de História foram muito legais, davam conteúdo diferente, coisas que eu nunca achei que eu fosse estudar, eu estudei história da África, a gente estudou um monte de coisa. Os professores faziam diálogo com a gente, faziam uma aula diferente. Então tinha todo tipo de professor e tinha todo tipo de aluno. No caso da Geografia que eu tive um professor que não tava muito interessado, vai que em alguma fase da vida ele resolve se interessar e dar uma grande aula.

Entrevista 14

Estudante Bacharelado

23 anos

Ingresso no curso de Geografia: 2011

Ano de conclusão do EM: 2008

P: Por que a escolha da Geografia e por que a ênfase em bacharelado?

EB: Eu sai do colégio e não sabia bem o que eu ia fazer e daí eu fui começando a tentar entender o que era o processo de construção de conhecimento dentro de uma faculdade e daí eu achei que a visão do profissional que sai da faculdade e que mais ia se adequar a minha e que eu mais ia me encaixar ia se a do geógrafo pela liberdade de ação e a variedade de temas, variedade de estruturas, o conhecimento técnico e humano que tu acabas construindo, e foi isso.

P: Tu credits as tuas aulas de Geografia do EM essa tua escolha?

EB: Não, nada.

P: Tu tiveste aulas de Geografia nos três anos do EM? E como eram essas tuas aulas?

EB: Sim, eu tive. Eu não junto todos em um só porque eu tive um que fez um trabalho diferente, um trabalho de pesquisa no final do terceiro ano, mas amplo, dava pra tu escolheres muitas coisas pra ler sobre, foi uma das coisas que eu gostei de fazer, de resto, eu odiava aquela história de pintar “mapinha” e de olhar globo, eu nunca conseguia entender por que eu estava pintando um mapa.

P: Então, essas tuas aulas do EM não foram facilitadoras para a escolha do teu curso:

EB: Não.

P: Tu foste te interessar pela Geografia quando começaste a procurar o curso para entrar na universidade?

EB: Eu sai da universidade juntei uma grana e fiz um “mochilão” pela América Latina. Depois desse “mochilão” pela América Latina eu pensei “puxa, tem tanta coisa que a gente não sabe, como é que dá pra aprender isso.” Então, eu acabei entrando num cursinho e dentro do cursinho acabei achando um “cara” que me ajudou muito pra entender isso. O “cara” era professor de Geografia, não foi só pro isso, eu já tava no cursinho pra fazer Geografia, mas acabou complementando de confirmar o que eu tava achando. Eu sai do EM pensando em não fazer faculdade.

P: As minhas aulas de Geografia no EM teriam sido melhores se...

EB: Se a gente aprendesse mais Geografia de fato, Geografia crítica de fato, não aquela “coisinha” de vamos ter uma aula de globalização e na aula de globalização ninguém fala nada de globalização. Aquela coisa de lacunas enormes, conceitos amplos demais. Tu não tens uma aula de fuso horário que vai te ensinar por que as coisas estão assim, quando é que isso começou, quando é que foi preciso fazer o primeiro fuso-horário, não tem essas coisas assim. Eu não consigo decorar coisas, eu tenho que entender o processo. É uma visão mais difícil para o profissional que está ali passar, mas eu acho que seria mais gratificante para o aluno e até para o professor.

P: Que idéias tu tinhas sobre a Geografia antes de entrares no curso? E agora, no teu primeiro semestre como é que está se modificando ou se afirmando isso?

EB: Eu achava que era mais livre, que era mais amplo e livre mesmo, que as cadeiras obrigatórias eram menos fechadas em si, eu achei que o pessoal ia começar a integrar tudo com tudo, e não continuar a dividir as coisas. A segmentação tá me deixando bem decepcionado.

P: Tu estavas em busca de uma coisa mais coesa:

EB: Não coesa no sentido de uma verdade, mas coesa no sentido de: “relacionem o tipo de planta que tem aqui com o tipo de cultura que tem aqui” Iria dar muito mais trabalho pra todo mundo, mas paciência. É aquela coisa de tu ter o conhecimento pontual e específico e o conhecimento mais amplo mais holístico. O determinismo e o holístico realmente integrados, eu achei que, pelo menos aqui, fosse começar a acontecer. Eu estou esperando ainda.

P: Das coisas que tu aprendeste no EM tu estas usando aqui nas disciplinas, esta te servido como base, ou não:

EB: Não, muito pouco, alguma coisa de funcionamento coisas básicas, mas de profundo alguma coisa de Geografia física, de cartografia, mas na parte de humanas não existe. Estudar globalização com textinho não dá, é um assunto denso, não tem como deixar tão leve.

P: E tua achas que esse teu EM vai ter alguma influência na tua atuação profissional, depois quando formado como geógrafo, ou não:

EB: Eu acho que já tá tendo. Eu entrei no bacharel e estou pensando em fazer licenciatura pra ver se eu consigo aquela coisa de se ninguém for fazer o “troço”, talvez, eu tenha que fazer. Eu estou pensando em pegar licenciatura, justamente, pra tentar ver se o que eu penso dá pra ser aplicado.

P: Tu conseguias entender a função do bacharel e pensar a atuação profissional do bacharel: As tuas aulas do EM te permitiram ver a atuação do profissional enquanto geógrafo:

EB: Não. Eu achava que era um agrônomo, um cara que construía mapas e aí tu podes dar o nome que tu quiseres para o “cara” que construía mapa, mas não necessariamente um geógrafo.

P: E tu achas que teria sido importante ter um pouco presente no EM, não que vá formar futuros geógrafos, mas compreender que existe aquela atuação profissional:

EB: Eu acho que como um todo, tanto geógrafo, como historiador, bacharel, físico, matemático, eu acho que faz falta. Não dá pra associar o “cara” que tá na TV falando sobre pré-história com o teu professor de história, são coisas diferentes, não, esse “cara” fez outra faculdade é outra coisa.

Entrevista 15

Estudante Bacharelado

21 anos

Ingresso no curso de Geografia: 2011

Ano de conclusão do EM: 2008

P: Por que a escolha da Geografia e por que a ênfase em bacharelado?

EB: Eu escolhi Geografia porque sempre foi minha matéria preferida, em casa antes de ir pra escola eu já gostava bastante de Geografia, aos seis anos já sabia o nome de algumas capitais e tal, já decorava e era louco por ver mapas, ganhava brinquedos educativos relacionados à Geografia era montar o mapa, saber sobre países. Quando eu tinha dez anos eu ganhei um Almanaque Abril de tanta curiosidade que eu tinha por dados geográficos, então foi isso, Geografia foi uma coisa que tá comigo desde pequeno. Agora eu resolvi cursar e

aprofundar esse conhecimento. A escolha do bacharelado foi pela vontade de atuar, de fazer, de ver o mundo, de ver lugares e situações como geógrafo.

P: A importância das tuas aulas de Geografia do EM nessa tua escolha?

EB: No EM eu tive professores bons, eu diria, mas independente das aulas a minha escolha teria sido essa. Não foi o que me influenciou, até gostava porque às vezes provocava um professor eu discordava dele, eu tinha meio que uma rixa com alguns professores, mas não me influenciou.

P: Depois de entrar no curso de Geografia como essa tua idéia da Geografia está sendo transformada agora nesse primeiro semestre do curso, está correspondendo ao que tu esperavas, está moeu diferente?

EB: Alguns pontos me surpreendem a questão da Geografia humana, que seria a historiografia do sensoriamento geográfico, me surpreende como ele se formou até agora. Acredito que é tudo dentro de um esperado, está correspondendo.

P: As tuas aulas de Geografia do EM teriam sido melhores se...

EB: Elas teriam sido melhores se tivessem sido outros recursos como vídeo, não só professor e, além disso, experiências como viagens em que pusesse o estudo da Geografia e a Geografia como objetivo da viagem. Fazer trabalhos, sair pela cidade, fazer Geografia.

P: E as tuas aula de Geografia do EM estão te respaldando para o início do curso te serviram como uma base?

EB: Eu acredito que se aliadas ao conhecimento que eu já tinha e ao que eu tenho. Porque Geografia eu estudava por gosto e sozinho, elas complementam eu diria.

P: E como eram essas tuas aulas do EM?

EB: Elas tinham um padrão, se via um capítulo da apostila de Geografia a professora explicava com textos, no quadro e, alguns assuntos se debatia, outros passavam em branco. Então era feita a avaliação, e era assim assunto/atividade, assunto/atividade, prova, não fugia muito disso.

P: E tu achas que essas tuas aulas do EM vão ter alguma influência na tua atuação profissional daqui a quatro anos formado?

EB: Eu acho que sim, até por que eu faço bacharelado no momento, mas eu pretendo complementar com a licenciatura. Eu acredito que, talvez, a lembrança das aulas pra licenciatura, pra se um dia eu estiver em sala de aula pode me ajudar sim.

Entrevista 16

Estudante Licenciatura

19 anos

Ingresso no curso de Geografia: 2011

Ano de conclusão do EM: 2008

P: Primeiro eu queria ver por que a escolha pelo curso superior em Geografia e depois por que a ênfase na licenciatura?

EL: O que mais me influenciou na escolha da Geografia foi a geopolítica, eu tive um professor maravilhoso no segundo grau e que me fez refletir, e me fez procurar e buscar livros. Eu vi que se eu quisesse fazer alguma coisa assim eu teria duas opções: ou poderia fazer Geografia, ou poderia fazer RI (Relações Internacionais), só que na RI eu não teria aquele conhecimento maior de cada país, de cada estado, eu ficaria muito na parte política. Para entender tudo melhor a Geografia seria a melhor opção, então foi ali que eu fiz a minha escolha. Começou pela geopolítica, e agora aqui dentro do curso, eu abri outros caminhos. Eu to vendo que a Geografia Física também é interessante. Coisas que até então eu não achava interessantes e que não me despertavam interesse nenhum, mas que agora eu to gostando.

P: E a licenciatura?

EL: Bom, sou filha de professor né. Então eu sempre via meu pai e minha mãe falando na mudança que eles iam... Minha mãe trabalha numa vila assim, então o que ela incentiva e o que ela podia ela tá ajudando. Ela viu alunos entrando na faculdade, tinha alunos que iam pra outros lados que eram presos, que morreram no meio do tráfico. Então, eu senti que eu podia fazer parte dessa mudança e um dia mudar a vida de algum aluno. Foi isso que me influenciou pela licenciatura.

P: E que importância tu creditas às tuas aulas do EM da disciplina de Geografia para essa tua escolha?

EL: Em função desse meu professor, ele influenciou total, o jeito que ele trabalhava com a gente quando ele via que a gente não tinha conhecimento nenhum dos conflitos ele explicava desde o início como se estivesse falando com uma criança, por mais que fosse EM, ele tinha toda aquela paciência e foi o que me deixou mais encantada.

P: A idéia que tu tinhas da Geografia antes de entrar no curso e agora que está iniciando as disciplinas e tudo mais, está se transformando essa tua idéia?

EL: Está. Eu tinha uma idéia do que eu tive no colégio e mais um pouco de outro lado, mas agora eu vejo que é bem diferente. Eu vejo muito mais coisas que nunca tinham passado pela minha cabeça. Eu estou vendo mil coisas que eu nunca... Nunca imaginei a geografia trabalhando com pólos, talvez um biólogo, coisas que acabam deixando o pensamento muito pequeno. Agora eu vejo o quanto a Geografia é ampla, é muito mais ampla do que eu imaginava.

P: As coisas que tu aprendeste no EM, elas estão sendo importantes pra iniciar o curso, elas estão te servindo como base?

EL: Sim, eu aprendi bastante coisas, eu tive uma base bem boa até chegar aqui.

P: Minhas aulas de Geografia no EM teriam sido melhores se...

EL: Teriam sido melhores se tivesse um pouco mais de Geografia Física, tivesse visto mais. Porque o meu primeiro vestibular foi pra Biologia e depois eu comecei a pensar na Geografia, se eu tivesse mais Geografia Física, se o professor fosse melhor do que ele foi eu teria, ainda, escolhido Geografia primeiro.

P: As tuas aulas de Geografia foram facilitadoras, ou não, pela tua escolha do curso?

EL: Foram facilitadoras.

P: E tu achas que enquanto profissional daqui a quatro anos quando tu graduares elas terão importância na tua atuação profissional, vão te influenciar?

EL: Com certeza, eu acho que vou me basear muito nesse meu professor. A paciência que ele tinha, a didática, isso é uma coisa que eu sempre lembro. Espero que quando eu me formar e for trabalhar em uma escola eu seja como ele. Porque ele foi um grande exemplo pra mim.

Entrevista 17

Licenciado

25 anos

Ano de conclusão do Curso de Licenciatura em Geografia: 2010

Ano de conclusão do EM: 2003

P: Primeiro eu queria ver por que a escolha pelo curso superior em Geografia e depois por que a ênfase na licenciatura?

L: A escolha da Geografia é pelo fato de ter uma variedade maior de assuntos, pelo fato de eu sempre ter gostado de paisagem e olhar montanhas esse tipo de coisa, eu sou um cara muito visual. A escolha de professor tem a influência de um professor meu, que ele tava dando aula e saía, e entrava nos assuntos o tempo todo, só que ele ficava dentro da Geografia. Então, ele ia fazendo uma relação, mostrando que as coisas não funcionam separadas, elas funcionam juntas existe um contexto. Acho que por isso, ele me influenciou muito.

P: A minha próxima pergunta seria qual a influência do teu EM, esse professor foi no EM?

L: Foi no EM, primeiro ano do EM, e até hoje eu tenho contato com ele e disse pra ele que o motivo pelo qual eu escolhi Geografia foi pelas aulas dele, m e agradeço as aulas dele.

P: A idéia que tu tinhas da Geografia antes de entrar na universidade e depois quando tu entraste e começaste a cursar as disciplinas do curso ela se modificou muito?

L: Sim, se modificou muito porque eu gosto da Geografia escolar, mas não gosto da Geografia acadêmica. A Geografia acadêmica se torna um pouco maçante, muitas vezes, muito específica. O fato de eu não ter escolhido o bacharelado é porque eu gosto da Geografia escolar, do livro didático, desse equilíbrio didático com a Geografia. A Geografia acadêmica às vezes fica meio chata. Só que quando eu entrei gostava muito mais da parte humana e quando eu me formei já estava gostando muito mais da parte natural da Geografia, não que não

tenha relação, mas eu via muito mais facilidade pra ver ganchos com a natureza puxando pro humano do que vice versa. Então eu acho que mudou muito a minha visão de Geografia, mudou bastante.

P: E tu esperavas pelo que tu teve no teu EM...

L: Acho que mais pro final do curso eu fiquei mais consciente de que a gente pode fazer uma Geografia nossa. Então acho que pra mim ficou mais fácil quando eu comecei a ver a Geografia do meu modo e comecei a me estimular a fazer a minha Geografia, não querendo inventar nada novo, mas eu podia me apropriar de outras coisas. Eu vi que não precisava ficar restrito aquela coisa da humana, não que ela não seja importante, mas ela tem que ser abordada de uma maneira diferente.

P: Do que tu tiveste no teu EM, que tu me falou que teve uma influência grande para ti, tu conseguiste perceber nas disciplinas do curso algo que te serviu como base, como subsídio para teres mais tranqüilidade para passar por essas disciplinas do curso, ou não?

L: Bom, eu estudei em escola pública a minha vida toda, só isso já me remete a dificuldade que eu tive porque a escola pública tem uma base mais fraca, evidentemente, que a escola particular. Mas muita discussão que eu vi, principalmente no primeiro ano, com o professor esse que me influenciou foi a forma que eu vi depois da Geografia aqui, principalmente a parte de metodologia, a de como ver a Geografia em um contexto maior, misturando temas, nesse ponto sim, mas em questão de conteúdo muito pouco, até porque eu só me lembro do primeiro ano.

P: E esse teu professor foi no primeiro ano?

L: Foi no primeiro ano do EM, os outros dois ficavam enredados ao “conteudismo” “hoje é rocha, hoje vai ser população”, isso não me trazia nada porque as outras disciplinas já eram assim. Então esse cara era diferenciado, é até hoje.

P: Bom, agora essa pergunta tu já me respondeste um pouco. A disciplina de Geografia no EM foi ou não facilitadora da tua escolha pelo curso?

L: Foi determinante, eu não teria escolhido Geografia, mas também tem a questão de quem lecionou Geografia pra mim, que era um cara cativante. Foi determinante, se eu não tivesse tido aquele primeiro ano, talvez eu não escolhesse Geografia.

P: E agora, as minhas aulas de Geografia no EM teriam sido melhores se...

L: Eu vou tomar como parâmetro o meu primeiro ano. Se elas tivessem desenvolvido mais a visão geográfica propriamente dita, a gente faz Geografia sem uma visão geográfica. Eu acho que ela teria sido mais interessante se elas tivessem uma abordagem mais complexa, que misturasse mais os temas e que percebesse que a população também tem uma relação com a base material, que a natureza influencia a sociedade e vice versa. Talvez se eu tivesse tido três anos com a mesma força do primeiro eu tivesse entrado com mais convicção, mas hoje, eu tenho essa convicção.

P: E das coisas que tu viste aqui na universidade enquanto disciplina ou uma parte de uma disciplina. O que tu achas que deveria estar presente no EM e que não esteve?

L: Eu acho que um pouco de reflexão crítica, não a Geografia crítica, mas uma visão maior sobre a Geografia, sobre o espaço, do que a gente vive diariamente. Quase sempre o conteúdo de escola ele se afasta da nossa vida, eu acho que foi isso que faltou levar um pouco. Às vezes a Geografia ela tende pra um lado crítico forte aqui e lá da escola, muitas vezes o professor tem medo de se incomodar com a reflexão crítica eles tem um pouco de preguiça de elaborar temas mais fortes porque tem muitas turmas, seja lá o que for. Mas eu acho que falta reflexão se não o espaço de Geografia fica muito em termos de “decoreba”.

P: E hoje, na função que tu exerces enquanto professor de Geografia tu percebes uma influência do teu EM já na tua atuação profissional?

L: Eu percebo um... Volto pro meu primeiro ano, aquelas entradas e saídas da transversalidade que eu faço, claro, me apoio muito no que eu vi na escola. Não quero fazer com a mesma habilidade que ela fazia, nem tenho essa pretensão, mas eu vejo que a aula desse professor do primeiro ano, não do terceiro, mas do primeiro, eu vejo que me deram o norte como professor.

Entrevista 18

Estudante Licenciatura

17 anos

Ingresso no curso de Geografia: 2011

Ano de conclusão do EM: 2010

P: Primeiro eu queria ver por que a escolha pelo curso superior em Geografia e depois por que a ênfase na licenciatura?

EL: A escolha por ser professor veio de influência de alguns professores, que eu tive alguns bons e alguns maus exemplos também, que de alguma forma influenciou, inclusive os maus exemplos. Depois as três matérias que eu fiquei não eram muito parecidas, era Inglês, Física e Geografia. Mas até o que acabou pesando a favor de Geografia foi que eu só tive dois professores no EF, e foram dois professores muito, muito bons. Professores e que eu acho, que influenciaram muito na minha decisão, eles fizeram que aflorasse essa vontade.

P: Então, primeiro decidi “ah, eu quero ser professor” e depois tu fostes escolher qual a disciplina tu gostarias de trabalhar enquanto professor? Tá, então na verdade, tu já respondeste a minha próxima pergunta. Que é qual a importância do teu EM de Geografia para tua escolha do curso?

EL: A importância é total. O EM principalmente, eu tive um professor que ele muito jovem, ele fez licenciatura aqui na UFRGS. Eu acho que estava no primeiro ano quando ele concluiu o mestrado, ele devia ter uns vinte e dois anos. Ele, com certeza, influenciou bastante a minha decisão. Não diretamente, mas as aulas dele.

P: Então as tuas aulas de Geografia do EM foram muito importantes para tua escolha para o curso?

EL: Muito, muito.

P: Bom, na verdade a minha próxima pergunta acaba mais de acordo com as outras pessoas, mas vamos lá. Sempre pode melhorar. As minhas aulas de Geografia no EM teriam sido melhores se...

EL: Realmente, eu não tenho o que dizer! Foi um exemplo ótimo! Um projeto diferente que ele fez foi uma ou duas cadeiras de economia. Então, ele desenvolveu esse projeto conosco, onde conforme a nota do primeiro trimestre cada aluno virava uma empresa com um valor “X” nas ações da sua empresa. Ele mapeava, usava uma forma pra mapear, mas as notas de todas as disciplinas, por exemplo, eu era uma empresa que tinha lá que tinha duas ações a 40 pra vender. Ai, a gente ganhava um envelope com as duas ações da sua empresa. Mais um “valor ‘X’” de dinheiro fictício, que agora eu não lembro quanto, mas, enfim, pra

comprar e vender as ações e conforme o aumento ou a diminuição das notas do segundo semestre as ações valorizavam ou desvalorizavam. Então, conforme vinham vindo as notas das provas a gente comprava vendia as ações com os colegas. Esse é um dos exemplos, esse era um professor bem diferenciado, com certeza, do EM era o meu melhor professor.

P: A tua idéia de Geografia antes de entrares no curso e agora que iniciou o curso, as disciplinas, mudou muito, não mudou?

EL: Por enquanto, tá no primeiro semestre, então tudo muito recente. Na minha opinião é um EM mais aprofundado, é óbvio, mas é tudo bastante parecido com o EM. Até agora, a gente saiu de uma aula de cartografia e tinha gente falando “ah, tinha bastante matemática” eu não sei como as pessoas achavam que Geografia não ia ter Matemática se Matemática tem peso dois no vestibular. As pessoas tem uma idéia errada do que é Geografia.

P: E tu achas que tu tinhas isso mais presente pra ti e aí o curso correspondeu as tuas expectativas?

EL: Com certeza, correspondeu.

P: Dessas tuas aulas do EM tu elas estão te servindo como uma boa base para as disciplinas aqui, tu sentes que tu tiveste boas aulas que te permitem aproveitar bem as disciplinas da universidade?

EL: Sim, claro que ajuda, mas, por exemplo, eu poderia ter aqui eventualmente algum colega do EM que também tivesse feito vestibular pra Geografia e também tivesse ingressado. Não sei, até agora, estou tendo um desempenho muito bom em todas as disciplinas, mas acho que ele poderia ter tido as mesmas aulas que eu, e não estar aproveitando da mesma maneira. Acho que tem uma relação, mas não é diretamente proporcional.

P: E tu achas que essas tuas aulas do EM vão influenciar na tua atuação profissional, vão estar presentes quando atuares como licenciado?

EL: Claro, até porque no momento que tu sabes que vais ser professor, tu já analisas “ah, podia fazer isso diferente ou, isso é legal de fazer”, então tu já vai analisando como podias melhorar aquela aula, dar um exemplo mais lúdico.

Entrevista 19

Estudante Bacharelado

21 anos

Ingresso no curso de Geografia: 2011

Ano de conclusão do EM: 2007

P: Primeiro por que tu escolheste o curso de Geografia e depois por que a ênfase no bacharelado?

EB: Bom, na verdade eu quero fazer os dois, quero concluir os dois. Eu escolhi a Geografia por que eu queria engenharia ambiental ou meteorologia, mas tava muito difícil passar no vestibular eu ia ter que estudar mais uns dois anos. Então, eu escolhi Geografia porque tem a ver com a área ambiental e com meteorologia também.

P: Qual a influência da aula de Geografia no EM para tua escolha?

EB: Eu só fui ter uma aula boa de Geografia no terceiro ano do EM porque o professor era muito bom, acho que isso me influenciou de certa forma, ficou como lembrança.

P: Antes do já tinhas esse interesse pela área ambiental ou não?

EB: Já tinha.

P: Esse teu professor do terceiro ano? Como eram as aulas dele?

EB: Eram bem dinâmicas, ele tinha um tom de voz bem alto e conseguia prender a turma na aula dele. Eu acho que isso foi o diferencial dele em relação aos outros professores e as aulas dele eram muito boas.

P: A visão que tu tinhas da Geografia antes de entrar no curso e agora, que tu começaste a cursar as disciplinas e conhecer o curso está muito diferente, era como tu esperavas?

EB: Por enquanto é o primeiro semestre, mas muita coisa que eu tive aqui ou no cursinho eu não tive no colégio. Muita coisa eu to aprendendo aqui, aqui e no cursinho.

P: Tu fizeste cursinho pré-vestibular: E as aulas do cursinho eram boas?

EB: Sim, eu fiz e eram boas.

P: Te chamou atenção essas aulas?

EB: Me chamou atenção era a parte que eu mais gostava.

P: Alguma coisa que tu aprendeste no colégio e que tu estas usando aqui nas disciplinas, ou não?

EB: O que eu me lembro de mais forte é geopolítica.

P: E a parte da Geografia física geomorfologia, geologia como é que foi?

EB: Não me lembro bem das aulas.

P: Não estão presentes para ti, não te marcaram?

EB: Isso, não me marcaram.

P: Tu pretendes ser bacharel em Geografia e tu achas que vai ter alguma influência na tua atuação profissional essas aulas de Geografia que tivesses no EM?

EB: Pouca, eu acredito, bem pouca.

P: Esses dois anos do EM, primeiro e segundo ano, tu tiveste aula de Geografia?

EB: Tive, mas não eram tão boas assim.

P: Bom, digamos, se eu te perguntar assim: as minhas aulas de Geografia do EM teriam sido melhores se...

EB: Se os professores fossem melhores preparados para conduzir a turma, e fazer um trabalho mais dinâmico, que é o que está faltando na escola pra atrair os alunos.

P: Tu lembras se eles eram formados em Geografia?

EB: Não sei te dizer, mas acredito que sim.

P: Tu acreditas que as tuas aulas de Geografia do EM foram facilitadoras para tua escolha pelo curso?

EB: Não, eu acho que não. Só como eu te falei, no último ano talvez.

P: Os outros anos não te afastaram da disciplina, mas também não te chamaram atenção para ela.

EB: É bem assim como tu disse.

Entrevista 20

Estudante Bacharelado

19 anos

Ingresso no curso de Geografia: 2011

Ano de conclusão do EM: 2008

P: Primeiro por que a tua escolha do curso superior em Geografia e depois porque a ênfase no bacharelado:

EB: Eu queria fazer pesquisa, então essa é a ênfase, eu optei por conta da amplitude que tu achas no curso. Eu queria Geologia antes e era muito específica, então a amplitude que tu encontras no curso foi o que mais me chamou atenção. Tu encontras todas as áreas que tu quiseres no curso, um exemplo, é tu teres cadeiras de todos os cursos, tem cadeira de Biologia, de economia, então eu acho que foi por isso que me fez escolher.

P: E nessa tua escolha do curso superior tu atribuis alguma influência as tuas aulas de Geografia do EM.

EB: Não, no colégio, eu não tinha muitas coisas e eu não curti muito o professor, então eu acho que isso te influencia muito, ser professor influencia muito, acho que por isso eu não faria licenciatura. Porque eu não seria uma boa professora, mas eu acho que no colégio eu não tinha uma boa base, o que me influenciou mesmo foram as aulas do cursinho.

P: Essas aulas te chamaram atenção:

EB: Sim, porque ai eu tive Geografia, porque no colégio eu realmente não tinha a gente passa muito por cima do conteúdo.

P: Como eram essas tuas aulas do colégio, eram centradas no livro didático, elas eram só faladas:

EB: No EF era o livro, só que é um tempo em que tu não te preocupas muito em querer saber. No EM era semestral, então não tinha muito tempo pra abordar o conteúdo,

tinha um semestre pra História e um semestre pra Geografia. Tinha cinco períodos por semana, mas eu não ia na aula.

P: Não ia na aula de Geografia?

EB: Geografia era uma que eu nunca ia, ia depois fazer a prova e tal, eles abordavam muito o que trazia no atual, não abordavam o livro.

P: Qual a idéia que tu tinhas da Geografia antes de entrar na universidade, e agora que tu começaste o curso, as primeiras disciplinas? Mudou?

EB: Olha, acho que mudou pra melhor, eu tinha uma idéia bem básica porque queira ou não, como é um curso que tu aprende no colégio tu tem uma idéia que tu vai aprender aquilo que tu viu no colégio e totalmente ao contrário. Eu acho que a visão melhorou muito.

P: As minhas aulas de Geografia no EM, elas teriam sido melhores se...

EB: Se os professores tivessem sido professores, eu acho que Geografia é um curso que ou tu tem um diálogo com o teu aluno ou tu não vai conseguir porque seguir o livro não funciona. Não é uma Matemática que é uma coisa exata, é um curso em que tu gira no atual e se não tiver um diálogo com teus alunos tu não vai melhorar, então eu acho que teria melhorado se tivesse um diálogo melhor com os alunos.

P: As tuas aulas de Geografia foram ou não facilitadoras pela tua escolha pelo curso?

EB: Não foram. Eu acho que tive uma grande influência da minha irmã que me mostrou muitas coisas. O professor do cursinho foi professor, então eu acho que a partir do momento que eu conheci o curso eu comecei a gostar mais.

P: A tua irmã é formada em alguma área?

EB: Em Biologia.

P: Tu achas que essas tuas aulas do EM vão ter alguma influencia na tua atuação profissional depois como geógrafa?

EB: Eu acho que não porque eu não vou querer ser professora, se eu fosse professora teria porque eu seria totalmente ao contrário dos meus professores, ma eu acho que como eu quero trabalhar com pesquisa não vai influenciar muito.